Teixeira de Queiroz

A Caridade em Lisboa

COMEDIA BURGUEZA

A CARIDADE EM LISBOA

VOLUME I

COMEDIA BURGUEZA

A CARIDADE EM LISBOA

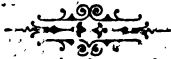
POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

PRIMEIRA PARTE

A ESMOLA

Quando pois dás a esmola não façãs tocar a trombeta deante de ti...

Do *Sermão da Montanha*.

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
50 e 52, Rua Augusta, 52 e 54
1901

La plupart des drames sont dans les idèes que nous nous formons des chosès. Les événements qui nous paraissent dramatiques ne sont que les sujets que notre âma convertit en tragédie ou en comédie, au gré de notre caractère.

M. DE BALZAC — *Modeste Mignon.*

CARIDADE

PRIMEIRA PARTE

A ESMOLA

Quum ergo facis eleemosinam, noli tuba canere ante te...

Quando pois dás a esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti...

Do Sermão da Montanha (S. MATTH.)

I

FIVE O'CLOCK

velha marqueza de Ermello collocou ao lado da caixa d'oiro a *bonbonnière*, depois de ter refrescado com uma violeta cristalisada, a bocca palida. Bateu com os nós dos dedos sobre a mesa a que presidia, exclamando:

— Annica! Estas senhoras podem impacientar-se de te ouvir...

Delicado sussurro de não approvação. Os leques adejaram, levantando sorrisos e pensamentos até ao tecto de carvalho esculpido. A reprehendida exhorou:

— Deixe-me dizer o que penso, minha tia. Estas senhoras não estão tanto contra mim. A Rosal ri-se, não vê?...

Observou a encantadora e loira condessa:

— Pois quem se impacientará comtigo que és o espirito e a graça!...

No solemne e amplo espaldar da cadeira de pau sancto, apoiando-se-lhe nos braços, recostou a velha marqueza o seu tronco fatigado. Do olhar tranquillo e do rosto ascético sahia-lhe a natural expressão de cordealidade e dominio. Entreabriu a caixa d'oiro de onde aspirou o cheiro activo do rapé, que lhe dava clareza ao entendimento e do mesmo passo lhe enchia este momento de repouso. Depois continuou na sua voz ligeiramente nazal e ponderada:

— Devemos preferir para o nosso... não sei como lhe chame... instituto, um nome singelo. O que tu propões, Isabelita, não diria bem n'um ajuntamento de senhoras (sublinhou com malicia) muitas das quaes são novas e solteiras... *Os pequeninos* seria apropriado para uma créche, para uma roda se ainda existissem d'estas piedosas casas; mas para uma associação, que tem por fim especial acudir ás miserias de todas as edades...

— E *Os Miseros*? — lembrou de longe Maria da Soledade, magra, luneta encavalgada n'um grande nariz osseo, aspecto de litterata de provincia.

A velha marqueza conhecera-lhe a voz masculina.

Assestou o poderoso *lorgnon* de tartaruga para lhe falar:

— Foste tu Maria? Parece-me republicano de mais. Sabe-me a Victor Hugo. Tu és tão lida... Com franqueza, antes preferiria *As Migalhas* da Souzel, apesar de me parecer muito litterario...

— Mas esse é elegante — pronunciou com vivacidade Annica de Sousa.

— Não se tracta de elegancia, menina — disse reprehensiva a velha marqueza — tracta-se de caridade e só de caridade.

— Podendo-se junctar as duas coisas, querida tia ... — observou a condessa de Rosal.

— Cala-te Gabriella, não a acompanhes que a excitas — ponderou a fidalga, que voltando-se para um grupo de senhoras, onde falava animadamente a viscondessa d'Aguas-Santas, disse, para lhes impôr silencio:

— Talvez ali a senhora viscondessa nos traga o nome que procuramos. Sabe que tenho sempre em grande preço as suas palavras e lembranças...

A Aguas-Santas inclinou ligeiramente a cabeça no meio d'um sorriso geral:

– Não, senhora marqueza, n'este momento não tenho nenhuma lembrança. Referia a estas senhoras a pratica do padre Delombe, que hontem ouvi em S. Luiz dos Francezes e que falou magnificamente ácerca do mesmo que aqui nos reune.

— Estavamos todas dentro do assumpto, vejo — concluiu a velha marqueza adoçando a palavra com o

seu permanente sorriso. Mas que estás tu a olhar para mim, Thereza, que parece quereres communicar-nos alguma coisa?

A condessa de Souzel encontrava-se ao fundo da mesa. Adeantando o seu grande busto, respondeu:

— É que não fui eu, querida marqueza, que tive a idéa d'*As Migalhas*; mas sim o meu confessor, o excellente padre Coitinho, que é homem de muita critica e saber. O seu a seu dono, se o adoptarem a elle o devem, que não a mim.

N'este momento, uma senhora pequenina e magra, cabeça emplumada com a d'um general, fez ouvir a sua voz delgada como um fio d'agua, e quebradiça como um pedaço de vidro:

— A adoptarmos a lembrança do confessor da senhora condessa, acho muito mais *chic*, sómente *Migalha*.

Condensaram-se as attenções n'um silencio que durou meio minuto. A velha marqueza franziu o sobr'olho para melhor comprehender, mas desanuviando-se, observou:

— Não lhe parece a mesma coisa? senhora viscondessa da Maya!

— Fazem sua differença, o singular do plural...

Então falou uma senhora, soberba de carne, vestida com sumptuosidade e riqueza. Voz pastosa, porém mais bem modelada do que a de Maria da Soledade. Parecia querer mostrar desprendimento e negligencia de phrase:

— Trago um nome, que me lembrou ao sahir do ba-

nho. Talvez não gostem ; mas já tem a approvação de meu marido.

— Qual é, minha senhora ? — inquiriu a velha marqueza, aspirando de novo o cheiro do rapé, que lhe aclarava as idéas.

— *A Regeneração!*...

— Isso é o nome d'um partido politico ! — observou a fidalga com ironia na voz e no olhar.

Abriram-se os leques para esconder os sorrisos mordentes. Passou um sussurro, ligeiro como o vento. A corajosa condessa de Peixoto-Alves sustentou-se com energia na sua opinião :

— Pois não estamos nós aqui, para regenerar alguma coisa ?

— Perfeitamente, minha senhora, concordou a marqueza. Quem faz o bem e livra do mal, póde-se dizer que regenera. Vossa excellencia, uma das pessoas mais caridosas de Lisboa e cuja grande fortuna faz sentir os seus beneficios nas casas dos maiores desgraçados, de certo tem roubado ao vicio e ao peccado dezenas e talvez centenas de raparigas. Creia que o seu proceder é approvado por toda a gente e tem toda a minha admiração. Mas queriamos, para a nossa obra, nome modesto e que désse pouco nas vistas. *Regeneração* é impressionante, não ha duvida, porém acho o muito... não sei com o diga... sonoro, talvez ..

A attenção decorativa com que todas sublinharam estas palavras, satisfez por completo a condessa de Peixoto-Alves, que se sentou contente, sob o sorrir carinhoso das suas companheiras. A presidenta, para

metter ordem nos espiritos, entendeu que devia intervir pessoalmente no debate, dando o seu valioso alvitre. E proseguiu:

— Se as minhas boas amigas e collegas n'estes santos trabalhos m'o permittissem, appresentaria tambem o meu subsidio para vencermos esta primeira difficuldade, de se encontrar o nome porque será conhecida a nossa associação. Este que vou pronunciar devo dizer que me foi súggerido por alguem, que está sempre com todos que pensam em caridade e bemfazer. Eu por mim só, não me atreveria a metter hombros a tamanha empresa de soccorrer todos os necessitados, se me não soubera tão bem acompanhada e fortalecida. A palavra que eu trago e que de certo reunirá unanimes applausos, está em todos os nossos corações; porém necessario era uma intelligencia culta e delicada para a descobrir. Não é a mim que me refiro, como facilmente percebem as minhas boas companheiras e amigas, pois reconheço o meu pouco. Deus, nos seus altos designios, de antemão resolvêra dar primazia a quem por todos os titulos e direitos melhor cabe..

Todas as senhoras presentes acompanharam com interesse e goso o falar dolente e repousado da presidenta, que seguia o fio das suas idéas, como a lêr na sua memoria. Iam na corrente calma d'aquella voz habituada ás subtilezas d'um viver palaciano; entretinha-as o adivinharem tudo que se não queria dizer... Na pausa que a velha marqueza abriu para refrescar a sua bocca com uma lentilha aromatica, sentia-se o proposito de querer que fosse meditado o que dissera. E para colher

o effeito, percorreu todos os rostos com o seu olhar ascético, proseguindo depois no mesmo tom suave e valioso:

—Para symbolo da nossa instituição e timbre dos corações femininos, que aqui se reunem com o fim augusto e divino de adoçar a vida dos desgraçados, ha uma palavra bem simples, que todos os dias ouvimos pronunciar e que ainda aqui não foi dita. A religião frequentemente nol-a lembra e nós frequentemente praticamos o que a religião nos lembra. É a palavra *Esmola*, que está nos evangelhos. Em letras de oiro ella será um dia escripta para perpetuar a memoria da nossa grande obra. Não acham que *Esmola* resume todos os nossos propositos de soccorrer os infelizes?

Não houve a menor discrepancia; o assentimento foi complecto e respeitoso. A voz adormecedora da presidenta, o seu olhor auctoritario e doce, a magresa côr de cera d'aquelle rosto consumido nas escondidas batalhas da etiquetà, a leve ironia que por vezes lhe rompia no pensamento ou na pronuncia, de antemão lhe haviam assegurado o triumpho. Esvoaçaram sorrisos d'applauso no meio d'um murmurio de vozes, que junto ao palpitar desencontrado dos pannos dos leques, semelhava um bater de azas de pombas no seu levante d'uma seara. A velha marqueza acceitou com sorriso benevolo e agradecido este assentimento, e, recostando no espaldar alto da cadeira o seu tronco cançado, abateu as palpebras para approveitar o repouso, que lhe estava garantido pelas curtas phrases com que todas as senhoras presentes bordavam a sua confor-

midade. A palavra vulgar e humilde, pelo modo como fôra trazida a estes espiritos, tomava ressonancia de valor, e já todas lhe assignalavam a tradicção fidalga e religiosa que sempre tivera. Nos pulpitos e nas salas, *esmola*, fôra sempre grito de corações angelicos; no tegurio humilde, um talisman contra a miseria. Jesus, ainda que para lhe recomendar recato, pronunciou-a com a sua voz de propheta e castigador, no momento mais solemne e inspirado da sua divina pregação, do alto d'uma montanha da Syria, quando o seguiam fascinados os povos da Galiléa, de Decápole, de Jerusalem, da Judéa e d'além do Jordão. É S. Mattheus que o refere na sua eloquencia apaixonada e quente. O democrata evangelista, S. Lucas, recomenda e preceitua, tambem, que cada um dê esmola do que é seu, para que todas as suas coisas fiquem limpas, e aconselha para isso que se venda o que se possuir. S. João, o discipulo amado, sophista, talvez imbuido do espirito subtil e imaginoso de Platão, narra que Jesus para mostrar o seu divino poder, misturara com terra a sua divina saliva, e ungira as palpebras d'um cego de nascença, que banhando-se depois no tanque de Siloé, sahiu de lá com vista. Ora esse escolhido era um pobre que pedia esmola, e assim o Divino Mestre nos diz que a humildade é a base da sua doutrina. Agora temos S. Marcos que não fala de esmolas, mas aconselha, seguindo na esteira do socratico João, que para os banquetes se convidem coxos, aleijados e cegos que sejam pobres, mettendo assim no meio da ostentação dos ricos o grão de miseria humana, que lembrará a injusta

differença de condição, em homens formados do mesmo barro. O apostolo S. Paulo, logo na primeira carta enviada aos seus amados Corinthios, chasqueia com eloquencia brava e tumultuosa, da sciencia, para exaltar a caridade, cujo signal mais vivo é a esmola, e assim o proclama o grande convertido.

Era isto, pois, que descendo em vagas memorias da tribuna sagrada, enchia aquelle salão antigo, onde se encontrava o que havia de mais opulento na sociedade da capital. Ainda que se não seguissem os preceitos evangelicos de não tocar a trombeta, de não vender o que se possuia, de não sentar mendigos ás mesas opiparas; porque a caridade moderna vivia n'uma condição mais social e humana, os effeitos da esmola seriam egualmente beneficos e imponentes. As palavras da mulher formosa e rica, no meio d'uma festa, equivaleriam ás de Vicente de Paulo procurando na calada da noite as creancinhas para as agasalhar. A velha marqueza assim o ía calculando na sua meste engenhosa, em quanto, com as palpebras cerradas e recostada no espaldar, edulcurava a lingua secca de ter falado. Mas dando por terminado o breve descanço, retomou o assumpto:

— Sinto-me agradecida e com jubilo, por ver tão facilmente acceite a lembrança, que não é minha (insistiu, para de novo advirtir o respeito de todos) e termos para designar a nossa esperançosa associação a significativa palavra *Esmola*. Deus e a Virgem nos inspirem e ajudem no seu engrandecimento. E' necessario que d'essas ruas e das casas pobres desappareça a

miseria, que é o pão de que se alimenta o vicio. Os nossos corações devem-se affligir com o que nossos olhos veem. São creanças vestidas de farrapos, mulheres magras como defuntas com dois gemeos ao collo, homens estropeados sem se poderem arrastar. Digo com as palpebras humidas de lagrimas, minhas queridas amigas, que muitas vezes, quando passo na minha carruagem, tenho vontade de chamar toda essa gente e trazel-a commigo. Mas é materialmente impossivel, reconhecem que é materialmente impossivel recolhel-os todos, e, se sómente viessem alguns, dispertaria nos outros sentimentos de inveja.

— Nem a tia chegava a casa sem os seus deliquios — disse com desembaraço Annica de Sousa. Qualquer mau cheiro lhe faz logo perder os sentidos...

— Tens razão, filha, tens razão... — confessou a marqueza n'uma voz secca. Mas, para não estares sempre a interromper-me, vem-te sentar a meu lado. Serves-me de secretaria; apontarás qualquer nota que seja preciso tomar.

— Para escrever é indispensavel haver com que — observou Annica, levantando-se de entre as condessas de Lavre e de Minde, com quem se entretinha a falar de todas as senhoras presentes.

A velha marqueza enrugou solemnemente a testa e franziu os labios:

— Foi culpa minha não lembrar isso ao João Theodoro. Depois nos recordaremos do que se tem passado.

E mudando de tom, dando ás palavras maior preço, accrescentou:

— O que ha agora a fazer é nomear uma commissão, para solicitar de sua magestade a rainha a graça de acceitar a presidencia d'honra d'esta promettedora sociedade. Como não podemos ir todas, lembrava sómente a senhora condessa de Peixoto-Alves, a senhora D. Palmira Freitas (mulher de Sallustio) as minhas amigas condessas de Souzel e de Minde e esta sua creada, se me acharem digna. Sua Magestade já conhece as nossas intenções e diligencias. De certo nos dará a honra que lhe pedimos e dispensará a sua va iosa protecção á nossa *Esmola*, que o é ainda mais d'Ella do que nossa.

Como hovesse assentimento unanime, a presidenta concluiu:

— A minha edade justifica perfeitamente a minha fadiga Por hoje julgo concluidos os nossos trabalhos. Aqui nos reuniremos de novo, depois de termos prestado a nossa homenagem, a quem muito nol-a merece.

*

* *

Appoiando-se nos braços da ampla cadeira ergueu o corpo magro. O sussurro de vozes, que logo se ouviu, era um crepitar de chuva impellida por vento indocil. Todos aquelles peitos se sentiam anciosos de conversa mundana e represara-a até ali, mais do que a gravidade do assumpto, a compostura da marqueza que levantava olhos reprehensivos, se ouvia qualquer murmurio de falas. Não tardou que não entrassem quatro

creados com a farda privativa da casa, as altas gollas cobrindo-lhes a nuca, conduzindo pesadas bandejas em que offereciam o chá das cinco horas.

As senhoras distribuidas em grupos conforme as suas sympathias e affinidades, conversavam e riam, agora livremente, sorvendo a pequenos goles, cabeças altas, os veus levantados para a testa. Examinavam-se mutuamente nas suas *toilettes* e na sua formosura, mesmo aquellas em quem este celestial predicado passara, e as outras em quem nunca florira. Exprimiam-se com olhares e palavras d'uma volubilidade chilreante, como a dos passaros quando em bandos procuram a arvore protectora, que os agasalhará durante a noite. A condessa de Peixoto-Alves e a do Paraiso procuraram ser do grupo em que a de Lavre e a de Minde, intimas do paço, floreavam as suas ironias, com apparencia de louvores, por esta bella obra de carldade. As primeiras eram senhoras generosas e ricas, e, falando alto, encastelavam promessas para engrandecer a *Esmola*, palavra encantadora, uma verdade ra perola do alto entendimento a que se attribuia.

— Oh! — dizia a Peixoto-Alves — soccorrer os desvalidos, consolar os infelizes... que prazer para as nossas almas.!

— E, principalmente, que grande proveito para os corpos d'elles — accrescentou a zombeteira Lavre.

— Não é tanto assim, não é tanto assim, nós tambem gosamos — entendeu a formoza Paraiso, agitando o leque.

A velha marqueza com o seu dorso arqueado pelos

annos, pelas doenças e pelos innumeros cuidados e mortificações da sua vida de sociedade, andava lentamente por entre as suas convidadas, deixando em cada uma a palavra de agrado, que já trazia pendente dos labios descorados, quando a qualquer se dirigia Fazia-o com a suprema habilidade da sua sciencia mundana e da sua intelligencia educada na arte de ser agradavel. O que dizia, especialmente áquellas cuja influencia desejava ganhar a favor da idéa generosa que propagava, deixava-lhes impressão no cerebro. A maior parte das senhoras da alta burguezia era a primeira vez que entravam n'aquelle historico salão. Sendo agora ali recebidas, sentiam certo goso pela realisação d'esse desejo, longo tempo acariciado. Parecia-lhes que um acaso as tivesse transportado ás fidalgas assembleias antigas, em que a opulencia era magestosa e solemne. Accentuava esta idéa a visão do corpo alquebrado da marqueza, com o seu ar de sombra, vestida com o modesto vestido de seda preta talhado fóra da moda, propositadamente apoucado em linhas de elegancia e sobrio de enfeites. Era ella que ia dando uniformidade transitoria aquellas almas divergentes no comprehender o mundo. Combinava os elementos que ali tinha reunido, como se combinam flores de regiões diversas para darem effeitos opticos, que tragam deleite á imaginação. O seu aspecto macerado e de soffrer, o seu olhar alternadamente nublado e vivo, excessivamente inquiridor, a sua palavra intelligente e carinhosa, é que reuniam as vontades presentes. E ella que parecia nem ouvir, nem olhar, tudo escutava, a tudo attendia, para

guiar aquellas intelligencias no sentido do grande e ponderoso exito que procurava obter.

Entrava pelas janellas do fundo, a luz coada pela folhagem do arvoredo antigo do jardim. Era macia e vaga acrescentando solemnidade ao salão apainelado, já de si com apparencia de côro monacal. A côr escura do carvalho do tecto acompanhava a attitude soberba e rigida dos retratos da parede, elementos d'uma epoca gloriosa e representativa. Serviam estes mortos de testemunhas, com as suas armaduras guerreiras e vestidos de corte, aos actos da vida presente fugitiva e enganosa. D'um lado o arnez da edade media, do outro um tricorne empenachado; aqui uma dama de penteado liso, vestuario singelo como tunica de santa; ali a opulencia dos penteados altos como torres, decotes largos e lubricos, tufos de seda e anquinhas de tempos mais modernos. Á imitação das damas, que em Versailles dançavam o minuete com suprema graça, uma formosa senhora com um sorriso de pastorinha de Watteau, levantava delicadamente com dois dedos a saia de matiz claro para fazer o contumelia, talvez deante do rei que mandara construir Mafra e frequentara as doçarias de Odivellas. Um cardeal sério, porém menos carrancudo do que Ximenes, assentava-se gravemente para a posteridade, n'uma solemne cadeira de braços, coberto com o chapeu privativo da sua dignidade ecclesiastica, mostrando, por baixo da batina, flôr de romanzeira, um fino sapato afivelado d'oiro. Um alentado guerreiro encostado ao montante vencedor em cem batalhas, viseira do elmo erguida, enca-

rava um marechal de tempos mais nossos, que na mão direita sustentava um rolo de papeis, talvez credenciaes junto de rei estrangeiro. O primeiro diziam-no penhor de grandeza patriotica nas fortalezas d'Africa, o segundo, mais delicado, sorria e fizera talvez conquistas d'amor nos salões dos reis de França.

Com o orgulho nobliarchico das paredes condizia a mobilia em carvalho antigo e pau santo. Sophás pesados e solidos, em duro estofo de damasco vermelho e sem molas, eram acompanhados de cadeiras do mesmo estylo. Sobre mesas e nas misulas repousavam bojudas jarras e boiões de antiga China; candelabros de bronze guarnecidos de velas pendiam do tecto e rompiam das paredes; tigelas e vasos de prata com flôres, miniaturas em marfim, grupos de velho saxe, delicadas esculpturas em madeira escura sobre contadores e bufetes, reproduziam-se nos altos espelhos de cristal de Veneza, que pouco faiscavam n'esta luz amortecida pelo espesso arvoredo do jardim. O tom geral d'esta sala antiga, agora transitoriamente alegre pelo charlar de senhoras, com o tecto de carvalho, o lambris das paredes em azulejos, o mobiliario grave.. antes que palratorio de sociedade vivaz, parecia casa de capitulo, onde a ponderosa sciencia fradesca, podesse exhibir textos recheados de idéas fecundas para a dialectica.

A união do que havia de actual, bulhento e agitado, com a sombra sempre augusta das coisas do passado, estabelecia-a a velha marqueza, com a touca de rendas na cabeça, o vestido de seda preta desguarnecido, levando por entre os grupos das suas convidadas o res-

peito que a todas merecia. A curva ceremoniosa do seu corpo, o permanente sorriso de côrte, uma pelle côr de cêra, o olhar intellectual acompanhando solicito o movimento do seu salão. . tudo isso amaciava e corrigia quaesquer conflictos, que podessem surgir no contacto de pessoas differentes pela educação e força social. A sua solicitude apreciava devidamente o valor dos elementos congregados. Assim é que vendo n'um dado momento a Peixoto-Alves com a Paraiso, a viscondessa da Maya e a baronesa da Cova-da-Piedade formarem um grupo hostil, ao fundo da sala, logo foi para ellas toda risonha, carinhosa e amavel. E como passasse junto da Minde, da Rosal e da Lavre que se entretinham com a endiabrada Annica de Sousa, disse n'uma palavra breve para ser ouvida pela sobrinha:

— Tanto recommendei que me não deixasses aquellas senhoras sós...

A increpada encolheu os hombros de enfadado, chamou maçadoras a taes visitas, mas seguiu a velha marqueza,que chegando primeiro junto das suas opulentas convidadas já dizia á Peixoto-Alves:

— Como estão as suas filhas, que são uns encantos? A rainha, ainda hontem m'o disse, vão-se-lhe n'ellas os olhos, quando as vê no theatro, ou crusa com a sua carruagem.

— Como sua magestade é boa em reparar nas minhas filhas! — agradeceu com rosto de gloria a ditosa mãe.

E já a fidalga se dirigia á formosa Paraiso:

— A minha cara condessa é que só tem ainda bébés, que não conheço. Porque m'os não traz um dia! Gosto immenso de creanças.

— São muito pequenos, senhora marqueza...

E depois para a da Maya:

— Não imagina o bom effeito que produziu o seu filho, quando ha dias foi ao paço na commissão de academicos de Coimbra. Que bello rapaz! — disseram todos.

A viscondessa, pequenina e orgulhosa, sentiu-se abafada n'uma onda de vaidade. Já via, para d'ahi a annos, o seu Alfredo admittido no mais alto mundo, aristocratisando-se no contacto da velha nobreza, onde lhe seria facil escolher noiva de nome historico.

— Ainda é uma creança; mas só desejo que continue a ser bom e estudioso como até aqui.

— Ha de ser, ha de ser. E a minha querida baroneza, que noticias me dá do seu militar? Ha muito tempo que o não vejo... É um bonito alferes. Só lhe falta adquirir os cordões de official ás ordens; mas hade vir a tel-os.

E como já ali estivesse sua sobrinha, inquiriu:

— Tens feito as honras a estas senhoras? Tens-lhe offerecido do nosso modesto chá?

A Peixoto-Alves, a de mais auctoridade, informou:

— Oh! é sempre d'uma amabilidade captivante, não se póde ser mais gentil... E espirituosa?...

N'este momento, um velho escudeiro, todo curvo pelos annos e pelo habito da etiqueta, cabeça onde fluctuavam cabellos brancos como a neve, chegou-se jun-

cto da marqueza, depois de ter atravessado de mansinho o salão e ter deixado sobre a mesa uma pasta com um caderno de papel inglez e um tinteiro de prata armoriado, segredando:

— Tudo prompto, senhora marqueza.

— Está bem, João Theodoro. Agora manda pôr a carruagem, que tenho de ir ao paço.

E como a Peixoto-Alves e as suas amigas se approximassem, interessadas, para admirar a rica peça que era o tinteiro, a fidalga explicou com simplicidade:

—Um presente do senhor D. João V a meu avô Estevam de Mello, para assignar o contracto de casamento com minha tia D. Mecia Coutinho, que para isso sahiu da Madre de Deus, onde foi educada sob a vigilancia do cardeal da Cunha, tambem nosso parente. D. Estevam tinha chegado de Roma e Paris, onde resolvera negocios diplomaticos e outros, que muito preoccupavam sua magestade. Os reaes presentes com que esse grande rei favorecera S. João Baptista de S. Roque, era um d'esses negocios. Meu avô satisfez completamente o monarcha, pelo modo rapido com que a tudo deu andamento.

As palavras da marqueza, ditas n'um tom simples, porém magnificente, iam pela historia dentro com a solemnidade de musica religiosa e soavam aos ouvidos das suas interlocutoras com pompa e grandesa. Aquellas imaginações recuavam para além da epoca frivola e lentejoilada do seculo desoito até D. Manuel, com a sua corte brilhante, em que todos os primores e riquesas do Oriente se engrandeciam com as estrondosas nó-

ticias das descobertas e a presença dos grandes capitães. E como a Peixoto-Alves, depois de admirar a bella obra de ourivesaria que o tinteiro historico representava, lançasse os olhos sobre a larga folha de papel inglez, que estava ao lado, sobre a pasta, a velha marqueza explicou:

— É para se começar a subscripção, entre as presentes, para a nossa obra. Eu escreverei no fim, não quero obrigar as minhas amigas...

Uma voz suave e unctuosa, com accentuação estrangeirada, commentou:

— Sendo-se dos primeiros no mundo, bom é que se dêem exemplos de humildade. É do evangelho...

A fidalga voltando a cabeça e encarando o adventicio, exclamou:

— Olha quem! O nosso padre Delombe! Quem lhe deu licença de entrar?

— Foi divino toque vir hoje aqui admirar esta manifestação de sentimentos christãos. Ó doce caridade! só tu edificas como disse o grande apostolo S. Paulo.

Uma menina magra e alta, que durante todo o tempo acompanhara com olhar vibrante o seguimento da reunião, levantara-se subitamente ao vêr o seu confessor. Tinha no busto secco, no aspecto intellectual e macerado, na formosa testa onde as idéas seguiam curvas complicadas, os signaes de alma cheia de devoção para todos os sentimentos levantados. Era a Isabel de Noronha, filha unica d'um homem rico e avarento, só generoso para os insaciaveis appetites d'esta orfã de mãe. Depois de ter levado, ao ouvido da marqueza, o titulo

de *Os Pequeninos* para a nova associação, conservara-se calada durante todo o tempo, recolhendo com avidez quanto se houvera dito, e só ao vêr entrar o sacerdote, é que se levantou para exclamar juncto d'elle:

— Oh! Monsieur l'abbé! la charité, la grande charité! Comme c'est beau!

— Oui, mademoiselle, c'est très beau, la charité — disse Delombe, sem preço de maior nas suas palavras.

II

A' TAPADA

As mesmas senhoras tornaram a reunir-se na mesma sala, sob a mesma presidencia, para continuarem a engrandecer e a espalhar o sentimento de caridade, que lhes trazia alterados os corações. Mettidas dentro da immensa idéa de bem fazer, viam a miseria, a miseria esqualidada, que póde gerar crimes e abominações, alastrar-se como um miasma de peste pelo mundo todo. Em certos momentos, ás mais sensiveis, enganava-as a imaginação: era devastadora a fome; aos cardumes, pelas ruas abertas, vagueavam creanças, orfãos de pae e de mãe; velhos estropeados, morriam de inanição, deixando os esqueletos em recantos escondidos; a formosura e a virgindade das raparigas do povo era polluida pela falta de pão... Tudo parecia mais pavoroso do que se

representa nos romances populares de Dickens, a estes corações compassivos, divagando no meio do seu aconchego e do seu luxo quente. Algumas, sonhando nos gabinetes perfumados, recostadas em molles almofadas de setim, sentiam remorsos por mais cedo não terem presentido o infortunio a uivar pelo mundo, tal um vento de tempestade. Como o de Vicente de Paulo, sangravam aquelles corações, rasgados pelos espinhos da dôr alheia. Que inefavel ternura não sentiam agora, ao saberem que trabalhavam para dominar o grande monstro de todas as eras, a feroz miseria! A *Esmola*, a bemdita *Esmola* transformaria o rictus da Dôr em riso angelical!

*

* *

A velha marqueza, com a sua voz lenta, reabriu a sessão interrompida, dando conta do que se passara. Sua magestade dignara-se acceitar a presidencia de honra. A idéa generosa que ali as reunia divulgava-se d'uma maneira consoladora. Alguns ecclesiasticos tinham d'isto falado nos templos, e fôra especialmente notavel a segunda conferencia do padre Delombe, no domingo anterior, em S. Luiz, enthusiasmando milhares de pessoas de boa sociedade.

— É muito verdade! — affirmaram n'um unisono a Rita Nellas e a Isabelita Noronha.

Confessava-se, portanto, orgulhosa da idéa que tivera de reunir tantas vontades valiosas, para tamanho e tão justo fim.

A palavra não acompanhava promptamente a velha marqueza, que sentia a memoria um tanto rebelde e cançada. Refrescou-lhe a bocca uma lentilha de hortelã. Prevenira-se com um papelinho, onde tinha algumas palavras escriptas. Continuou, alargando a sua voz, n'uma encantadora ressonancia de commoção ou de prece:

—Direcções diversas poderiamos seguir agora, ao iniciarmos os nossos trabalhos, pois as manifestações do mal são muitas. Poderiamos procurar o *alcoolismo* á maneira das senhoras inglezas, que organisam sociedades de temperança; poderiamos buscar a *doença*, fundando hospitaes, e tem muitos votos esta idéa; poderiamos tractar de *educação*, moral e religiosa, desfazendo as trevas da ignorancia; poderiamos ir á *prostituição* arrancar...

No grupo da Rosal, da Minde e da Lavre houve um frouxo de riso, logo extincto pelo olhar severo e castigador da velha marqueza, que se interrompeu, apenas segundos, para logo continuar na sua voz dolente:

— ... arrancar ao peccado tantas desgraçadas... Vozes d'amigos nos queriam guiar n'um ou n'outro caminho. Como os não pudessemos seguir todos, attentamos no que era mais urgente. Vimos que a *fome*, que se mata com a *esmola*, estava no fundo d'essas miserias, sendo talvez a causa principal de todas. Portanto, habilitemo-nos a ter sempre na nossa mão aberta, com que matar a fome, e realisaremos uma obra immensa!...

Houve murmurios approvativos, que deram tempo

á presidenta para ella aspirar o cheiro inspirativo do rapé, contido na sua caixa d'oiro. Durante o breve intervallo reprehendeu Annica de Sousa, a sua secretaria, que lhe estava ao lado: «Não prestas attenção...» «É a Lavre que me faz uns signaes que não percebo» — explicou. «Deixa-a.» E continuou:

— Assim levaremos o nosso pedaço de pão a todas as casas onde o não haja. Sustentaremos o corpo, que é a materia onde outros exercerão tambem a sua caridade, vestindo-o, moralisando-o, curando-lhe as doenças (murmurios d'applauso). Estabeleceremos relações com as sociedades que exercerem tão sublimes virtudes para as auxiliar, e assim a nossa idéa mostrará a sua importancia e fecundidade. Este modo de considerar as coisas e o alto fim da nossa *Esmola*, posso-lhes asseverar, minhas queridas amigas e companheiras, ter colhido os maiores applausos. O nosso padre Delombe chama á nossa sociedade, *federação caritativa*, e esta expressão, por sêr boa, nos fica pertencendo (novos murmurios de applauso).

(A condessa de Rosal, que estava impaciente, fez chegar ás mãos de Annica de Sousa, um bilhete a lapis que dizia: «Olha que temos hoje o nosso *tennis* na Tapada!» A resposta da secretaria foi por meio d'uma mimica desolada, que exprimia: «Sei lá quando isto acabará!»)

N'esta segunda reunião, as senhoras presentes agrupavam-se, melhor do que na anterior, pelas suas afinidades sociaes. A condessa do Paraizo, com a sua *toilette* vinda de Paris, sobresahia pela magnificencia

dos seus olhos e do seu cabello, entre a grande Peixoto-Alves, a viscondessa da Maya e a baroneza da Cova-da-Piedade. Para esse lado tinham ido de preferencia as mulheres de capitalistas e de politicos de influencia. Com o proposito de esconderem o seu espirito de *coterie*, collocaram-se, d'esta vez com menos ruido, os titulos historicos: a Souzel, a Lavre, a Minde, a Alvoredo, a Rosal e a Rita Nellas, a Soledade, a Isabelita Noronha... que não estavam tão compactas e procuraram a proximidade da mulher de Sallustio Nogueira, da do ministro da fazenda, da condessa de Vallongo e d'outras de somenos valor social. Eram capitaneadas pela primeira, senhora de menos de cincoenta annos, uma vida cheia de anedoctas d'amor, falando com magnificencia de seu filho, official de cavallaria. A formosura da Rosal com os leves cabellos d'oiro, olhos amorosos e languidos de virgem allemã, rosto espiritual e cheio de encanto, dava ao lado da sala onde estava, um relevo de ideal artististico. Os seus vinte e oito annos, admiravelmente explorados por um vestido escuro, cheio de sciencia decorativa, brilhavam na conversação pela intensidade de graça, que dava a tudo quanto dizia. Como contraste oppunha-se-lhe a Paraiso, belleza triumphal de morena, farta cabelladura d'azeviche, olhos homicidas a nadarem n'um fluido dormente, silenciosa, poisando com a pompa da sua carne saudavel, conscia d'um poder intrinseco. A ecletica Aguas-Santas, velha esperta e serviçal, magra e vivaz, ia de um a outro lado, acarinhando todas, com passo leve, para não ser reprehendida pela pre-

sidenta. Falava ao ouvido, pronunciava com mais preço os titulos modernos, mas tinha maior pendor para os antigos, que a fascinavam. Immensamente conhecedora da intriga de sociedade, interessava tudo quanto dizia, porque transportava sempre nos labios, qualquer revelação inesperada...

A velha marqueza para dirigir os sentimentos altruistas d'esta numerosa e selecta companhia, pronunciava as palavras com accentuada expressão de cordealidade, enfeixando differentes pensares na sublime idéa de caridade, que a todas ali reunira. A sua modesta figura, vestido simples de seda preta, touca de rendas sobre bandós, conseguia impôr-se por meio d'uma força que residia no seu nome, na tradicção que ali a collocara. A satisfação resultante da consciencia d'esse facto, percebia-se-lhe no modo como passava a vista pela vasta sala. E quando no seu falar lento acabou de se referir ao movimento de sympathia que a *Esmola* encontrava, pediu á secretaria:

— Dás-me a correspondencia, Annica?...

Recebido um grosso masso de papeis, lembrou-se que poderiam não ali estar as numerosas cartas, cuja terminação de leitura ouvira ainda na manhã d'esse dia. Chamou com um leve aceno d'olhos, o seu escudeiro, que estava junto da porta e perguntou lhe:

— Não falta aqui nada, João Theodoro?

— Não, senhora marqueza.

— Tambem aqui juntaste, como te disse, as cartas que deixei sobre a minha secretaria?

— Sim, minha senhora.

— Está bem.

E mudando para um tom mais alto e solemne, continuou:

— É, pois, com vivo prazer que communico ás senhoras presentes, o bom acolhimento que a nossa idéa tem recebido. Algumas pessoas amigas, que por motivos superiores á sua vontade não poderam comparecer, outras que não conheço e que nem convidadas foram para a nossa primeira reunião, enviam-nos por escripto as suas sympathias e adhesões. Vêr-se a gente fortalecida e animada na sua obra, é consolador. Apesar da maldade do mundo, ainda se não acabaram os peitos generosos e os sentimentos christãos. Longo seria, e até impossivel, lêr-lhes toda a correspondencia recebida durante uma semana, pois se compõe de mais de cem cartas, todas de bons e valiosos conselhos e alvitres, mas algumas demasiado extensas. Porém, se o desejam...

— Não, não é necessario — opinou a Souzel com o seu desembaraço, no que foi acompanhada pela auctoritaria Vallongo.

Porém, a Peixoto-Alves, ergueu-se da outra extremidade, com as solemnes plumas do seu chapéu augmentando-lhe a imponencia e pediu:

— Se a senhora marqueza me désse licença...

— Com o maior prazer a escutaremos, senhora condessa...

— Algumas d'essas cartas são de pessoas, que me consultaram para as escrever... talvez valesse a pena serem lidas...

A impaciente Rosal levantou-se para falar ao ouvido da presidenta:

— Ó tia: ás quatro começa o *tennis* na Tapada! Suas magestades...

— Deixa vêr, filha — disse expeditamente a velha marqueza, continuando depois n'um tom mais alto e claro, para a Peixoto-Alves. Perfeitamente, senhora condessa. Se me podesse mencionar essas a que se refere... Tenho aqui nota de todas, particularmente das que nos offerecem donativos, o que demonstra confiança e solicitude pela nossa obra. Talvez eu tenha adivinhado o pensamento da senhora condessa de Peixoto-Alves...

E percorrendo com a pesada luneta de tartaruga as notas escriptas n'uma folha de papel inglez, foi continuando:

— Sobem a 113 as cartas recebidas: 37 simples desculpas de não comparencia á primeira reunião e cumprimentos pela nossa iniciativa; 19 de pessoas sinceras e boas, que procuram suggerir-nos alvitres e planos sobre a fórma da nossa associação, conselhos para a maneira de angariarmos donativos, normas para escolhermos e conhecermos aquelles a quem devemos soccorrer, pois a ignorancia poderia levar-nos a erro ou engano... Boas palavras, santas intenções; mas nós tambem aqui estamos para pensar no assumpto. Ha 15 cartas de pessoas que não podendo concorrer com donativos, por não viverem em situação bastante desafogada, nos offerecem serviços, visto terem tempo disponivel e sem occupação. Agradeceremos. Umas 40 pe-

dem empregos no estabelecimento, que presumem nós teremos de fundar. Dizem-se muito necessitados, os que as escreveram, e procuram que a caridade comece por elles. Vêem bem que são as mais numerosas, o que é natural. Apenas 2 cartas de pessoas, que enthusiasmadas com a valiosa propaganda que se vae fazendo da nossa idéa, offerecem, uma cem mil réis...

— Essa é minha prima — interrompeu a viscondessa da Maya.

— ... e outra envia-nos já vinte libras em oiro, que é o primeiro abençoado dinheiro que entra no cofre da nossa associação.

— Essa é minha irmã — esclareceu a Peixoto-Alves.

A velha marqueza, levantando a veneranda cabeça de sobre o papel que consultava, afastou do nariz a luneta de tartaruga, encarando o fundo da sala onde estavam as duas pessoas que tinham falado. E dirigindo-se-lhes, pediu:

— Que as minhas boas amigas agradeçam a estas almas caridosas a sua generosidade. Em nome de todas nós, e em meu especialmente, lhe signifiquem quanto nos tocou o coração, a expontanea lembrança. Por sua natureza, estas senhoras são da nossa associação, e eu já tomei a iniciativa de lhes pedir que nos venham auxiliar n'estes trabalhos. A nossa secretaria vae lêr essas duas unicas cartas, que além de tudo estão muito bem escriptas...

A condessa de Minde que estava com pressa, como as suas amigas, observou, voltando-se para a Peixoto-Alves e para a da Maya:

— Depois do que disse a nossa presidenta, talvez vosselencias prescindam da leitura...

— Prescindem, é claro que prescindem — corroborou em voz alta a Souzel.

Porém como as duas conservassem um silencio contraditor, a condessa de Vallongo, habituada aos debates da sua mesa politica, levantou-se com ar marcial, para lembrar:

— Por mim, em vez de serem lidas aqui achava melhor que fossem publicadas nos jornaes.

A Souzel e as do seu grupo admiraram-lhe a sagacidade e applaudiram o expediente. As interessadas concordaram. Eram tres horas e o *tennis* da Tapada começaria ás quatro. Todas estavam nervosas. Porém, a velha marqueza, é que não prescindia de executar o programma, que d'accordo com pessoas entendidas, tinha traçado para este dia. A redacção dos estatutos, indispensaveis para dar á sociedade forma legal, foi incumbida á Vallongo e Palmira Freitas, que tinham de casa quem lh'os fizesse e á Aguas-Santas, que as não deixaria esquecer. Para angariar donativos e para organisação de espectaculos, lembrou os nomes que na capital resumiam as maiores influencias pela nobreza, pelo dinheiro e pela influencia do poder. Assim é que amalgamou a orgulhosa Souzel com a orgulhosa Peixoto-Alves; a Rosal com a Paraiso; Rita Nellas, mulher do pomposo Tristão, a Minde, a Lavre, que até desdenhava do sangue dos que se lhe diziam parentes, com a Cova-da-Piedade, com a da Maya, com mulheres de influentes politicos e de ministros, que

tinham historia apenas de muito poucos annos, se não de mezes. Iam-se consumindo as horas n'estas minucias e na Tapada o apregoado torneio de *tennis*, entre jogadores de fama, não tardaria a principiar. A candida Rosal, decompunha a sua formosura d'anjo, com os olhares violentos lançados a Annica de Sousa, que lhe respondia com aspecto desolado, por ver que não podia interromper a tia Ermello. Mas a Souzel, desembaraçada e mais de quarentona, levantou-se em nome das impacientes e foi junto da presidenta dizer-lhe.

— O' tia! Por hoje podia-se acabar. Não devemos chegar á Tapada depois da rainha...

A velha marqueza cedeu, marcando nova reunião para a proxima sexta-feira. Então tudo se acabaria de combinar. Esta grande obra, quanto mais n'ella se pensava, mais se lhe descobria a vastidão. Não a deviam atrophiar, acanhando-lhe os moldes. Houve ali quem lembrasse, que se pedisse o auxilio de certos homens conhecidos, para guiarem com a sua experiencia as futuras reuniões, que assim se tornariam mais interessantes e variadas. Porém a marqueza de Ermello não foi do mesmo aviso:

— Vamos com a nossa ignorancia que não vamos mal. Só corações femeninos comprehendem a caridade. A esmola deve ser dada por mãos de senhoras.

A Souzel, com applauso da Aguas-Santas, que, pelo habito de mexericar na politica e nos salões, não sabia deliberar sem o influxo da voz masculina, opinou:

— O' querida presidenta! Isto só de saias, chapeus

de plumas, leques e veus na cara, é uma grande semsaboria.

— Bem sei, Thereza; bem sei que tu pensas assim Não me admira, não; foste uma rapariga muito galante.

*
* *

No levantamento geral, produziu-se na ampla sala, o sussurro d'uma multidão alada, que surprehendida pelos caçadores, levantasse rapida o seu vôo, para o eterno e infinito azul. As mais interessadas no *match* da Tapada agruparam-se para sahirem juntas. A' frente d'ellas a Souzel, especie de torcaz guia da banda. No atrio do palacio tinha-se de esperar pelas carruagens. Ali a Peixoto-Alves, que pertencia á commissão dos espectaculos como a Minde e a Lavre veio perguntar-lhes:

— Quando nos reuniremos para combinarmos?

A primeira respondeu com ligeiro acinte na voz:

— Oh! amavel condessa, então ainda não está farta de caridade! Pelo amor de Deus! basta por hoje. O seu louvavel fervor será bem utilisado, creia. Combine com a tia Ermello, que ella nos chamará.

A segunda accrescentou:

— Mas, faça, minha senhora, que não seja por estes dias. Bem sabe que temos muito que fazer. Ha a festa na legação ingleza. Os nossos pobresinhos, tenham paciencia, que esperem...

A Souzel sorriu-lhes com applauso e disse:

— Bem vê, condessa, que não podemos andar sempre em assembleias, commissões e correspondencias...

Annica de Sousa, apoiando-se no braço esquerdo da Rosal pronunciou por entre dentes: «Aborrecida creatura, com o seu dinheiro! Dá-me vontade de lhe morder!»

A multidão emplumada e contente continuava a conversa mundana, emquanto o porteiro ia chamando as carruagens, com voz ostentosa, pelos titulos correspondentes. A cada uma das que se afastava do portão succedia outra, formando-se assim, no largo fronteiro ao palacio, um estrepito confuso de cavallos e de voltear de rodas. A condessa de Rosal, ao sahir, viu n'um relance a Paraiso, soberba na sua carnação deslumbrante e saudavel, com uma rica *toilette* de dois mil francos. As linhas puras do seu rosto angelical transtornaram-se logo. Não pode deixar de dizer com certo despeito, para Annica de Sousa, que levava comsigo:

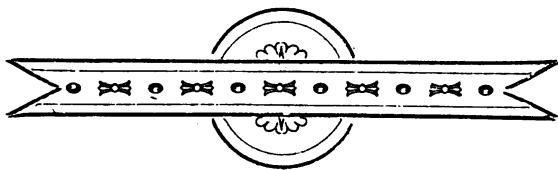
— Aquella estupida tambem virá ao *tennis*? E' capaz d'isso!...

— Que te importa? A côrte de Fernando é por força de brincadeira...

— Não penses em me illudir Annica! E' uma *brunette* magnifica. Estas mulheres vencem-nos sempre a nós, as loiras. Quem me dera ser ella!

— Mas é uma parva e Fernando um rapaz de espirito. Dizem que primeiro foi creada do marido.

— Ah! Annica, Annica! — pronunciou n'uma apostrophe cheia de lastimas — como conheces pouco os homens! Que lhes importa a elles sensibilidade, intel-

ligencia e educação? Corpo, corpo é o que todos apetecem. Quando esta mulher apparece, nos olhos de Fernando vê-se logo um fogo de paixão, que me queima e me aterra! Vivo n'um inferno intoleravel Annica! Não o podes comprehender, minha querida, tu que ainda não sentiste o verdadeiro amor, nem soffreste desenganos—rematou levando aos labios o lenço de cambraia, que mordeu com os seus brancos dentes, em quanto as lagrimas lhe corriam de vagar pela face.

III

TENNIS—PLAY

DIA' claro e meigo de primavera, atmosphera limpida de cristal, a brisa afagando com beijos as folhas nascentes das arvores e a superficie de esmeralda das aguas. O Tejo manso a espreguiçar-se entre as suas margens e suspirando para a larga foz. Os grandes vapores a rasgarem-lhe a lisa superficie, tão mansamente, que pareciam pintados em ampla tela. Temperatura creadora, propria a excitar docemente nos nervos desejos infinitos, de começo incomprehensiveis no seu aspirar, insaciaveis no seu querer e que deixam, no cerebro que os sentiu, o vago que prolonga a existencia do corpo, no tempo e no espaço, como se o corpo fôra a propria alma pura da lenda, a vaguear nos solitarios paramos. Sobre as cabeças sonhadoras, adejam as loiras abelhas da volupia;

deante dos olhos que se perdem no ar vasio, a linha d'uma collina, o misero galho d'uma arvore secca, a trajectoria d'uma ave... qualquer coisa que pouco valha, toma fórmas graciosas e suaves como pomas tumidas. É o passaro azul da imaginação envenenada, que entristece a face purissima da condessa de Rosal, recostada n'uma cadeira de verga, sob o docel enervante d'uma acacia de flôr branca e odorifera. O que lhe iria na alma? relampagos e chispas de ciume, talvez lembranças carinhosas d'amor, de posse, de felicidade, ao vêr Fernando empenhado no famoso *match*. Com a *racket* bem firme, olhar previdente e certeiro, os seus adversarios, Mr. Wolton, secretario da legação ingleza, e Miss Cross, filha do ministro, não tinham podido cançal-o e menos vencel-o. Na lucta era admiravelmente secundado pela encantadora Kate, sua prima, uma graciosa corsa, que viam successivamente em todos os pontos da sua esphera, na *court*. Franzina, agil, viva, respondia com varonia e destreza, aos ataques com que a forte e repousada ingleza procurava dominal-a pela fadiga. Fernando de Castro tinha no corpo a flexibilidade do *cautchu*, e a rijeza do carvalho. As respostas dos seus nervos aos ataques, eram promptas e scintillantes como faiscas electricas. Sapato raso de lona branca; meia de lã, listrada d'amarello; arregaçada a calça de flanella; camisola côr de pombo. Em toda a superioridade e evidencia, a musculatura do seu peito, a elegancia do seu tronco de grego, o braço nu coberto d'uma ligeira pennugem... Era o typo acabado do sportista feito d'aço, flexivel como

o junco, duro como o ferro, os membros verdadeiras folhas de espada temperada em Toledo. A physionomia, no empenho do combate, era de vigor e animação, força e imperio. Sombreava-se-lhe, com o esforço, o olho azul, no mais aceso da refrega. A partida ia adeantada. Varias vezes se ouvira o *game*. O *referee*, o elegante conde de Refojos, com a calma e o sorriso do seu aspecto de sceptico, ia notando rectamente a successão dos jogos e os direitos de cada um. Como *server* ou *striker-out*, dando ou recebendo serviço, ainda lhe não tinham contado uma só *fault*. Arrepiavam-se-lhe os cabellos loiros, os seus saltos eram mais graciosos e leves do que os do toiro, quando transpõe uma distancia em folguedo. Ao tomar posição, depois de reenviada uma bola, ficava natural, vigilante, sem ostentação. E animava sua prima com palavras breves: «*Eh! Kate! In-play!*» Assim a tinha sempre ao corrente do jogo, prendendo-lhe a attenção para que não deixasse desvairar os seus nervos de creança, seguindo no enthusiasmo e calor de peninsular, que podia ser vencida pelo arremessar seguro, methodico e implacavel de Miss Cross, que n'um tom expedito lhe annunciava serviço: «*Ball!... Ball!... Ball!...*» Catherina, muito nervosa, mas attenta, não desacompanhava o seu parceiro. Graciosa como a gazella n'uma esplanada, apparecia no ponto em que era necessario estar, para na sua *racket* receber a bola, ou envial-a. A perna fina, o artelho nervoso e saliente, meia preta e sapato de camurça raso, saiote curto e listrado de amarello (as cores de seu primo) um leve casaco de

flanella cinzenta cobrindo-lhe o seio pubere. Voava certeira como o falcão, mostrava-se animada e talvez enraivecida, pelo empenho de victoria que reconhecia em Miss Cross, cujos olhos claros tinham lampejos d'aço frio, ao pronunciar, quando era *server*, o seu repetido e implacavel *Ball*... *Ball*... *Ball*... O exemplo de Fernando, que superava com a destreza o impeto britanico de Wolton, sob os applausos dos circumstantes, incitava-a, levantando-lhe o animo. Parecia ter azas nos pés, mostrava vista segura, attitude composta, reflexiva no meio da lucta, para não receber uma só péla *volleyed*. O seu corpo virgem e ligeiro de ave, tinha a fluidez de uma brisa, era como a vespa enfurecida a morder em todos os pontos, onde suppozesse o inimigo. «*Eh! Kate! Strike out!*» E por uma série de bolas que recebera habilmente na raqueta e por outra série, sendo *server*, com que desnorteara Miss Cross, que cahira em faltas successivas, Catherina ardente, cheia de bravura, voando nos seus pés finos e aristocraticos, levava de vencida a contendora. Conjunctamente, Fernando não dera quartel ao astuto Wolton. Elle e a sua companheira chegaram por vezes a *deuce* e a *advantage* em mais de um jogo. A partida era demorada e seguia com encarniçamento. Foram primeiro *games-all* e depois *advantage-game*; mas por fim, já ao nono jogo, estando ambos n'esta posição, Fernando e sua prima redobraram de coragem e energia na lucta, e pouco depois pôde-se ouvir, n'uma voz calma, mas retumbante, como a pronunciara o *referee*, conde de Refojos, a palavra de victoria *set*. Tinham ganho.

A encantadora Kate foi applaudida com um estrondear de palmas, em que entrava a propria Miss Cross. «Eh! Kate!... Bravo!... Hurrah!..» — ouvia-se de todos os lados, n'um levantamento de braços e n'uma copiosa apparição de semblantes clamorosos. A primeira que a teve entre os braços foi Annica de Sousa. Com o seu genio alegre e turbulento, comia-a com beijos, a ponto de a suffocar. A encantadora Rosal, olhos enternecidos e humidos, conservou-a sobre o coração, n'um agradecimento demorado, como se Kate fôra uma sua filha, que acabasse de obter o premio de formosura, n'um concurso de todas as bellezas do mundo. Que pensamentos não iriam n'este abraço carinhoso! Desejaria, talvez, toda aquella mocidade, frescura, innocencia para galardoar o vencedor Fernando de Castro e dar-lhe assim a prova suprema da sua paixão, que era uma loucura, um amor criminoso e barbaro, que nem a imagem da filha, a adorada Jeanne, com os seus cabellos de anjo raphaelico, conseguia enfraquecer? Quando a vista da condessa ia a cahir ambiciosa sobre o campeão applaudido, viu que elle arremessara n'um gesto febril, a sua *racket* e correra para o lado onde acabava de parar uma carruagem! Era a Paraiso, que chegava no seu *landeau*, puchado por uma soberba parelha de cavallos inglezes, ao lado de seu marido, um que acariciava reflexivo a farta suissa negra. O fogoso olhar hespanhol da sua rival e o empenho submisso com que Fernando a ajudara a descer da carruagem, fizeram augmentar a subita pallidez da pobre Rosal, que se sentiu para sempre ven-

cida. Se não estivera o seu lado Annica de Sousa, para lhe dar animo, poderia ter desfallecido...

—Não vês aquillo? Como sou infeliz!...

Mas a sobrinha da marqueza com o fim de desligar a Paraiso do seu proposto amante, foi direita aos dois para dizer a Fernando:

—Que boa occasião de tu e Catherina fazerem uma *quête*, para a obra da tia Ermello!... Ella ficaria bem contente.

—Não me masses agora Annica! Vês que estou cançado!...

Porém a condessa, aproveitou a circumstancia para mostrar o imperio que tinha sobre aquella vontade, que resistia. N'uma voz carinhosa pediu a Fernando:

—Faça o que lhe pede sua prima. Ambas nós temos n'isso o mesmo empenho. É para a nossa *Esmola*...

*

* *

Kate pendurada com liberdade do braço de seu primo, no elegante e livre vestuario de *player*, começou com elle o peditorio. Apresentava a boina listrada, que tirara de sobre os cabellos escuros com reflexos de lago; Fernando o seu bonet de cores eguaes. Ambos iam por entre os grupos, que os recebiam com palmas. Ninguem deixava de sentir o encanto do riso lilial de Kate, ao vel-a estender a mão para receber os dona-

tivos. Tinha a claridade diamantina da innocencia e da pureza, era um beijo de luz n'uma gota transparente d'orvalho matinal. Com o medrar do peculio, que, na sua idéa simples, iria minorar infortunios de miseros desprotegidos da ventura, crescia-lhe a bondade e enthusiasmo do coração, que transluzia no sincero olhar. De entre os homens, até os velhos, só pelo prazer de conservarem mais algum tempo na retina aquella imagem celeste, se demoravam a abrir a carteira, emquanto diziam palavras, que só tinham por fim ouvir outras de resposta. O *vert galant* conde de Refojos, ao offerecer-lhe na ponta dos dedos o seu obulo, disse com sorriso de precioso:

— A'quella que defendeu com denodo, o brio da terra portugueza! Minha gentil prima...

E depois que ella passara além, acrescentou para o cavalheiro Di-Conti:

— Que delicioso morango! Não achas?

— Admiravel de *souplesse!* — concordou o italiano. *Bonbon fondant!...*

A vivissima M.^me^ Jou-jou, ao lado da baroneza de Alvoredo, emquanto esta depositava a sua esmola no bonet de Fernando, tomava attitude admirativa exclamando:

— Oh! la jeunesse! Il n'y a que ça!

E Izabelita Noronha, com os seus olhos vehementes no encantador busto de Kate, entregava-lhe o donativo que lhe dera o avarento de seu pae e abraçando-a com sofreguidão applaudia:

— Oh! querida! Como tu vaes alegrar os pobresi-

nhos, que vivem nas suas horrendas miserias! Ainda entras em mais alguma partida?

— Sim, quando chegar el-rei e a rainha!

— Será encantador, se fôres tão feliz como agora!

Catherina a quem os parabens e generosidade de todas as pessoas impressionava, ia alegre e contente. Fernando, porém, victoriado e desejado por tantos olhos e labios femininos, mostrava certo abandono muscular, talvez a transitoria fadiga resultante do seu jogo violento de milhafre. Havia nas linhas do seu corpo, na musculatura secca, no esqueleto bem proporcionado, a representação da força dos homens habituados aos exercicios de agilidade. Rijo e delgado, era um carvalho novo, elastico e solido, servido por membros leves e flexiveis como molas. O arcabouço de larga e franca respiração, gestos prestes e sobrios. Quando chegaram junto da Paraiso, levava no rosto um sorriso desejoso, eram frementes os seus labios, as narinas alargavam-se-lhe inquietas .. O conde abria lentamente a sua carteira bem provida, emquanto o semblante radioso e triumphante de sua mulher, acolhia Kate e seu primo com palavras generosas. O marido depositando no bonet de Fernando, que preferira para mostrar a sua magnificencia, algumas notas, disse sentencioso:

— Aqui tem o meu pouco. Estimo que seja feliz na sua colheita.

— Obrigado, meu amigo — agradeceu, com os olhos na condessa.

No fim, todo o dinheiro se juntou na boina de Kate,

que saltava de contente, com meneios infantis, por vêr que tinham reunido valiosa somma e que a tia Ermello ficaria satisfeita. A sua radiante physionomia era toda alegria. O roseo da pelle, a scintillação do olhar, o romã dos labios, definiam quão celestial era aquelle coração, innocente e puro. Contente como o anho de tres mezes, foi entregar a Annica o producto da colheita:

— Olha o que arranjámos! Foi muito, pois não foi?

Porém Annica empenhava-se, n'este momento, em adoçar a angustia da infeliz e bella condessa de Rosal. Afastando-a suavemente com a mão, só lhe respondeu:

— Guarda, Kate, para tu mesma entregares á tia Ermello.

E a pobre creança, transmudando o seu riso angelico em tristeza, exclamou:

— E eu a julgar que tu ficavas muito contente!...

— Mas fiquei muitissimo contente! Digo-te que entregues á tia, para ella saber que foste tu que arranjaste o dinheiro...

— E que tem a Rosal? — perguntou com momice de creança agastada.

— Está incommodada. Doe-lhe um dente... — respondeu Annica com voz e gesto de pôr termo ás interrogações de Kate.

— Pois parece que lhe morreu Jeanne!...

Com vivacidade juvenil accrescentou, afastando-se:

— Pois se lhe doe um dente, que vá ao dentista!...

A Rosal sorriu fugitivamente, para logo cahir na

sua melancolia, que as consolações d'Annica não podiam afastar. Ninguem melhor do que ella estava na situação de conhecer o valor da felicidade que havia n'essa alma innocente, que não suppõe o mal e ainda não sentira a dôr. Kate era o alvorecer de vida e de coração, só aberto para a luz matinal, para o gorgeio dos passaros, para o silencio augusto e meigo dos bosques, para o riso das flôres. Quinze annos antes, tambem ella fôra assim moça, vivaz, despreoccupada e singela. Era quando montada no seu cavallo lasão, nas tardes jocundas de maio, percorria por entre trigaes loiros as veredas em volta de Extremoz, ou os pendores da serra d'Ossa, que se levanta suave e ensombrada, sobre campinas. Acompanhava-a seu irmão, garboso rapaz, que morrera desastrosamente n'uma espera de toiros. A' sombra melancolica e religiosa de azinhos e oliveiras, passara esses felizes tempos de innocencia, n'um pasmo d'alma contemplativa e virginal, pensando n'um vago de sonho, deleitando-se com os amores da sua mente, á espera da epoca em que a viessem apresentar na côrte e na sociedade. Casada aos dezoito annos, gosara com seu marido as premissas d'um amor cheio de esperanças. Porém, o conde, a breve trecho, voltou á sua existencia de rapaz, entregando-se ao convivio de mulheres de baixo sentir, mercenarias da paixão. Agora, Gabriella, ainda na flor da sua belleza corporal de seraphim, sentia a alma gasta pelas desillusões, pelas falsas e mentirosas palavras, pelo aviltamento moral dos que a haviam desenganado. Adelgaçaram-se na sua mente e no seu coração as

idéas puras, os sentimentos nobres, como o fumo se adelgaça no ar em que se expande. Eram tudo chimeras, imagens vãs, que a realidade foi substituindo por outras mais brilhantes e exactas, n'uma vida intensa de sociedade. N'um momento, de longe preparado por uma successão de factos e raciocinios, casuaes uns, premeditados outros, encontrou-se nos braços de Fernando de Castro, n'esses nervosos braços que a estreitavam como cordas, e que ella já sentia mais frouxos, menos vehementes no desejo. Desde o primeiro instante que isso conheceu, principiou a padecer a sua existencia sentimental, da vaga e morbida melancolia dos que vão morrer para a ultima illusão, para a mais delicada, a mais tenue das illusões da mente. Adivinhava que um perigo vinha para ella, com o passo cadente dos phantasmas adversos. De que lado chegava o inimigo da sua alma? Não sabia: escutava o som lugubre do seu andar, já o presentia como se fôra um veneno, já tratava com elle em sonhos, ou nas trevas da noite densa, quando não dormia. O cerebro envolvia-se-lhe n'um véu de tristeza indefinida, comparavel ao veu que do azul se abate sobre a terra, no remate de certos dias soalheiros de inverno. N'este instante doloroso, em que o engenho, cheio de caricias, de Annica de Sousa procurava dar energia e esperanças a esta alma atormentada, os olhos humidos da Rosal iam pela tranquilla superficie do Tejo, na colheita das sensações da sua infancia, quando despreoccupada, como os passaros nos laranjaes de Extremoz, vivia e gosava a vida da natureza independente, na epoca em

que apenas ouvia falar da sociedade, que ora lhe inquinava a existencia. Mas não encontrava pontos de apoio no horisonte vago, como não podia haver esperanças seguras nas consolações de sua prima. O pensamento em vez de espairecer e alegrar-se, submergia-se em fundos pegos, em abysmos de trevas e desesperos; porque ella via Fernando cortejando patente e escandalosamente a sua rival, que tinha no fogo do olhar, todos os signaes de vencedora. Annica de Sousa ainda procurou revoltal-a pela dignidade e pelo sangue:

— Mas que te póde importar essa mulher! Despreza-a. É sangue vil...

— Pois sim, querida! Mas que vale o meu nobre sangue, se Fernando é a ella que ama perdidamente! Olha!...

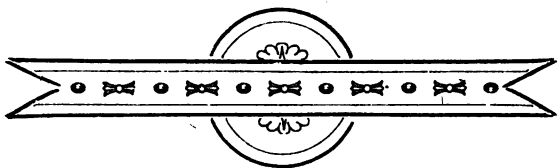
E indicou-lhe o ponto em que os dois patenteavam, sem rebuço, a reciproca conquista.

*

* *

Tarde amena, povoada de carinhos! Que céu, que luz, que temperatura de delicias! Enternecia-se lentamente a paisagem com o afrouxar da luz; um forte sentimento das coisas imperava nos nervos. Começo de primavera com enfolhamento de rebentos, que tinham reflexos de amethystas; flôres de gamma variada nas côres e nos aromas, que a brisa espalhava. Do inte-

rior do bosque, do imo da terra, da vastidão do mar, chegava um vago murmurio, que entremeava as vozes e os risos das conversas. Temperatura enlanguescente a d'esta hora! afagava os nervos e fazia voar a imaginação. A brisa leve, que vinha do poente soprava nos cabellos, nas plumas dos chapéus, trazia odores salinos, que misturados ás essencias da matta, pesavam nas palpebras adormecidas pelos desejos e nos labios abertos em palavras alegres. O *match* ia continuar, com mais interesse, logo que chegassem os monarchas. A côrte apreciava excepcionalmente o *tennis*, como a de Henrique VII, o primeiro Tudor, o que venceu na guerra da *rosa branca e vermelha;* e como a de Carlos II, um Stuart, que vencido por Worcester, foi rei com Monk, e esforçado mestre no jogo da bola, em que vencia todos os seus cortesãos. Este repousado intervalo enchia-se com a deliciosa intriga da sociedade, em que se multiplica o interesse da vida fugaz e enganosa. Os passaros lascivos, que n'esta epoca d'amores voavam de arvore em arvore, preseguindo-se e conquistando-se, eram a imagem da existencia. Chilreavam e beijavam-se; escutavam pousados nos galhos tenros e espreitavam por entre os rebentos novos. Pareciam socios e comparsas, e deixavam se embalar pelo zumbido longo das abelhas, que nas azas d'oiro levavam e traziam a brisa, pousando nas bellas acacias d'onde sugavam o mel. As corollas das flôres abriam para o céu os seios de setim, tumidos d'aromas, e entoavam um hymno em louvor da natureza omnipotente. Evoé! Quem vive!?...

O murmurio das vozes teve um renascimento momentaneo, como o d'uma onda ao galgar da rocha. Era um vigoroso assentimento de applauso! Aflorara o sorrir em todos os labios. Levantaram-se as senhoras, os homens descobriram-se, todas as cabeças n'uma leve curva de respeito. Chegavam as carruagens reaes precedidas de batedores. Iam recomeçar, com maior interesse, as partidas de *tennis. Ball!... Ball!... Ball!...*

IV

CATHERINA

A mocidade, a saude, a alegria do sangue eram Catherina de Sá!... Possuia a grande força recondita, defendida no imo do seu ser, a virgindade absoluta! Realisava a concepção mystica de Seraphita, n'este periodo de puberdade e n'esta terra contingente, em que Minna, apesar da sua perfeição, representava, em si, a vida real. Kate era ser angelico, dos que no mundo se accommodam transitoriamente á fórma humana, que vivem um instante no meio da impureza, branqueados pela mocidade e virtualisados pela innocencia! Logo que se approximem da carne impura, da sensibilidade impura, na atmosphera onde bafeje a lascivia, desapparecerá o ideal de força que os caracterisa, como se evola no infinito espaço o vagido d'uma creança, morta á nas-

cença. A virgindade é uma scintillação, nada mais! Um estado symbolico d'alma immaculada, com uma acuidade de cerebro perfeito, se isto fôra realisavel, é o que daria a Kate o essencial para ser a imagem da mulher perfeita! Mas não o sendo, na relatividade da sua natureza, a saude, a mocidade, a alegria exhornavam-lhe a innocencia, dando-lhe fulgurações ao olhar, elasticidade aos musculos, rubor ao sangue, presteza aos nervos. Tinha no corpo a leveza d'uma ave do céu, na pupilla negra a inspiração, em toda a sua existencia material e cerebral um equilibrio raro. Nenhuma pestilencia lhe tinha ainda envenenado a alma candida, como a neve dos pincaros. Conservava, por emquanto, na sua pelle e nos seus cabellos fartos, o odor acre do rosmaninho, que nasce e vive entre tojaes incultos; no proprio cerebro, nas pestanas grandes, a fragrancia dos arvoredos bastos, das estevas de flôr branca. Cantavam-lhe na alma o sussurro das ribeiras, o gorgeio dos passaros, o balar dos cordeiros á sombra dos sobreiraes mysteriosos... tudo que ouvira e escutara, na sua herdade das Monjas, perto do Crato, onde vivera com sua mãe nos ultimos annos. A condessa de Moinhos, ali escondera a sua viuvez e a vergonha da fortuna desbaratada pelo marido, que morreu n'um duello em Paris, deixando-lhe dois filhos, Manuel e Catherina. Manuel que fazia de sua irmã differença de dez annos para mais, ficara em França a continuar os estudos, com tamanho folego começados. Nos altos cursos das sciencias da natureza, seguira com luzimento e fama, especialisando-se mais tarde na chimica, em que

arranjou renome entre mestres e condiscipulos. Kate, que no momento agudo da catastrophe tinha apenas dez annos, acompanhou sua mãe para Portugal, encerrando-se ambas na unica propriedade que lhes ficara, perto da historica *Flor-da-Rosa.* Assim a condessa de Moinhos, propondo-se no primeiro impulso resultante da immensa dôr que soffrera, a fazer-se esquecer nas Monjas, cerrara os ouvidos aos amigos e parentes e a todos os ruidos da côrte. N'aquella casa antiga, desconfortavel, com heras a tapar as fendas das paredes enegrecidas pelo tempo, como o chão da charneca, sentia na sua alma a grande paz da solidão, a que aspiram todas as almas batidas pela desgraça. Ninguem ali lhe veria as lagrimas, nem a lamentaria, nem a motejaria!... Os residuos de affecto, que ainda tinha no coração, serviram para fecundar e engrandecer o amor de seus filhos: Kate, a quem servia de mestra; e Manuel, «o seu philosopho», a quem diariamente escrevia longas cartas, e que vinha com ella passar alguns dos intervallos aproveitaveis dos seus graves estudos. Concluidos estes, partira a juntar-se a sua mãe e irmã. Eram apenas alguns mezes de repouso, durante o qual nortearia a sua vida, com o fim de a tornar fructifera para aquelles a quem amava. Encontrou-as ainda no Alemtejo; mas já com a idéa de virem habitar Lisboa, d'onde parentes e amigos convidavam a condessa de Moinhos a apresentar Catherina na corte. Para a solidão da herdade das Monjas, prevenira-se Manuel com livros e ali recebia revistas estrangeiras, que o traziam a par de todo o movimento scientifico do mundo. Mas

na camaradagem de sua irmã, não se furtou a longos passeios, percorrendo todos os arredores na extensão de leguas. Kate entretinha-se com o fructo da sua leitura, que a condessa seleccionava, para lhe dar um cerebro são; Manoel discreteava ácerca da natureza geologica e cultural dos terrenos, dos animaes que pastavam, das arvores que se viam nas encostas e das humildes hervas que encontravam a seus pés.

Ella ouvia-o e escutava-o com a submissão da sua ignorancia, mas nos olhos vivos de innocente, sizudos e reflexivos, ficavam impressas as coisas como maravilhas da creação, do solo fecundo, da natureza omnipotente. Para os dias em que não se ausentassem de casa tinham preparado o *tennis*, em que a leveza do corpo de Kate, a encantadora e superior elasticidade dos seus musculos, a prompta resposta dos seus nervos, levavam de vencida Manuel, menos apto para tal exercicio, em razão da vida sedentaria que tivera nos laboratorios, nos museus e nas salas de estudo. A condessa, assistindo a estes combates com a *Revue des Deux Mondes* sobre os joelhos, applaudia a triumphadora e consolava o vencido dizendo:

— Ella é um chibo creado n'estas charnecas. Não a pódes vencer, Manuel.

Esta existencia poetica, de sublime tranquillidade moral e d'amor, não podia durar muito. Demorar na espessura do soberbo azinhal das Monjas, uma intelligencia como a de Manuel de Sá, seria o mesmo que metter a vida exhuberante d'uma creança, dentro de uma botija. A condessa nunca fôra formosa, mas ti-

nha mais do que formosura, na sua intelligencia bem equilibrada e aguda, no aspecto nobre e digno, no olhar engraçado, que aos cincoenta annos ainda conservava brilho. A sua physionomia era muito espiritual: e a magua da viuvez, a resignação no infortunio, a historia da sua vida infeliz davam-lhe um tom de melancolia, que lhe accrescentava interesse. Liquidara, por um grande desastre, com o mundo das vaidades. Por sua vontade morreria ignórada, no meio do silencioso azinhal que cercava a sua vetusta morada, porém Manuel precisava de mundo largo e, a prendada intelligencia e formosura de Catherina, não deviam esterilisar-se, ao gelido ar da charneca, nas tristes invernias. Por isso é que determinou estabelecer-se entre os interesses, que podiam convir a seus filhos. As tendencias de Manuel seriam voltar para d'onde viera, combater com os seus eguaes e respirar a largos pulmões a atmosphera da sciencia. O ambiente intellectual, o amor das idéas, a batalha ininterrupta do pensamento, a cachoeira revolucionaria das descobertas que diariamente revolvem o mundo e fazem crear amor á existencia, era toda a sua paixão. Um coração largo de poeta levava-o a condemnar, pelo instincto, todos os interesses illegitimos, as injustiças que via na sociedade, e só fiava da sciencia, da sua amplificação até as ultimas camadas de homens, toda a ventura do globo. Momento a momento, no grande cadinho internacional se estão deitando os metaes, de cuja fundição e liga sahirá a estatua immaculada da justiça e n'isso acreditava elle como um fanatico. Do cerebro do Homem brotam constan-

temente jorros de idéas, que se entrelaçam, que se embatem, que se contradizem, que se sommam e que, as consciencias intemeratas como a de Manuel, sentem em beijos d'amor. Viver no ponto central da grande refrega, era o desejo d'este cerebro cheio de sonhos e de conhecimentos scientificos. A sua alma inquieta, só queria vibrar na paz claustral dos laboratorios e ahi trabalhar pela felicidade dos homens. Mas tinha sua mãe, tinha sua irmã... Como deixal-as, agora que lhes poderia ser util? Certa indolencia atavica, a força de inercia que existe no fundo de certas castas, o seu temperamento melancolico de philosopho, tambem aqui o prendiam e, como coisas particulares, valiam transitoriamente bem mais do que o incentivo de revoltoso, que lhe dera a educação. Genio selvatico habituado á paz dos meios experimentaes, faltava-lhe o desembaraço do batalhador; nobre cerebro amante do justo e do raciocinio sem peias, não era muito apropriado a seguir a vida tradiccional de sua familia, para a qual a propria mãe, n'um momento procurou attrahil-o.

— O meu philosopho gosta de pouca gente e muito menos de senhoras — disse a condessa como censura, quando elle se recusou a acompanhal-a.

Podia, pois, Kate ir com sua mãe aos paços doirados, aos salões da opulencia, que elle apenas se reservava o prazer de ser a sentinella, que lhes vigiasse o nome. Viviam os tres, com uma só alma e uma só vontade, dentro da pequena casa no bairro da Estrella, mas ao sahir do limiar da porta, desuniam-se. N'esta terra, para elle estranha e inimiga, com o fim de en-

cher a sua sensibilidade de convivencia intellectual, emquanto aqui se demorasse, Manuel procurou o seu amigo Julião Esteves, medico, que conhecera em Paris, todo interessado nos multiplos problemas da microbiologia, e com quem muito se entendera e familisara, pelo vigoroso e inquebrantavel amor que lhe apreciara no trabalho, e pela fé intemerata com que o ouvira apregoar o pontificado da sciencia, sobre todos os outros actos do espirito do Homem. Julião, antes de partir na sua peregrinação de dois annos aos gabinetes bacteriologicos estrangeiros, ligara-se, em fraterna amisade, com João da Terra, o Barbas, philosopho epicurista, sublime na sua generosidade altruista e cujo pendor de bondade admirara em muitas circumstancias difficeis e interessantes. Quantas vezes presenceara o despejar da magra bolsa d'este excentrico, para diminur o soffrimento obscuro! N'aquelle amplo coração havia sempre um carinho para qualquer infortunio; no seu braço forte e musculoso, arrimo para aguentar qualquer fraqueza alheia, ou arma para batalhar pela justiça! No beco do Imaginario, a Santo André, onde o Barbas morava, encontrava sempre, Julião Esteves, uma modesta cama sobre a qual atirava o magro corpo, lasso de trabalho, em quanto escutava o philosopho a trovejar com a sua voz magnifica, a respeito da insensibilidade do mundo perante a Desventura. A união d'estes tres homens, Manuel, Julião e o Barbas, tão differentes no corpo, como na composição dos elementos da alma, fez-se naturalmente, soldando-se, elles, pelo espirito commum de independencia, pela

crença nas idéas, no seu poder destructivo do mal e fecunda direcção para o bem. Encontravam-se no «sublime areopago do Imaginario» com mais um fanatico companheiro, o Claudio Mendonça, rapaz rico e generoso, que de Coimbra trouxera o habito da dialetica. E ahi encerrados, a golpes de audacia intellectual se trabalhava na «alta chimica sociologica», destruindo imperios e associações caducas, desagregando-lhes os elementos, para os fazerem entrar em novas e inesperadas composições, que transformariam a face da sociedade. N'aquelle quarto desconfortavel e pobre, tudo se fiara sempre da acção potente do cerebro humano! O Barbas, com a sua «materia espiritual» que lhe viera da *declinação* dos atomos de Epicuro, procurava harmonisar a bondade do seu coração, com as exigencias, ás vezes um tanto contrarias, da philosophia e da moral que formava o fundo do seu saber. Em taes polemicas, agremiações de philosophos, pleiades de sabios, exercitos de pensadores eram passados em revista e inqueridos sem delicadeza. Esta bohemia intelligente, natural nos habitos dos que se occupam de idéas, não afastava, Manuel e Julião, do pensamento que cada um tinha de pôr o seu saber, armazenado durante penosos estudos, ao serviço d'uma pratica proveitosa. Mas unia-os n'este convivio, a magia do coração e da palavra erudita do Barbas, que passeava pela historia do Pensamento, com a encantadora familiaridade do homem, que nunca teve outros habitos.

*

* *

Manuel de Sá era rude e elevado na intelligencia; porém toda a sua alma se ameigava em ternuras de creança, ao pensar nas perfeições de sua irmã. Coração largo e generoso, contemplava-a como se ella fôra uma imagem, que se devesse adorar. Não tinha o pendor do casamento; mas se o tivera, elle só procuraria companheira, que de qualquer modo lhe trouxesse algumas das perfeições de Kate. Nem admira, pois este monge dos laboratorios chimicos, tendo passado longos tempos na meia escuridade d'essas casas silenciosas como claustros, quando via sua irmã, belleza formada de essencias campesinas, imaginação educada no aspecto das charnecas extensas e dos arvoredos alemtejanos de sombras religiosas, sentia um tal beneficio, que todos os seus nervos vibravam n'uma deleitação incomparavel. Apesar de elle não gosar com a frequencia da sociedade, de que o afastava a rudeza do seu viver de sabio, acceitou que sua irmã Kate ali fosse, para que todos a admirassem, como elle a admirava. E assim aconteceu: aquella belleza saudavel foi festejada na sua apparição, como um phenomeno que o merecia ser. A ingenua creança, recebeu com sinceridade os sorrisos, que para ella se voltavam; porque o fingimento era planta venenosa que desconhecia. Essas impurezas, que entram subtilmente na alta convivencia, como ele-

mentos de fermentação, não a tinham contaminado no deserto das Monjas, onde se respirava a sinceridade da charneca rasa. Kate era a flôr resistente do cacto, destacando-se entre plantas de estufa creadas pelos jardineiros da opulencia, plantas magnificas, mas de pouca duração. Em todo o seu ser havia a altivez simples d'uma natureza forte. A cór rosea da face, o brilho dos olhos, a sombra das pestanas, a macieza dos cabellos abundantes, a graciosidade natural da linha do seu corpo, tinham qualquer coisa de imponderavel e ethereo. Nos jogos e nas dansas ella distinguia-se das suas companheiras na edade. N'estes exercicios, para que mostrava aptidão rara, era de meneios airosos e apropriados sem exagero: conservava a simpleza das estatuas antigas, captivava levando comsigo os olhos e a alma dos que a viam. A imaginação embebia-se n'ella, como nos quadros dos mestres, nas paisagens mysteriosas, e em certos cambiantes de sol-posto. A tal deslumbramento não fôra insensivel Fernando de Castro, o seu parceiro de *tennis*. Sentia-o e de modo tão extraordinario, que se lhe apoderou do coração um subito pavor, como se a sua vida material de goso, se fosse desfazer n'uma poeira de luz. Eis o verdadeiro motivo que o levou a correr para a carruagem da Paraiso, como se fôra a argola de vida real, que lhe pudesse salvar a sua existencia de peccador. Quando Kate o veio puxar pelo braço para o peditorio, tinha já retomado a energia dolente do seu caracter de mundano e acompanhou-a, como se fôra um irmão, que levasse pelo braço sua irmã. Depois tornou a dedicar-se com furia

e escandalo á Paraiso, fazendo alarde d'esta conquista, sem pensar nas amarguras da pobre e formosa Rosal, que se entregava ao desespero d'um cruel ciume.

Kate, candida e innocente em absoluto, não via em Fernando senão o parente chegado e o amigo. Estado d'alma tranquillo como remanso d'agua, pois vivia no mundo doirado da imaginação. Elle era o primeiro campeão do *tennis*, o mais agil e donairoso em todos os exercicios de corpo: tinha garbo no talhe, elegancia nos movimentos, physionomia e olhar attrahentes. Porém ella via-o friamente, como um retrato pendurado d'uma parede. E' que não havia concordancia entre as suas almas, não viviam na mesma zona de sentimento. De certo a fresca juventude de Kate, instinctivamente o repellia do coração, por que o d'elle amadurecera n'uma atmosphera artificial. Ella vinha do convivio da natureza mansa e forte dos sobreiraes e olivedos, na sua alma pulsava a força potencial gerada na amplidão das pastagens, onde os animaes vivem livres. Formara-se-lhe a imaginação de todos os odores, que sahem da terra quasi maninha, de todos os sons do vento e da agua corrente, dos cambiantes de luz do céu, das miragens que povoam os luares. D'um inverno a outro inverno, perante os seus olhos tranquillos e intelligentes, desenrolara-se de modo uniforme, o maravilhoso panorama do adormecimento e da revivescencia das forças da natureza. A contemplação serena e meditada d'este facto, auxiliada com as palavras d'amor e ensino de sua mãe, haviam-lhe dado uma noção de ordem e harmonia nos sentimentos, que eram todo o repouso d'esta alma ju-

venil. A gradação encantadora das estações, com grandes tempestades que uivavam nos arvoredos e com inundações de sol que mirravam as hervas, deram-lhe a idéa da variedade que deleita e seduz. Por isso Kate, exhuberante de saude, apesar dos encantos da sociedade opulenta, não podia deslembrar os verdes azinhaes, as massas compactas de pinheiros, que rescendem a resina, o azulado dos olivedos, que levam á meditação, os mansos pastores a conduzirem para longe os seus gados. Na sua alma, os sentimentos e as idéas tinham vindo a passo egual, trazidos por estes factos simples, que os seus olhos recolhiam. Para deixar a liberdade de larga respiração dos horisontes alemtejanos, forçaram-na os pressivos conselhos dos parentes de Lisboa, que convenceram a condessa, sua mãe, a retomar posição no mundo, com idéa d'um casamento rico para sua filha e portanto d'uma desforra do passado inclemente. Catherina não teve completa consciencia da mudança, que se ia operar no seu existir; mas, no apartamento da velha casa, reconheceu, pela dolorosa saudade sentida, que muitas vezes a sua imaginação ali se viria recolher. Seria esta a poesia da sua alma. Mas para resistir á seccura sentimental da vida de sociedade, trazia forte no peito a juventude, a alegria simples e natural, o sentimento intacto da pureza da vida ideal dos ultimos annos. Acceitou, pois, com ingenuidade e até com goso, a facilidade de relações intelligentes, o viver mundano architectado á maneira das peças de theatro, que apesar de mentirosas, dão interesse á imaginação. Para ella eram de boa lei os carinhos dos

parentes, e as palavras das amigas que lhe appareciam. Amparavam-a na sua pureza, sua mãe e seu irmão, alma de força, caracter ponderado, que lhe graduava as primeiras e enganadoras impressões, com o seu tino de homem reflectido. Manoel conservava-se á porta d'aquelle coração, para não deixar entrar a maldade; mas não o desilludia, pois seria cruel. E até os enganos simples de sua irmã lhe encantavam a vida isolada de cenobita, no meio d'uma cidade populosa e sem occupação para a sua necessidade de trabalho. Não lhe diminuia a crença na bondade do mundo, nem a fé religiosa, pois eram signaes de pureza moral, e elle, um poeta da sciencia e da razão, queria conservar sua irmã como emanação de luz. O seu espirito de revolucionario tinha grande fé na castidade, que é uma incalculavel força; por isso Kate podia acreditar no symbolo da Virgem immaculada, que era a garantia de sua innocencia e virtude. Emquanto Kate assim fosse, o seu cerebro d'elle viveria repousado nos seus ideaes. Não ignorava que o desenvolvimento natural, o bafejo da convivencia mundana haviam de embaciar aquella alma de crystal; mas tambem elle a armara com a força de idéas exactas, sobre os phenomenos da natureza, para ella, por si, encontrar a direita verêda da verdade. O mundo, com enganos e malicias não poderia destruir tudo que sua irmã aprendera nos educativos passeios, em commum, do Alemtejo Os homens não desfariam, o que fizera a poesia e a sciencia. E demais elle ali se conservava, dentro da sua torre de marfim, attento e prescrutador. Nas habituaes conversas de familia, inquiria

de tudo que ia entrando n'aquella alma: desfazia erros e marcava a melhor orientação moral.

A condessa escutava-os com a doçura do seu caracter, encerrada na habitual melancolia. Envelhecera-a uma subita catastrophe; mas organisara um mundo seu de idéas mysticas, paisagens celestiaes, musicas gementes de cathedral, para viver. Empregara n'isso os tempos de afastamento nas Monjas: povoara o ar roxo da sua contemplação, com imagens de santos, que haviam soffrido e de mortos queridos. No mundo d'onde lhe viera todo o mal, passava calma e resignada, absorvida na bondade infinita e na clemencia infinita. Com este fundo para o desenvolvimento de Kate, não admira que a pobre creança tivesse, em certos momentos, e sem adivinhar o motivo, tristezas, medo de infortunios, desconsolações... Era o legado da alma da condessa, cuja doação a filha não pudera discutir. Manuel não lhe podia receber as crenças, mas ella sentia-se orgulhosa d'este caracter integro, coração levantado e nobre, cerebro de probidade intransigente, caminhando implacavel na direcção do saber. A condessa via que elle, para sua irmã, tinha mansidão e carinho de velha escrava e isto trazia-lhe lagrimas consoladoras; pois comprehendia que essa alma atormentada na ancia da descoberta, do facto novo revelador de progresso, adormecia no ideal de virtude e de innocencia de Catherina. Forte exemplo de como as dôres podem ser vencidas, pela vontade e pela intelligencia. Por isso Manuel lhe votava culto, a respeitava e venerava: esta era, em sonhos, a sua namorada. O enleio da

condessa por seu filho, por esse espirito formado de bondade e justiça era tal, que por vezes vacillou a sua crença, em que só a religião tivesse poder para purificar as almas. Afastava de si com brandura esse pensamento, que lhe vinha desarmar a ordem e harmonia, na qual, por um esforço de paciencia, tinha posto toda a sua felicidade. Catherina e Manoel, unidos, eram o symbolo de verdade e affecto; porém elle passava fóra de casa muito tempo, no commercio de outros homens que juntos cultivavam a flôr prolifera do saber, em quanto que Kate nunca a desamparava. Quem eram os amigos de Manuel, não o sabia, senão de lh'os ouvir nomear. Não podiam ser maus, porque seu filho era bom. A condessa vivia mais tempo na alma de Kate, branca flor de açucena, regada por orvalho sagrado, acariciada por brisas leves e ainda não mordida por ferrão venenoso. Mais tarde, o vendaval do mundo havia de fazel-a pender e murchar; mas então já ella tereria morrido. O que pedia a Deus, é que lhe conservasse, até sua hora derradeira, a innocencia de Kate e o grande caracter de Manuel.

V

COMBINAÇÕES

M casa da velha marqueza: jantar intimo com o fim de se ajustarem modos de engrandecer a *Esmola*. Ao lado direito da fidalga o padre Delombe: face azulada por causa da barba forte, escrupulosamente feita; expressão dura de camponez, com idéa fixa; olhar intelligente e conciliador; maneiras calculadas, porém gestos de combatente; largo thorax ampliando a batina negra. A' esquerda, Fernando de Castro (era a primeira vez que ali jantava): sportista de nomeada, montando, guiando, toireando, timonando, jogando bem as armas e o *tennis;* casaca justa de córte inglez, peito de boa respiração, cabeça firme, olhar sorridente, bocca larga, cabellos loiros e finos empastados, com risca ao lado. Em frente da marqueza, sua sobrinha, Annica de Sousa: physionomia

alegre e natural; bondade d'alma transparecendo nos olhos castanhos e avelludados; travessa, no sorrir e no dizer, porém alma compassiva e dedicada. Para moderar esta graça, sempre álerta, encontrava-se ali Izabel de Noronha, uma das suas amigas: a pallidez de monja d'esta menina de vinte annos, os seus grandes olhos pensativos e avaros de commoções, destacavam-n'a da côr sadia de Kate, viçoso botão em flôr, que ficava entre o padre e Di-Conti, um italiano intimo da casa, que a fidalga muito estimava pelas scintillações bonacheironas e philosophicas do seu falar. Tambem ali se via, á direita de Annica de Sousa, o Tristão de Nellas, senhor de Cannas de Senhorim, um dos certos n'esta meza, ás quintas feiras.

A solemnidade delicada do ambiente não excluia vivacidade na conversa. Annica era um bulicio encantador, uma musica alegre debruando a candura da innocente Kate e a intelligencia visionaria e preoccupada de Izabel de Noronha. Tristão de Nellas, por vocação e habito, enchia, alguns intervalos, com a memoração de mortos illustres, seus parentes. Di-Conti, assestava-lhe n'essas occasiões o monocolo, cuja fita preta lhe riscava o peitilho luzente, e dizia:

— Ó Tristão! deixa dormir socegados. Não encommodes...

A marqueza sorria, com o seu sorrir delicado e de conciliante applauso. Uma palavra sua, uma curta phrase... logo outro assumpto se abria. Ella e todos estimavam este Di-Conti, figura original, de barba branca e sorriso moço, cabelleira romantica e vestua-

rio de burguez, bravura e força no corpo d'um velho, ironia bondosa e picante no semblante d'um evangelista. A sua historia, um tanto mysteriosa, de vagabundo elegante atravéz da Europa (1), que percorria frequentemente, tendo o seu quartel general em Lisboa, tornava-o apreciavel para Delombe, que lhe estava fronteiro, pois reconhecia a utilidade d'um homem, que tudo sabia vêr e dizer. Este padre de nariz adunco e sectario a afastar dois olhos penetrativos, labios grossos de eloquencia e persuasão, convencido da alta necessidade de que a Egreja dominasse o mundo em todos os seus aspectos, não despresava o homem util que era Di-Conti, espirito facil, d'essa maleabilidade, que só pelo muito viver se consegue. Por isso, mesmo quando dissentiam, elle porfiava porque um accordo apparecesse no remate da discussão.

O perfume da vida elegante e desdenhosa, balouçada entre o desejo e a duvida, era Fernando de Castro. Adivinhava-se-lhe no olhar a incerteza nas idéas e nos sentimentos; a ponta da agulha magnetica do seu destino, oscillava constantemente; a preguiça espiritual transluzia-lhe no corpo magnifico de sportista. Era, no emtanto, uma figura em que todos os olhos repousavam com agrado: tronco bem modelado; cabeça erguida, sem espiritualidade, mas firme; musculos faciaes d'uma grande harmonia de tensão; olhar claro, sem profundeza. Não era decorativo, como Tristão; nem

(1) O *Famoso Galrão.*

raro, como Di-Conti; nem complexo, como Delombe; mas era um apreciavel rapaz de sociedade.

Só a tradicional auctoridade da velha marqueza, a sua grande sciencia de coisas do mundo, poderiam reunir no mesmo terreno e n'um interesse commum, tantas contradições. Sumida no seu vestido de seda preta, liso e sem enfeites; a leve touca de finas rendas sobre os bandós, que se lhe empastavam na testa larga, pautada de rugas; a physionomia magra e ascetica; nariz recto e decisivo; pequenos olhos vivos e prescrutadores; labios grossos de commando... parecia qualquer cardeal romano, velho diplomata habituado a ordenar as suas idéas e a exprimir os sentimentos, com infinita variedade de sorrisos. Esta figura, de apparencia modesta, mas dominante, resaltava com relevo e interesse do quadro em que apparecia. No seu antigo palacio, cheio de recordações historicas, viviam memorias do passado. Na sala de jantar, o alto tecto abahulado, de carvalho enegrecido, tinha brazões pintados; os azulejos das paredes eram retabulos de caçadas e brigas. A rica baixella scintillando nas prateleiras, nos armarios e aparadores; as preciosas loiças da China, India e Japão, trazidas por navegadores e viso-reis; os antigos crystaes de Bohemia e Veneza, adquiridos por embaixadores, que andaram negociando allianças de principes, regalias e honras para a egreja lusitana... formavam um conjuncto de gravidade e respeito. Os numerosos lumes de velas no grande lustre do centro e tocheiros dos cantos, levantavam d'essas pratas, loiças e crystaes scentelhas brancas, que faiscavam no ar. Os

creados, de boa estatura para comportarem a farda privativa que era pesada, passavam, methodicos e silenciosos, sobre o fofo tapete de Smyrna, com o tronco erecto e a cabeça firme. A voz dolente, ligeiramente pastosa, da velha marqueza, falava das projectadas festas:

— Não, meu caro Di-Conti, não. Sobre minucias, que vê muito bem com o seu monoculo, consultal-o-hemos. O conjuncto, o plano geral, quero-o antes do nosso reverendo Delombe.

— Sempre ao querer da senhora marqueza — observou o italiano. Fico então com o pittoresco, a phantasia... Convém-me.

O sacerdote concluiu o que estava dizendo:

— Temos, pois, innumeras coisas: divertimentos, subscripções, donativos, peditorios nas egrejas... Largo campo, largo campo...

— Queira a marqueza pôr o seu nome historico em tudo e será famosa a colheita — affirmou Tristão.

A fidalga observou-lhe:

— Não lembres nobrezas, quando se fala de caridade. Hoje somos humildes...

— Como o Eremita que trocou a couraça pelo habito... — completou Delombe.

— Isso não o faria o primo Tristão — disse Annica. Espera morrer agarrado á espada do Lidador.

A velha fidalga disfarçou um sorriso, carregando o sobrolho:

— Converse com Kate e com Izabel, e deixe-nos tratar de coisas sérias, menina. Tu conhecel-a, Tristão...

— Se conheço, minha senhora! Tem alguns espinhos, mas é uma rosa.

— Bravo!—applaudiu Delombe, em quanto Di-Conti assestava o monoculo.

— Obrigado — disse Tristão. Senhor italiano, dispenso as suas benevolencias...

A marqueza metteu de novo o assumpto no seu caminho:

— Nos divertimentos conto muito com Fernando. Tem desembaraço e influencia entre os rapazes. A gente nova é quem torna as festas alegres.

— A' sua sombra, senhora marqueza, tudo se póde conseguir — confirmou Fernando.

— A questão é saber tirar a uns, para dar aos outros... — observou Di-Conti.

— N'isso seguimos os preceitos do evangelho na licção de S. Lucas—respondeu o padre.

E o italiano concluiu:

— E tambem saber pôr as fraquezas humanas, os deliciosos peccados, ao serviço da sublime caridade... E' o que não diz, provavelmente, S. Luccas...

— Não diz, é certo; mas aqui a grandeza do fim, virtualisa os meios — assentou Delombe. A religião nunca foi contraria ás alegrias, aos divertimentos, aos espectaculos publicos, com tanto que sejam honestos. A nossa esplendida liturgia, que encanta os olhos e a imaginação, não é superior ás seccas praticas dos protestantes?

— N'isso se liga o throno com o altar — affirmou Tristão. No tempo dos grandes reis, D. Manuel, D.

João III, D. João V, as sumptuosas festas da côrte eram principalmente religiosas.

A velha marqueza aspirou da caixa armoriada entreaberta o cheiro espertador do seu rapé. Depois disse:

— A riqueza da nossa amada *Esmola*... (Eu já lhe quero como a uma filha, se Deus m'a houvera dado)!... assentará muito, no espirito caridoso dos honestos prazeres mundanos. Teremos, pois, a nossa toirada á antiga portugueza, e um grande espectaculo no theatro de S. Carlos, por ser o maior. Arranjar-se-ha bazar de caridade, em que interessaremos o paiz inteiro, e um baile de subscripção, para as meninas se divertirem. Convidaremos toda a sociedade elegante, e pedir-lhe-hemos que seja alegre e mundana. Deita-nos a sua absolvição, Delombe?

— Se fôra necessaria... mas não é. As virtudes, só requerem applauso, senhora marqueza.

* * *

O café servir-se-hia n'um gabinete, ao fundo da casa de jantar.

Ao levantarem-se da mesa, a fidalga conservou-se em pé, com as palpebras cerradas, levantando a Deus a mente agradecida, pelo beneficio de mais esta refeição. Os convivas imitaram-lhe o semblante de prece: Fernando de Castro com o olhar vagueando pelo alto tecto de carvalho antigo; Di-Conti com o busto inclinado sobre a toalha; Tristão de Nellas movendo os

beiços n'uma resa, os dedos enclavinhados sobre o collete; o padre Delombe as mãos solemnemente erguidas ao céu, pupilla metallica inquirindo friamente do que se passava nas almas que o cercavam, rosto energico de boieiro, que dirige o seu gado. As tres meninas foram as primeiras a beijar os dedos brancos da marqueza, como faziam a suas mães, seguindo-se os outros com as suas ceremonias. A' Isabel festejou a fidalga com um beijo familiar e com um conselho para a desprender da tristeza que lhe via; á Annica, a sua companheira, com uma reprehensão affectuosa pela sua travessura permanente. Quando chegou a Kate, ponderou:

—Que me dizem a este sobreirinho, que eu fui colher aos montados do Alemtejo! Queria-a a mãe conservar n'aquellas charnecas tristonhas, talvez para ser namorada de rudes pastores. Não lh'o consenti. De lá a trouxe e d'isso me gabo. A corte é a estufa, onde as plantas de raça mimosa adquirem as boas côres e os deliciosos perfumes. Os ventos das herdades queimam, minha filha. Nas festas da capital, nos salões do paço...

—Onde viveram, se elevaram e morreram todos os avós da nossa Kate, que serviram a patria e o rei durante seculos...—disse Tristão.

—Muitos d'elles viveram longos annos na India e no Brazil e por lá ficaram, esclareceu a marqueza. Procura ser mais exacto, para a outra vez...

E dirigindo-se ainda a Catherina, continuou:

—Pena é que teu rebelde irmão, se mostre arredio da nossa convivencia. Genio exquisito e soberbo; mas

não póde ser mau rapaz, visto adorar sua mãe e sua irmã. Não conseguirão trazel-o um dia a jantar com sua tia?... Queria conhecel-o. Depois que é homem, nunca o vi.

— Os livros, o estudo... occupam-no todo — desculpou-o Catherina.

— Os livros... o estudo!... — pronunciou a marqueza com leve despeito. Grandes coisas!... Bagatellas!... Que digo eu? padre Delombe!...

— Diz a verdade, senhora marqueza. É a tal sciencia que incha e fórma a vaidade... Os livros santos condemnam-n'a.

— Sumptuoso! magnifico! — exclamou Tristão, que veiu apertar entre as suas, as mãos do sacerdote.

— Não admira que Manuel me fuja!... — continuou a marqueza. Sou uma velha. A força e a mocidade procuram os seus pares ..

— Velhos?!... — exclamou Di-Conti. Não ha. Eu com toda esta barba branca, sinto-me rapaz.

— Como o grego Anachreonte, que sempre foi joven — acrescentou Tristão.

— Mas nunca fiz versos á formosura, nem sou dado, com exagero, ao prazer do vinho, ainda que muito estime estes dois grandes motivos da alegria humana.

— Mas não é a falta de mocidade n'esta casa — continuou a queixosa marqueza dirigindo-se a Kate — que afasta da mais velha das suas parentas, teu irmão. E' o seu orgulho, que nos julga a todos pobres coisas. Mocidade temos nós aqui: estas meninas, Fernando,

que muito nos vae auxiliar na nossa difficil empreza de dar de comer a quem tem fome...

— Todo o meu valor e prestimo...

— Bem sei, bem te sei prompto para tudo. Se quizeres, podes reunir aqui os teus amigos e aqui farão as suas combinações. Até será pittoresco e engraçado, verem-me presidir, com os meus bandós e caixa de rapé em punho, a uma assembléa de rapazes, como já presidi a outras de senhoras, onde estavam muitas, que eram jovens e formosas. Venham que eu quero falar com todos. Tenho grande empenho em que a *Esmola* adquira immenso exito. Estou mettida n'isto de alma e coração. E quando uma pessoa da minha edade se resolve ás coisas, não é para um resultado mediocre. Precisamos dar uma satisfação á importancia, que injustamente nos attribuem. E' talvez o peccado da soberba e da vaidade; mas eu já assegurei, para mim, a absolvição do padre Delombe.

A fidalga sentou-se na sua ampla cadeira, ao meio da parede principal, para assim estar mais perto de todos. Entraram os creados com as pesadas bandejas, offerecendo café em pequeninas chavenas de Sévres, transparentes e finas como cascas de ovo. As tres meninas substituiram o escudeiro no apresentar as chavenas, principiando pela velha marqueza, a quem Annica serviu primeiro. Isabel de Noronha, ao entregar o café ao seu confessor, como elle estivesse um tanto afastado, aproveitou o ensejo para lhe perguntar:

— E' bem verdade, reverendo padre, que os divertimentos não são peccados?

— Não, minha filha — sorriu-lhe Delombe — principalmente, quando tem um fim religioso.

— Então, como eu me vou divertir em todas estas festas! Estou morta que principiem.

Evolava-se no ambiente um aroma excitante e consolador das flores espalhadas em jarras e em vasos de differentes formas. O amplo gabinete ostentava pelas paredes quadros religiosos e de genero, todos em tons serenos, a concordarem com a trabalhada mobilia de páu santo. O grosso da madeira e o pesado das esculpturas, não diminuiam a conversa espiritual, ligeira e cheia de risos. O tecto fechando com o brazão de familia, cobria todas as figurinhas de Saxe antigo, que em grupos campesinos, sobre misulas e mesas, alegravam os duros bronzes de fortes musculaturas. Quatro jarras da China, pançudas como mandarins, eram as peanhas de quatro candelabros de feitio de dragões, que illuminavam dos cantos. A velha marqueza presidia á conversação, accionando descançadamente com a sua mão branca e esqueletica, que lhe sahia d'um punho de boas rendas... E quando, o seu rosto magro com tons asceticos, dava, com os olhos intelligentes e vivos, relevo a qualquer opinião, todos se lhe submettiam sem commentarios. O cavalheiro Di-Conti, acabava de lançar na palestra, um dos seus paradoxos, para entreter os espiritos, o que a marqueza muito apreciava. Porém, ella mesma, logo o definiu:

— Este senhor italiano é conservador por fóra e revolucionario por dentro. Vejam lá: quer o povo ordeiro e submisso, e defende o tal principe d'Orange, de

quem nos fala e de quem foi amigo, quando elle faltou a um dos mais sagrados deveres, regeitando o throno de seus paes. Que me diz, Delombe?

— Que é uma intelligencia complexa, apanhando ao mesmo tempo, todas as faces d'uma questão.

— Diz-lhe o entendimento uma coisa, o coração outra, e a cara contradiz ambos — commentou Tristão, a quem Di-Conti logo retorquiu na sua lingua estrangeirada, de quando estava nervoso:

— Entendimento, coração, cara!... Explique tanta philosophia!

— Muito simples — disse o Nellas bambaleando o corpo, com a chavena suspensa. Entendimento claro, porque quer o povo submisso; coração sensivel, porque desculpa o principe, o amigo, nas suas... excentricidades; cara original de americano pratico sem preconceitos, quando é um tradiccionalista, filho da nobilissima Italia.

— Andaste bem Tristão, mas elle vae-te dar o troco — observou a marqueza sorrindo.

— Troco eu?! Molhi di broccoli, marqueza. Parola, multo parola. Sentido, niente!.............

....

*
* *

A chegada de Jesuino, com a sua rotundidade e aspecto galhofeiro, cortou a meio a resposta do italiano.

Jesuino entrava assim familiarmente á presença da marqueza, como entrava em toda a parte. João Theodoro fora auctorisado a introduzir, sem previo annuncio, este homem indispensavel. Apesar da modestia da sua posição social, Jesuino era o individuo mais querido, mais adaptavel, de maior engenho para coisas minimas, que se conhecia em Lisboa. A organisação d'uma festa publica, ninguem a comprehendia sem elle. Gordo, roliço, suando sempre e limpando constantemente o cachaço, envolto o tronco na eterna sobrecasaca e com o eterno chapeu alto levantado na testa, tudo sabia mandar com desembaraço e presteza. Para dirigir a decoração d'uma sala de concerto de caridade, d'um baile de subscripção, d'um beneficio em theatro, ninguem como Jesuino. Planos de loterias e de bazares, organisação de toiradas fidalgas, collocar balisas para regatas no Tejo... só Jesuino o sabia fazer. Intelligencia facil, comprehendia os pensamentos por meias palavras, por um simples mexer de labios. Quando as pessoas eram de importancia, ajudava-as maravilhosamente no discernir, adivinhando-lhes os desejos. Os seus olhinhos inquietos e indagadores tudo viam; o seu corpo roliço, como uma bola, andava, desandava d'um ponto para outro, com uma presteza que maravilhava. A's vezes o seu apparecimento era saudado com alegria, como o do sol que illumina. Na constante faina da sua vida, se diriga os preparativos d'um espectaculo publico, o seu nome era ao mesmo tempo pronunciado por cem boccas, cem vezes por minuto. Tinha o costume e geito de tractar com familiaridade,

certa gente de influencia, principalmente os rapazes estroinas, ricos e janotas, dos quaes era amigo e commensal, servindo-os em difficuldades d'amor e n'outras, o que lhe dava grande importancia. Sallustio Nogueira recebia-o, ás vezes; o barão d'Alvoredo e o conselheiro Fortuna comprimentavam-n'o na rua; Tristão de Nellas consentia que elle lhe apertasse o dedo minimo. Nas festas de sociedade, quando eram de caracter geral e publico, chamavam-n'o pressurosamente, como haviam feito agora, a velha marqueza de Ermello, a Souzel, a Palmira Freitas, a Peixoto-Alves... todas as senhoras que se encontravam interessadas no exito da *Esmola* e que haviam delegado na primeira o entregar-lhe a direcção das festas em projecto. A sarcastica condessa de Vallongo e Di-Conti troçavam-o; a activa e remexida Aguas-Santas, via n'elle um concorrente á sua influencia mundana, resultante de pequenos serviços; o padre Delombe offerecia-lhe Porto e bolachas, quando elle o procurava em S. Luiz.

Era pois um homem multiplo e de superior valimento, que ora conseguia alguns favores, com facilidade e a poder de engenho; mas esperava ter ainda posição solida e elevada, quando por uma brecha na muralha politica, podesse entrar na fortaleza dos ministerios. A grande acceitação que elle tinha no mundo social e elegante comprehendia-se bem, ao vêl-o entrar no gabinete da marqueza de Ermello.

Aos labios de todas as pessoas presentes vieram sorrisos, a alguns olhos carinho. A fidalga disse-lhe:

— Já cá me tardava Jesuino...

E elle logo acrescentou :

— Tambem queria ver, se organisavam estas grandes coisas, sem mim! Era a primeira, senhora marqueza. Se m'o fizessem, era caso para eu morrer de desgosto. Umas festas que são as maiores que se tem projectado em Lisboa, desde que ando n'estas coisas, fazerem-se sem o Jesuino ! Impossivel ! Apesar de não me terem ouvido, pensei a sério no caso, e como me pareceu a imprensa um tanto frouxa, falei a alguns rapazes amigos, para a atiçarem. O Alberto da Cerveira, que encontrei no Chiado, levou hoje grande descompostura, por não recommendar mais força aos seus redactores. Sem imprensa nada se faz hoje. Talvez seja necessario escreverem-se cá as noticias, para elles publicarem. O publico é dorminhoco e precisa de ser dispertado, com businas e encontrões. E' necessario dizer-lhe que em Paris se faz assim, se faz assado; porque depois principia a crear gosto e morde na isca. Para o excitar devemos metter-lhe na bocca o freio da curiosidade e da vaidade. Só assim se póde montar facilmente o ronceiro do publico. Se não, deita se junto da mangedoura e adormece.

Fernando de Castro, que tinha familiaridade com Jesuino, observou-lhe:

— Sempre és um padre mestre ! Mas diz uma coisa: já sabes para que te chamou a senhora marqueza de Ermello ?

— Não foi, decerto, para dansar o commigo minuete...

— Tem razão Jesuino — certificou a fidalga com

riso calmo. Você adivinha as coisas, antes de lh'as dizerem: este é um dos seus grandes meritos. As suas excepcionaes aptidões, vão agora ser postas á prova. A empreza é difficilima, não queremos coisa banal, como o que se tem feito. A caridade...

— Magnifica idéa! — interrompeu Jesuino. Porém, verdadeiramente superior o famoso titulo de *Esmola!* Quando o li nos jornaes exultei! Ao ver coisa assim de inspiração, sinto um contentamento de rebentar! Minha mulher até me perguntou o que eu tinha. «É o titulo!» «O titulo! algum titulo que te deram?!» «Não creatura, o titulo do novo Instituto! E' soberbo! de primeirissima!» E é senhora marqueza! Quem teve a lembrança é grande cabeça! Para festas, é um molho com que se podem preparar os cosinhados mais diversos e appetitosos. Serve a todos os paladares: para o povo, para os nobres, para os ricos. D'aqui se podem tirar batalhas de flores, corridas de velocipedes, toiradas, bazares, bailes de subscripção... tudo quanto se quizer. Oh! a caridade! a esmola!... Sublime, superior!...

— Magnifico pantominiéri! — disse por entre dentes Di-Conti.

— Homem excepcional e impagavel—apreciou Tristão de Nellas, falando para Delombe!... Nas nossas antigas casas, tinhamos sempre d'estes prestadios, que organisavam as nossas festas. São creaturas indispensaveis, n'uma organisação social bem entendida, como a de então.

— Pois muito me agrada — disse a velha marqueza

— que Jesuino veja com tão bons olhos a nossa santa obra. Desde já fica comnosco, para a organisação dos muitos trabalhos que ha a emprehender. Chame para seus ajudantes individuos que entendam de papellada; porque d'isso teremos fartura. Só o que ahi está de correspondencia sem resposta, é de mais para a minha cabeça e para a das senhoras, que me tem ajudado. Mulheres não servem para estas coisas, por falta de habito. Tome conta e metta ordem em tudo, que bem preciso é. Faça de nosso secretario e leia as cartas. Verá: só aquellas em que offerecem serviços e se pedem empregos, contam-se por centenas. A respeito de festas ha commissões nomeadas, e com as senhoras e homens, que as compõem se entenderá o Jesuino. Fernando influirá nos rapazes, que são necessarios para tudo quanto fôr *sport*. Nas coisas de sociedade entenderão as minhas collegas. Se apparecerem embaraços do lado das auctoridades, ou se d'ellas precisarmos para alguma coisa, o Jesuino informa-me que tudo se arranjará. João Theodoro tem ordem para lhe entregar, no rez-do-chão do palacio, algumas casas que estão desoccupadas e póde utilisar provisoriamente. Instale-se ahi com as pessoas que lhe forem necessarias. A correspondencia, que já tem vindo ser-lhe-ha entregue ámanhã. Leia tudo, communique-me só o indispensavel, peça-me as assignaturas visto ser eu a presidenta; mas não esqueça, que a minha edade e achaques não me consentem grandes fadigas. A minha vida já é trabalhosa: deveres sociaes, serviço no paço, falar com o meu mordomo... as minhas rezas... Depois esta cabeça não é o que foi... Jesuino

comprehende bem o que digo: desejo e tenho mesmo extraordinario empenho em que os resultados venham a corresponder á grandeza da idéa que nos guia...

— E ha de corresponder! — accentuou com energia Delombe.

— Não tenho n'isso sombra de duvida! — affirmou Jesuino. Com os maiores nomes e as maiores influencias de Lisboa reunidas, o exito deve ser colossal.

— Então mãos á obra Jesuino — rematou a velha marqueza.

*

* *

Jesuino sahiu de cabeça alta, como um actor applaudido. Os que ficaram commentaram-no diversamente, com risos e palavras sérias; porem reconhecendo-lhe o prestimo e indispensabilidade, em todos os casos de organisação de divertimentos publicos. Lisboa, sem elle, seria a capital mais marasmada da Europa, todas as suas festas fracassariam se o sopro da sua imaginação não passasse por ellas. Era essencialmente o genio popular decorativo, ninguem armava melhor uma cilada á multidão, deslumbrando-a com luzes e bandeiras.

— Homem verdadeiramente inventivo — confessou o padre Delombe.

— Pode-se fazer d'elle o que se quizer: um chefe de policia, um pregador, um pau de cabelleira e um *commis-voyageur*. Tem estas aptidões e muitas outras — disse Fernando, que o canhecia bem.

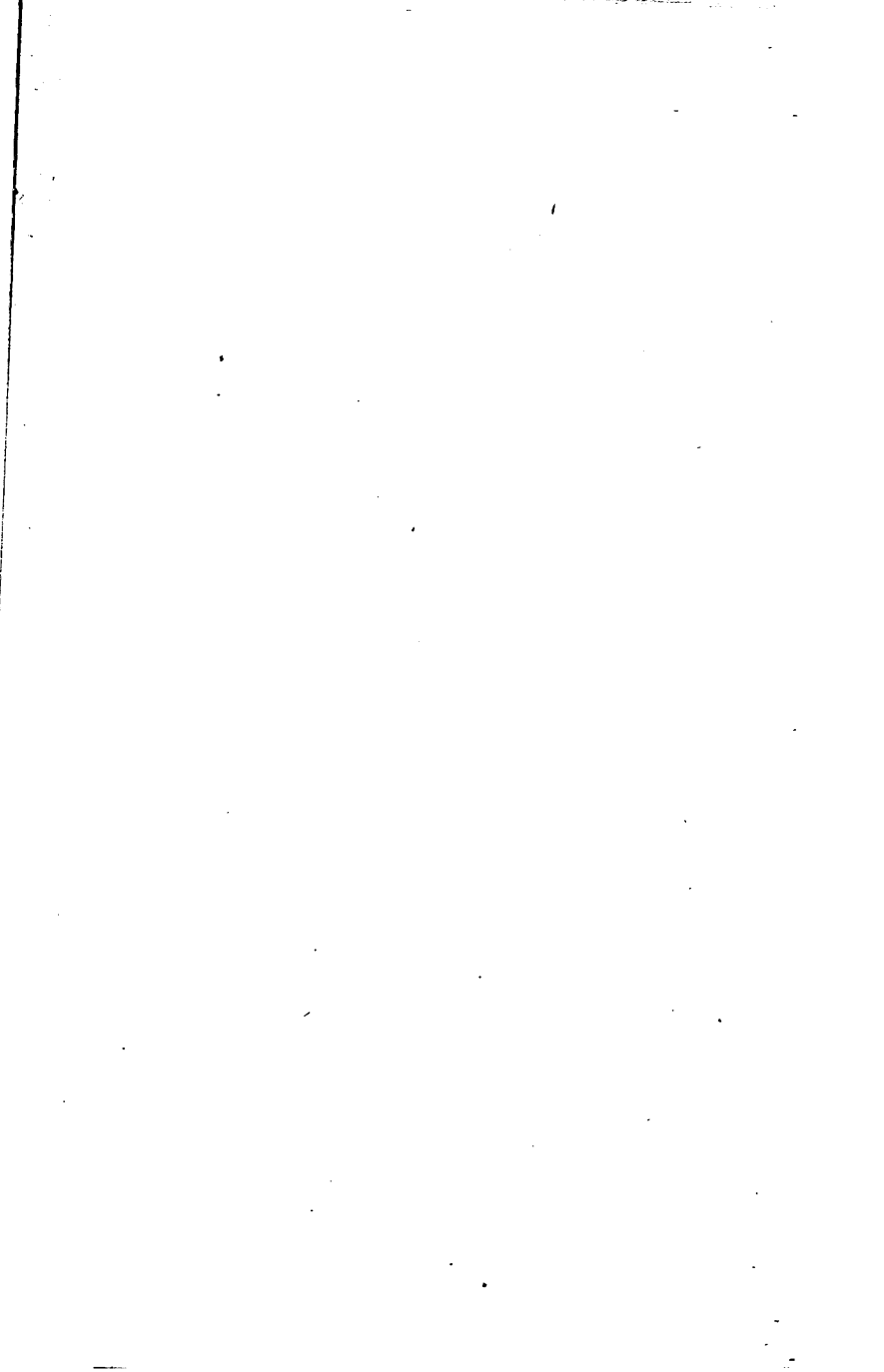
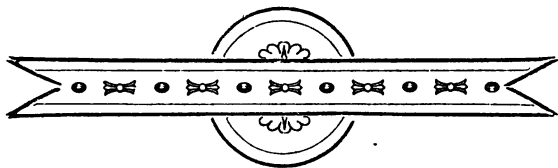
— C'est un gascon portugais — entèndeu Di-Conti.

— Oh! Fernando! — exclamou o Tristão de Nellas, admirador do Jesuino. Você não deve amesquinhar o homem, que serve por gosto a nobreza e a tem em grande consideração.

A velha fidalga disse como remate:

— Jesuino é o homem de que nós precisamos agora, pois não é Delombe?

— Decerto, senhora marqueza.

VI

O BAILE

Na sala do risco do Arsenal de Marinha, Jesuino, roliço, desembaraçado, o chapéu alto para a nuca, esbracejava de dentro da sua sobrecasaca, commandando homens que enfeitavam portas, janellas, paredes e o tecto de traves nuas, para o baile de subscripção em beneficio da *Esmola!* Pelo chão, montes de verdura e caixotes de flores; em cima d'uma comprida meza, bandeiras, escudos de armas nobiliarias de villas e cidades do reino. Fechados á chave, n'uma aula da Eschola Naval, havia quadros sem valor, mas de grande vista; largos espelhos picados pelo uso e cujas molduras sem oiro, vinham cobertas de paninho; ricas colchas da India, com que se fariam doceis e enfeitariam gabinetes para a Familia Real, que promettera assistir. Grande mistura e confusão de vo-

zes dos que trabalhavam; pancadas de martellos ferindo cabeças de pregos ou ajustando taboas, que as serras dividiam com ruido. Jesuino, d'um extremo ao outro da comprida sala, dava ordens, fazia indicações, apontava defeitos com grande abundancia de gestos e animação de palavra. Minucioso, perspicaz, pensando em diversos assumptos ao mesmo tempo, exhibia, nas attitudes, a sua imaginação fecunda e sempre álerta, prompta a satisfazer peremptoriamente ás innumeras perguntas, que lhe faziam de todos os lados. Dirigidos pela sua vontade una, os elementos dispersos da decoração iam tomando os seus logares: as bandeiras subiam ás vigas nuas, matizando o tecto de cores varias e enfeitavam a mastreação da *fragata-paciencia;* os quadros e espelhos encostavam-se ás paredes, cercados de verdura; as flores enfeitavam as janellas, por cima das vergas das portas rematavam em festões, aos cantos da sala levantavam-se em pyramides... matizando assim com as suas cores a monotonia do folhedo. Os escudos accentuando a nobreza das terras, a extensão do paiz e a antiguidade da nossa historia diziam que a *Esmola* tinha raizes em toda a parte. O padre Delombe, com o seu aspecto energico de batalhador, as mãos cruzadas sobre os rins, as pernas um tanto afastadas, observava tudo, seguia o andamento dos trabalhos, applaudia e rectificava com breves palavras, a energia de Jesuino. Já a seda frouxa das colchas da India opulentava o gabinete destinado ao descanço dos monarchas: na porta de entrada arregaçavam-se graciosamente em reposteiros para dar passagem, nos so-

phás cahiam em pregas molles para receber os re
gios corpos.

Outras pessoas ainda, das que se interessavam no exito da apregoada festa, por ali estavam a seguir o progredimento da decoração. Jesuino, n'um intento de os lisongear na consulta e de receber gabos foi, junto d'um valioso grupo de senhoras e homens. Com um gesto oratorio, proprio do seu falar, exclamou, apontando um pedaço de parede:

— Não vae excellentemente, debaixo do docel onde se sentarão suas magestades, aquella copia do celebre quadro de Le Brun, representando Luiz XIV a cavallo?

— Oh! magnifico! disse Tristão de Nellas, cheio de convicção. Você, Jesuino, se vivera no tempo do nosso grande rei D. João V, teria sido aproveitado na côrte.

A condessa de Peixoto-Alves, que procurava sempre amaciar os desdens altivos do nobre senhor de Cannas de Senhorim, secundou-o:

— É d'um effeito surprehendente! Para coisas d'estas, Jesuino, é realmente uma celebridade.

— Teriam de invental-o, se não existisse—disse, assestando o monoculo, Di-Conti.

— É um poder que só a Deus pertence senhor italiano — entendeu sorrindo a marqueza.

— Bravo! C'est de l'esprit, madame! — applaudiu Di-Conti.

Realmente, sob a direcção unica do activo secretario da *Esmola,* cada objecto encontrava o seu logar proprio, tudo n'uma harmonia sabia e bem disposta, que o pa-

dre Delombe acompanhava com olhar approvativo. Os pontos, para os bicos de gaz, mereceram estudo muito especial: era indispensavel dar realce ás decorações, evitar a calamidade d'um incendio e o aquecimento excessivo do salão, vasto como um terreiro. As senhoras da commissão, a Peixoto-Alves, que era encalmada, recommendara muito especialmente isto a Jesuino. A questão de incendio, como fosse membro de uma associação de bombeiros, é que mais o interessava a elle. A esse respeito tranquillisou todos os animos, affirmando:

—Não tenham receio. Os meus rapazes para aqui virão fazer a guarda d'honra. Quero que os vejam com as suas fardas, que são das mais vistosas. Se a desventura os fizer trabalhar, verão como salvam uma senhora ao collo, levando-a como um cesto de flores.

— Dispensamos, dispensamos a experiencia—disse a viscondessa da Maya, que era muito viva no falar.

— Olhe que é tudo gente fina, minha senhora—justificava-se Jesuino.

—Embora, embora... Basta o susto. Ao collo d'um bombeiro!... Basta o susto.

Concluida a ornamentação da grande sala de baile e annexos, entraram dois bahus, acompanhados por gente de confiança, onde vinha parte da rica baixella da marqueza, só a sufficiente para guarnecer as salas onde a Familia Real descançaria, e aquella em que tomaria qualquer simples refeição de noite, com o pessoal de seu cortejo e mais algumas pessoas, que a suas magestades approuvesse distinguir com tal honra. Feita

a installação das peças, pelas proprias mãos de Jesuino e João Theodoro, este guardou a chave, deixando de guarda, por mera prudencia, pessoa da casa da marqueza e dois policias. O serviço de toda a gente (que seria pago pelos proprios consumidores) haviam-n'o ajustado com a casa Ferrari, que, a pedido da presidenta, bizarramente se promptificou a fazer reverter a favor da nascente e sympathica associação, quaesquer ganhos. Jesuino mandando fazer seis grandes letras doiradas, para assignalar a magica palavra *Esmola*, pregou-as na frontaria do Arsenal, com o fim de as illuminar abundantemente com bicos de gaz, e assignalar assim o grande facto, que preoccupava todas as imaginações da capital.

*
* *

Chegou a noite, por tanta gente appetecida! Realçadas pela copiosa illuminação todas as decorações que a phantasia de Jesuino imaginara, este, antes que começassem a entrar os convivas, disse com gesto victorioso, para algumas pessoas que o escutavam:

— Haveria outro que, em tres dias, pozesse este salão mais bello que os Jeronymos?!

— Não havia — responderam.

Quando cerca da meia noite, o amplo espaço regorgitava de gente, que se divertia, a vista do conjuncto era deslumbrante! As luzes sahindo amaciadas de entre verdura, davam á pelle dos decotes tonalidade e fres-

cura; os penteados altos, com ostentação de plumas, á moda da corte de Luiz XV, reproduziam-se nos espelhos e cortavam o escuro das paredes; pedras preciosas de alto preço faiscavam nos cabellos, nas gargantas leitosas, nos decotes e na cinta dos vestidos, em fórma de ganchos, de collares, de broches, semelhando estrellas, borboletas de azas iriadas, moscas a repousar dormentes. Os sorrisos iam com o sussurro das vozes agitar pensamentos e bafejar flores; os olhares cruzavam-se confundidos com o brilho dos diamantes; os desejos tornavam calido e excitante o ambiente. Era uma onda de mar em repouso, esta multidão de gente andando cadenciada n'um limitado espaço. Na mente, cada senhora trazia a idéa de ostentar a sua formosura, a sua riqueza, a sua proeminencia social, e apregoavam-n'o nos olhares que se encontravam nos espelhos polidos. Dava-se reciprocamente balanço a valimentos e posições. As quadrilhas e valsas annunciadas pela orchestra collocada n'um estrado ao fundo, do lado do mar, não tiveram grande interesse na primeira hora; mas depois os pares eram numerosos, o andar difficil, o calor subindo em rolos como um fumo... Vibravam surdamente os nervos em desejos indefinidos e por vezes desvairados; nos semblantes reconheciam-se os signaes d'essa excitação especial, creada pela conversa sob a influencia de ondas de luz, n'uma atmosphera estuante. Era a exteriorisação de idéas, sentimentos e interesses amalgamados. Papejavam os leques, levando amortecido o som das palavras, cuja vibração passava nos intervallos

das bandeiras e das verduras pendentes do tecto, como vento rumuroso em pinheiral basto. Mimosas flores que espreitavam, como rouxinoes, de entre a folhagem, contorciam-se sob a irradiação quente dos lumes. Parecia que tinham uma alma e que essa alma soffria pela ausencia do bom ar. A hera que se agarrava ás paredes, como a qualquer velho muro, dava longinqua idéa de frescura, quando se viam as flamulas do vigamento ondular levemente. As joias dos penteados altos, riscavam curvas complicadas, no capricho das valsas. Unidos os corpos, cada mulher, com a excitação especial da sua formosura e da sua elegancia, levava os olhares e os desejos dos que a cubiçavam. As borboletas da imaginação, os besouros do pensamento, enchiam a atmosphera calida, de coisas alegres, de impaciencias nervosas, de risos, de lagrimas, de victorias e de despeitos. Izabelita Noronha, magra, olhar excitado e duro, dançara soffregamente com todos os pretendentes ao seu valioso dote. Era grande o seu goso por vêr a caridade, o bem fazer, triumphantes no meio dos prazeres mundanos, que ella julgava incompativeis com as suas ideaes aspirações á patria celestial. Seu pae, o magro e secco D. Antonio, vinha frequentemente ao salão vigial-a com olhar amoroso e avaro. Perguntava-lhe se estava bem, se lhe não faria mal tanto valsar...

— Oh! não, querido pae — certificou-lhe. De cada vez me sinto melhor. O padre Delombe disse que não era peccado.

— Perguntaste-lh'o?

— Perguntei, meu pae.

— Em todo o caso, confessas-te ámanhã.
— Se Deus quizer.

*
* *

O cotilhão final seria marcado e dirigido por Annica de Sousa e Fernando de Castro, que n'esta altura andava inquieto, olhos excitados, voz pouco carinhosa. A Rosal urdira-lhe, quasi em publico, uma scena de ciumes, depois d'elle dançar com a Paraiso, uma valsa muito commentada no salão. A encantadora morena, passara triumphante nos braços de Fernando, como a imagem de Corina para o Capitolio, sob o olhar ardente de Oswald. Parecia que um povo inteiro a acclamava na sua vingança de mulher implacavel e formosa. Leve como uma pena, ou como uma flôr, mostrara semblante gracioso e lubrico, ao encarar a sua rival, indo no redemoinho da valsa para um destino victorioso. Por um accordo tacito, os demais pares haviam-lhe deixado o campo livre, engrandecendo assim o acontecimento vulgar e ella voara, n'um requebro sensual de cintura, desenhando linhas graciosas, como as desenha uma abelha indo de flôr em flôr. A diversidade de genero das duas figuras do par, dava relevo a esta representação tão apreciada: elle loiro, macio o bigode que lhe marcava tenue mancha na pelle rosea, o olhar azul cheio de amor e excitação; ella physionomia gloriosa de brazido em todo o explendor da fogueira, bem

proporcionada de corpo, ligeira como a andorinha, a curva do seio anciosa, no rosto moreno scintillando dois grandes olhos negros, d'um brilho fluido. No todo, a Paraiso, mostrava inquietação sensual, paixão triumphante e egoista. O ébano dos cabellos povoado de brilhos de pedras, era floresta escura onde voavam pyrilampos. Levada no anceio da musica, voando no infinito azul do desejo, como no dorso de rapido hyppogripho, ninguem a poderia desunir de Fernando.

Terminada a valsa, a Paraiso accentuou o seu triumpho, trocando com a loira e vaporosa Rosal, um sorriso inimigo, em que mettera toda a crueldade da sua alma. A vencida não pudera rebater com o seu olhar de virgem sonhadora, a triumphante expressão da sua rival. Levantou-se e sahiu para tomar um pouco de ar fresco, que lhe alliviasse o opprimido coração. Acompanhou-a Annica de Sousa, no intento de a proteger das invenções do seu espirito. Quem era esta Paraiso? — dizia-lhe. Rapariga sem educação e sem nascimento, ainda hontem apparecida na sociedade; faltava-lhe relevo de graça, finura na conversa, e a sua formosura era accentuadamente plebeia. Sobrinha ou creada de seu marido (ambas as coisas se affirmavam) nas maneiras, mesmo, revelava que saberia arranjar um quarto e prestar-se aos serviços d'uma creada em casa de seu patrão. Falar trivial, vulgar a linha do corpo, exagerada nos gestos como uma lavadeira. O olhar era de doida, a bocca larga e grosseira, o riso de palhaço. Quando se era condessa de Rosal, como poderia haver ciumes d'uma creatura d'estas? O rosto angeli-

co de Gabriella não tinha comparavel em toda a sala: tudo quanto se podesse sonhar de espiritual, sahia-lhe da pupilla e da iris que tinham a serenidade d'um lago. A luz, n'aquelle semblante sensivel como uma petala de lyrio, mostrava cambiantes, como nos infinitos paramos. Alma educada nos maiores requintes de sentimento e comprehensão, peito de affectos delicados, a sua antiga linhagem, posto que accentuadamente portugueza, entroncava nas poeticas raças do norte, d'onde lhe vieram os cabellos loiros, os olhos de agata calcedonia, o sonho que pairava no seu sorrir. No meio da mais requintada educação moderna, toda d'uma sensibilidade vibrante, a Rosal distinguia-se pelas suas maneiras e pelo seu dizer de relevo e tonalidade bem marcados. Como poderia, pois, temer-se d'uma Paraiso, titulo e pessoa sem originalidade e sem distincção pessoal?!...

— Lembra-te, querida Gabriella — accentuava Annica de Sousa — de quem és e do que vales. Não te rebaixes a consideral-a uma rival. Offendes a Deus e a teus avós.

A dolorida condessa, no meio de convulsões de choro e de turbulencias de coração, disse, premindo as palpebras sob o lenço de rendas:

— Que vale tudo isso, minha boa amiga, que vale?!...

— Pobre querida! pobre querida!... — murmurou a confidente com lagrimas.

N'esta intimidade dolorosa, ainda as veiu encontrar a innocente Kate, que se não atreveu a aproximar-se, sentando-se muda a distancia. A Rosal, refrescando os

olhos com agua, sahiu do gabinete, e só depois é que Annica de Sousa foi interrogada por Catherina:

— Porque chorava agora a Rosal?

— A sua forte enchaqueca ..

— Uma senhora chora assim, por causa da enchaqueca? Julgas-me creança e não m'o queres dizer. Pois olha, interesso-me muito pela Rosal. Tão linda, tão graciosa e elegante... Vê o par que ella fórma com Fernando, que a leva pelo braço. Naturalmente vão dansar. Fernando tambem me prometteu, para hoje, uma valsa. Gosto de valsar com elle; porque vou melhor do que com os outros. Mas tu não dás attenção ao que te estou a dizer... Consideras-me creança e não fazes caso...

Na realidade Anna de Sousa, seguia com olhar avido e interessado, o par que entrara no salão, a Rosal pelo braço de Fernando, n'uma apparencia de intima cordialidade. Conhecedora da tempestade d'aquelles peitos, sentia de longe as ondas de paixão que n'elles referviam. Ao sahir do gabinete, onde Kate ainda lhe vira as ultimas lagrimas, Gabriella tomara a resolução heroica de se explicar com Fernando. O benevolente acaso, collocando-lh'o na sua passagem, fez com que ella lhe tomasse familiarmente o braço, como se fôra o de seu marido, para atravessarem o salão de baile, onde se esconderiam no meio da multidão. Muitos olhares indifferentes e desconhecidos cahiram sobre este par encantador. A ternura dos olhos da condessa, o mysterio de paixão nas suas pupillas encerrado, a melancolia dos labios levemente contrahidos, a testa sonhadora,

os cabellos côr de seara, o collo de gazella cortado por um fio de perolas, tornavam-n'a admirada e envejada. No seu andar firme e leve, de mulher habituada ao piso dos salões, havia qualquer coisa de solemne, como o vôo da aguia nos infinitos espaços. Parecia uma victoriosa dos corações; a sua figura vaporosa e branca como a espuma, fluctuava na imaginação dos que a viam passar, airosa e senhoril, com apparencia de calma simplicidade. Não era o seu peito uma cratera extincta, pois que as palavras lhe escaldavam os labios, como se fossem rolos de fumo e materias inflammadas. Fernando procurava acalmal-a com protestos de devoção; queria diminuir-lhe o valor das suspeitas e levantar-lhe o espirito a uma melhor comprehensão da vida social. Aquelle olhar de candura e falar sereno eram, porém, inflexiveis e imperiosos. Elle nunca mais acceitaria o braço da Paraiso, cuja preferencia a rebaixava a ella, até á condição d'uma mulher da rua. Era creatura de procedencia desconhecida, uma casual que apparecia agora á tona da sociedade, como a casca d'uma laranja nas enxurradas d'uma ribeira. Homens do nascimento elevado de Fernando, não deviam concorrer para diminuir a importancia das familias antigas, deslustrando os seus primeiros nomes. Não eram as amas de leite para crear os filhos, nem os vestidos de Paris, nem o valor das joias, que egualavam as mulheres, mas a superioridade das almas. As modistas poderão tornar um sangue plebeu em sangue aristocratico? Não, decerto; porque a nobreza é uma distincção, que tem a concordancia da genealogia a

apurar no individuo as perfeições raras. Adquire-se nos feitos de bravura, nas pugnas da diplomacia e nos habitos da corte. É risivel suppôr-se que um plantador de café ou borracha, um *cow-boy* das pampas americanas, um contrabandista, um manipulador de libras ou fabricante de cerveja, possa ter filhos com qualidades nobres. Nem a intelligencia a tanto póde aspirar, quanto mais a astucia e a manha, que são predicados inferiores... Assim pensava a condessa de Rosal.

O violento ciume que dominava este ser angelico, a paixão barbara pelo corpo d'aquelle homem que a escutava, levando-a pelo braço, transformara-se em verdadeiro rancor. Este rosto d'uma virgem, que acabasse de descer do céu, entre hymnos de gloria, occultava um coração envenenado pela paixão, um coração adoecido pelo odio, que golfava em ondas irreprimiveis. Era um falar de clamores malditos, com sentimentos baixos. Entraram n'um corredor silencioso e deserto: ahi, em luz mais branda de confidencias, a Rosal foi raciocinadora, cruel, imperativa, supplicante, empregando artificios de seducção e ameaça, para separar definitivamente Fernando da Paraiso. Elle, espirito sceptico e indolente, habituado a estas batalhas, habil em atar e desatar intrigas d'amor, não se impacientava com a linguagem da sua amante. Sorria-lhe captivadoramente, quando a sentia mais colerica; serenava no rosto, logo que a visse supplice e quasi humilde. Mas não accedia á condição, á exigencia de se mal-entender com a sua nova conquista, de a não cortejar de futuro e consideral-a como pessoa, com quem nunca tractara:

— Nem parece teu isso que dizes, Gabriella! Estás desmentindo a tua reputação de tacto. Não aprendeste bastante com a tia Frazuella, tua madrinha. Que ridiculo eu seria, se depois de valsar com esta eximia valsista (olha que é uma valsista eximia) fosse agora passar por ella, como um desconhecido. É simplesmente insensato e sobretudo ridiculo. Que diriam de ti?! que inventariam?!...

— Não quero saber! — retorquiu a Rosal, esfarrapando o seu rico lenço de cambraia com *malines*. Exige-o o meu coração e é o preço do horrivel amor que te tenho. Despreso agora as habilidades com que nos temos escondido. Só um rompimento com ella me póde satisfazer.

— Estás em colera, e portanto não pódes ter bom julgamento. Pedes-me que faça um escandalo, que principalmente cahiria sobre o teu nome, e em catadupas de bons ditos sobre teu marido, em despresos sobre tua filha...

— Tanto melhor, exijo-o.

— Estás louca. Na verdade o que pensas de mim e da tua supposta rival?!... Que sou seu amante? E' falso; mas se o fôra? Não poderia, procedendo como desejas, continuar a sel-o, enganando-te assim com uma simulação?

— Insisto. Julgas-me parva? Se a despresares em publico, ella nunca virá a ser tua amante, pois só por vaidade te quer, e para ter uma situação no nosso mundo. Não duvido que o marido n'isto seja connivente. O que elle pretende é o enobrecimento do seu

dinheiro immundo, ganho em negocios de escravatura. Tenho o direito de exigir que me entregues o orgulho d'essa mulher, para o calcar debaixo dos meus pés. Os sacrificios de dignidade que tenho feito por ti, merecem o que te peço.

— Ouve-me. Perdeste a lucidez da tua fòrmosa intelligencia. Não achas conveniente que eu, para te amar a ti só, corteje todas as mulheres? Queres que me ponha de mal com os salões de Lisboa?

— Subterfugios, Fernando, subterfugios!... — pronunciou com amarga ironia. Só a respeito d'essa negra é que sou intransigente. Sinto por ella um despreso de casta. Será porque algum avô d'ella, fosse lacaio dos meus? E tu a tractares com gente de tal laia! Nunca mais lhe offerecerás o braço, jura.

— Não juro; não o faço. Seria um mau serviço que te fazia.

— Miseravel! — atirou-lhe a Rosal á face; com raiva felina!

Foi pelo corredor, entrando no salão com olhar explosivo, signal de extraordinaria perturbação. Tremia convulsa, transtornadas as linhas faciaes, como se viesse do centro d'um pavoroso incendio. Annica de Sousa, que esperava anciosamente o desenlace, veiu amparal-a com a sua energica força moral. Pela radiação do rosto triumphante da Paraiso, já de antemão calculara que a sua amiga ficaria vencida. A Rosal, n'uma voz cheia de angustia, só lhe disse:

— Onde está o Paulo? (o marido). Quero-me ir immediatamente embora.

— Socega—acarinhou-a a boa amiga. O Paulo provavelmente está a jogar o *wist*. A tia Ermello procura-te.

— Diz á tia Ermello, que me não importo com a sua caridade artificial. Se ella não inventasse estas reuniões, para dar importancia a filhas de barqueiros, o meu amor não soffreria tanto. Pede ahi a alguem que me vá chamar meu marido e diz a um creado que faça chegar a nossa carruagem. Quero sahir d'este inferno.

Chegara Kate a chamar a Rosal da parte da velha marqueza. Talvez a resposta fosse negativa, se ao mesmo tempo os seus olhos não tivessem encontrado os da auctoritaria fidalga, que com um aceno lhe ordenou que se approximasse. O aspecto d'aquella physionomia ossea, emagrecida e esteril, naturalmente calmante para todos os desvarios, fez reflectir a pobre apaixonada, que logo readquiriu o seu natural de doçura e suavidade. A Rosal ainda quiz recorrer á enxaqueca para se retirar; porém a marqueza disse-lhe:

— A menina enlouqueceu! Julga que sou alguma criança?! Se vocês se vão embora o salão fica deserto, em meia hora. Eu tambem aqui me conservo. Onde está o Fernando?

Mandou Catherina em sua procura. Encontrou-o n'um gabinete, abandonado n'um sophá, bronco, o semblante de homem que remóe idéas...

Nunca a innocente Kate o vira com aspecto tão carregado e desagradavel: tinha nas pupillas febre sanguinea de colera; rancores fundos denunciavam-n'os, as linhas faciaes contrahidas; os labios mordidos pelos dentes, eram represa de palavras violentas. Só

deu pela presença de Kate, quando esta de dentro da sua nuvem de cassa branca lhe disse:

— A tia Ermello manda ver se estarás a dormir. Mas que feia cara, santo Deus! — exclamou. Tambem terás enxaqueca, como a Rosa?

*
* *

Que refrigerio! que bella aurora! o simples som d'esta voz infantil, cheia de harmonias de arvoredos, produziu na alma sedenta e torva de Fernando!

A figura encantadora de Kate, tocada d'um luar benigno, appareceu-lhe na paz infinita d'um sorriso innocente, deslumbrando-lhe a imaginação, alegrando-lh'a n'uma festa de luz e cantares. A escuridão do cerebro desappareceu. O cahos de sentimentos e idéas, a dentro do craneo existente, começou a ter, em virtude do contacto benefico, principio de ordenação. Era o cego Tobias, a quem ungiam com fel os olhos para lhe restituir a vista. Já vislumbrava o mundo com aspecto encantador. A modo que ia attentando no rosto puro e risonho de Catherina, tudo era mais claro e alegre. Como ella continuasse a fital-o muda, serena e interrogativa, transformava-se em alvor, o que fôra noite, no rosto de Fernando. Era a dura e fria planta, que se aviventa e anima com o apparecimento do sol. O goso afagava-lhe o seio, como a onda do mar de agosto afaga a areia branca da praia. A rosa mais virginal, o lyrio mais branco, o cacto mais rubro, mistu-

rando suas côres graciosas, não dariam a tonalidade do rosto de Kate, do riso que lhe aflorava aos labios, da pureza que dos seus olhos irradiava, da innocencia gloriosa que sahia d'aquella oval. Fernando, o mundano Fernando, olhava-a contemplativo, n'um vago deleite. Ter-se-iam aberto, á sua vista peccadora, as portas da lendaria patria celestial, creada pela incomparavel imaginação dos poetas mysticos? Este sensual até á medula, roído de más paixões, escravo da convenção social e da luxuria, á voz simples e meiga de Kate, que o chamava do seu reino de candura, sentiu coisa estranha, como se de repente o tirassem d'um fundo poço, onde estivera immerso. Aureolou-se-lhe o semblante, parecia ter um nimbo proprio como os santos, mas era apenas derivação da luz com que Catherina o illuminava.

A innocente creança, porém, não comprehendeu o motivo de tal metamorphose, nem o podia apreciar nos seus fundamentos. Ao chegar vira-lhe um aspecto de escura perturbação. Se a mudança se não houvera operado, ella decerto teria fugido espavorida. No ruido d'um baile de toda a gente, n'uma festa que divertia a sua innocencia pela novidade, encontrava, não o homem de convenção, elegante, artificial, encantamento de mulheres, inveja dos homens, mas um lobo desvairado e cheio de furia. O seu apparecimento é que transmudara a féra e o mundano frivolo, n'um homem natural, de sorriso bom e affectuoso. Não podia Kate adivinhar, que a paz e ventura da sua alma candida, gerara a subita felicidade de Fernando. E o estroina, o

sceptico, com medo que o seu halito impuro podesse macular as petalas d'esta flor de branca neve, disse apenas, n'um acanhado transporte:

— Oh! Kate! Como estás bonita com o teu vestido branco! Senta-te ali...

Indicou-lhe a poltrona separada do sophá em que elle estava. A innocente Catherina obedeceu. Com os seus olhos nos olhos d'elle, a sua singeleza voando sobre aquella alma submettida, conservou-se silenciosa á espera do que seu primo lhe poderia dizer. Olhava-o sem inquietação, mas curiosa... A sua pureza não temia as audacias d'este aventureiro galante, porque as desconhecia.

— Acreditas-me Kate?—pronunciou Fernando n'uma voz suave. Estás uma formosura, um encanto...

— Tu és meu primo, és meu amigo e eu acredito-te. Mas que tem isso?

— Que tem isso! — exclamou enrugando levemente a testa. Então uma rapariga nova e intelligente como tu, não se sente envaidecida, se lhe chamam formosa?!...

— Eu não sinto... não sei porquê.

— Não comprehendes que a maior riqueza e felicidade d'uma mulher, é a belleza?!

— Tenho-o ouvido dizer; mas não sei bem a razão. Dá-m'a tu.

— E' boa!... As senhoras bonitas são as mais queridas, admiradas e cortejadas por toda a gente. Os homens procuram-nas de preferencia ás outras; com ellas são mais amaveis; convidam-nas para dansar e sen-

tem-se orgulhosos, quando ellas acceitam. As feias ficam aos cantos, tristes e sem côrte Não tens reparado n'isto?

—Tenho e fico triste. Parece-me uma grande injustiça.

—Injustiça o quê! se as mulheres só valem pela formosura? As bonitas são as que os homens preferem para o casamento e casam com os mais elegantes. Nunca pensaste no casamento?

—Não; e meu irmão diz-me que não devo pensar.

—Deixa teu irmão, um philosopho que só vive para a sciencia. Ainda não gostaste de homem nenhum?

—Ainda não.

—Não pode ser... com dezoito annos. Alguma coisa ha-de andar n'esse pequenino coração. De todos os que tens visto na sociedade de Lisboa, qual é o que preferes? Ha-os ahi de boa educação, bem vestidos, optimos conversadores... bellos até, se os homens podem ser bellos... Nenhum te impressionou por forma, que ficasses a pensar n'elle, depois de o não veres?

—A's vezes fico a pensar em alguns... no que me disseram, mas esqueço depois tudo. A elles e ás suas palavras.

—Ainda não sonhaste com nenhum? O sonho é um signal...

—Sonhar, não sonhei. Durmo bem e ignoro o que se passa em quanto durmo.

—E na terra da provincia onde tens estado, não encontraste quem te prendesse a imaginação? algum

rapaz cuja companhia preferisses á dos outros, com quem desejasses passear, e que te obrigasse a vel-o em imagem, se o não tinhas presente?

— Encontrei um.

— Feliz homem! Quem era? Como se chamava?

— Manuel, meu irmão, que é encantador pelo que sabe dizer, andando-se em sua companhia nos caminhos da charneca. Não imaginas como me prendia, quando falava!...

Fernando observou-lhe sorrindo:

— Concordo, mas teu irmão não póde casar comtigo e eu falo-te d'aquelles, que possas escolher para marido. A tua formosura, distincção e intelligencia não podem ficar estereis e devem-te dar a felicidade.

— Ora que vale tudo isso! Não o tem, mais que nenhuma, a Rosal? E não me parece feliz, apesar de ter encontrado um marido tão bom e tão amigo d'ella como é o Paulo.

Fernando empallideceu ligeiramente e Kate continuou:

— Pois não é assim? Não gostas tu, como eu gosto, como toda a gente gosta da Rosal? Ha nenhuma senhora ahi tão encantadora, tão formosa e tão intelligente como ella!

— De certo...

— Pois é muito desventurada. Ainda ha pouco a vi chorar que mettia dó!... Annica diz que era enxaqueca, mas eu não acredito. Porque chorará ella, sabes Fernando?

— Não — disse elle, erguendo-se. Talvez tenha Jean-

ne doente. Mas vamos á tia Ermello, que me mandou chamar. Ensina-me onde ella está, Kate.

*
* *

Pelas quatro horas da manhã, uma manhã fria de maio, com um esplendor bemaventurado de luz no horisonte, sahiam as ultimas senhoras do baile de subscripção, dado em beneficio da promettedora *Esmola*. Izabelita Noronha, com seu velho pae, eram duas horas quando abandonou a festa. Nunca se divertira tanto em sua vida! Com a sua imaginação viva e ardente, tez pallida, olhos grandes, testa alta e canteada, dansara todas as valsas com fervor, pois para todas tivera par, entre os seus numerosos primos e pretendentes. Porém, ao terminar a sua noite e ao entrar no casto aposento de virgem, assaltaram-n'a duvidas e escrupulos, sobre o excesso e innocencia de tanto divertimento... Levantaram-se-lhe deante da mente imagens accusadoras dos peccados que, em pensamentos e palavras, podesse ter commettido, no revoltear da dansa. Por isso não dormiu bem. Logo ás oito horas da manhã se encontrava com o seu director espiritual, para que a alliviasse do peso d'estas duvidas e lhe assegurasse, mais uma vez, a pureza da sua alma com a absolvição. Ao vêr Delombe sahir da sachristia para a vir receber, logo exclamou afflicta, com uma voz tremula de medo:

— Venho moída e ralada! Nunca eu lá fôra, ao baile de hontem. A minha consciencia não sahiu decerto pura como entrou. Dansei toda a noite, até ás duas horas, e tanto que já não podia mais! Pequei immenso, bem o sei. Era melhor não ter sahido de casa. Porque m'o não prohibiu? Eu tenho uma grande inclinação para o peccado, bem sabe... Não me deixasse, não me deixasse... Quer-me ouvir de confissão?

Exorava-o com voz prantiva e afflicta. Mostrava-se mais desmaiada, os olhos mais nervosos e excitados do que o habitual. Delombe, porém, sorria-lhe com bondade, fortificando-lhe a alma, desvanecendo-lhe os terrores com a pontinha de scepticismo da sua longa experiencia de confissionario. Bem via que não podia ser peccado o que fizera, visto elle mesmo lh'o ter consentido e aconselhado. O fim religioso da festa, o ser para arranjar meios com que se valesse aos pobres, que Jesus sempre acarinhava e queria junto de si, justificava que todos ali concorressem. Nunca esse facto em si conteria um peccado. Porém, os actos praticados, as palavras ditas, os pensamentos... é que poderiam não ter sido de uma absoluta pureza...

— Pois é isso, pois é isso!...— acudiu Izabelita, effusiva nos receios. Decerto que hontem houve na minha cabeça louca muitos pensamentos maus... E a minha pobre alma é que soffrerá, porque sobre ella, coitadinha, é que virão os castigos do Senhor.

— Pois sim, é bem possivel; mas hoje é que se não póde confessar, minha filha. Está muito nervosa, a mente acha-se pouco clara, a consciencia um tanto per-

turbada. Venha ámanhã, faça o seu exame com descanço, ponha em ordem o seu espirito, e depois volte.

— E se eu morro antes?

Delombe sorriu, com um riso natural e distractivo. Morrer! Quem falava em morrer! Uma menina tão nova! Deus é bom, vigia a creatura. Não fulmina de repente, senão a criminosos impenitentes, ou aquelles que estão em estado de graça e deseja avocar-a si no momento proprio.

— De mais, eu respondo. Volte ámanhã, filha. Vá consolar seu bom pae. Como está elle?

— Excellente, meu padre. Foi quem, hontem á noite, me aconselhou que viesse hoje a seus pés. E não corro perigo se vier ámanhã?

— Não corre perigo, minha filha. Volte ámanhã. Seu pae aconselhou-a bem, mas socegue-o, diga-lhe que eu respondo pela sua alma, que a sua alma está a meu cuidado.

Izabelita sahiu, acompanhada pela creada ingleza, depois de ter feito as suas orações. Ia n'um passo meadinho, pressuroso, não attendendo a ninguem que passasse, para que não lhe viessem de novo quaesquer pensamentos do inferno. Ao almoço contou tudo a D. Antonio, que a applaudiu pela diligencia que empregara, em não ter a sua alma contaminada por leves sombras de impureza...

– A consciencia das donzellas — disse o velho sentenciosamente — deve estar branca e pura como a neve. Fizeste bem, Izabel. O nosso amigo Delombe tranquillisou-te e tranquillisou-me.

E ella ficou com a sua mente vaga, absorta na possibilidade de ter peccado durante o baile. Tinha sobre si um peso de que precisava alliviar-se. Por isso ao erguer-se da mesa disse:

— Vòu-me encerrar no oratorio para o exame de consciencia. Deve ser horrendo o estado da minha alma! O senhor padre Delombe disse que eu poderia ter peccado por pensamentos!... Quem me dera o dia d'amanhã, para a confissão!...

VII

PREPARATIVOS

ARA o bazar de caridade trabalharam, com afinco e boa vontade, todas quantas pessoas, de perto e de longe, se poderam fazer interessar pela idéa em voga. Reunira-se, primeiramente, no mesmo amplo salão da velha marqueza, uma nova assembléa geral de senhoras, e ahi foram alvitrados e se discutiram todos os modos possiveis de obter donativos. Pedidos particulares e instantes a pessoas de influencia; circulares espalhadas em todo o paiz, colonias e Brazil, para, em termos vehementes, se descrever a miseria de Lisboa; noticias, reclamos, appellos aos sentimentos generosos feitos nos jornaes, mealheiros com emblemas apropriados nas egrejas e perto dos postos de policia... tudo foi lembrado por entre risos, conversas mundanas e golos de chá. Os

mealheiros, collocados á vista de todo o publico, foram applaudidos por Delombe:

— Servem para incutir no povo sentimentos de bondade, lembrando-lhe que alguem ha que n'elle pensa.

— Mas para que perto dos postos de policia? — observou a maliciosa Vallongo.

— Para que os não roubem — esclareceu a Aguas-Santas, que tivera a idéa.

— Seria já um começo de distribuição de esmolas— insistiu a condessa. Não me consta que os gatunos sejam capitalistas ou banqueiros...

A velha marqueza, para tornar util esta reunião disse:

— Melhor é tractarmos hoje só do bazar. Devemos esforçar-nos por organisar uma festa, que diga com a nossa posição. Chamaremos ahi ricos e pobres: os ricos dar-nos-hão da sua riqueza, os pobres da sua pobreza. Haverá rifas, divertimentos populares e leilões de coisas valiosas. Devemos interessar todo o mundo na caridade.

— E concorrerá o povo á nossa festa? — duvidou a baroneza da Cova-da-Piedade.

— Pois não ha de concorrer! — exclamou a Aguas-Santas.

— Concorrerá, ou não concorrerá... — commentou a Peixoto-Alves. O povo tem lá o seu modo de se divertir, o modo de que elle gosta e que prefere. No domingo passei de carruagem para os lados do Campo Grande e Arieiro. Lá os vi a comerem e a beberem nas taes hortas e a brincarem em magotes pelo meio dos

campos. Até me assobiaram a carruagem. Uma falta de policia! Protestei nunca mais ir, para aquelles lados, em dias santos...

A condessa de Lavre, que odiava a opulenta burguezia titulada, perguntou com a sua voz maligna:

— Foi a primeira vez que a condessa passeava para ahi?

— Aos domingos foi... — respondeu breve.

— Pois eu para lá tenho ido em dias d'esses e nunca me aconteceu semsaboria...

— São casos — retorquiu, um tanto abespinhada, a Peixoto-Alves.

*
* *

Para dirigir centralmente a organisação do bazar, formou-se uma commissão especial. N'ella depositaram confiança para agregar todos os elementos, que julgasse indispensaveis. A circular, que Delombe prepararia, havia de ser assignada por todas as senhoras, para ser mais ampla rede em que cahisse todo o peixe, como depois disse Jesuino. O sacerdote com a sua eloquencia brava, abundante e persuasiva, logo ali delineou o folego, que daria a essa peça litteraria. Falaria aos ricos em nome da religião, da estabilidade social e do perigo em que a grande miseria punha as suas fortunas d'elles. A santa caridade, a verdadeira caridade, que S. Lourenço Justiniano define como virtude

que «as coisas suas, faz não suas» era conveniente que fosse abonada com exemplos, como o do portuguez S. João de Deus, que fundara hospitaes, e o de S. Vicente de Paulo, que fundara as rodas. Não faltariam os nomes dos grandes pontifices e numerosos reis, que auxiliaram esses homens virtuosos e, para melhor tocar corações nacionaes, notar-se-hiam factos da vida humilde do santo alemtejano, cuja virtude um arcebispo de Granada assignalou e um Papa canonisou. Ninguem duvidava de que Delombe faria obra que a todas agradasse, porém, a desembaraçada Vallongo, observou:

—Não se lembre de pôr n'isso latim; porque logo veem que não é nosso.

E Maria da Soledade, com a luneta acavallada no seu formidavel nariz, entendeu:

—Mas não se esqueça de algumas palavras em francez, que ficam muito bem ás senhoras.

De tudo se lembraria e nada esqueceria Delombe, intelligencia que, com a sua vasta pratica da vida e das idéas, melhor que nenhuma outra estava preparada para se dirigir a um publico composto de todos os publicos: crentes, scepticos, esclarecidos, ignorantes, maldosos e bons. Elle canalisaria todas as aguas perdidas em montanhas obscuras, de modo a virem fertilisar terrenos, arroteados por gente de tanta vontade. Por isso foi de grande proveito o seu conselho n'esta reunião, opinando que se désse á festa projectada um sentido, ao mesmo tempo popular e elegante, alegre e faustoso, que a distinguisse de todas as congeneres até ahi realisadas. Queria-se o grande numero; porém

attrahido com arte e bom gosto. Esta preoccupação avassallava todas as mentes, até a da propria marqueza, que ás senhoras presentes impulsionava com palavra apropriada a cada uma, de modo a tornal-as focos de irradiação e enthusiasmo. E assim aconteceu, pois logo no dia seguinte começaram a fazer visitas, a aquecer relações esfriadas, a procurar outras novas, que parecessem valiosas no dar. Por isso em toda a parte se falava d'um bazar, d'uma kermesse, d'uma festa ruidosa e caracteristica. Encareciam-na pelo que excederia em brilho o baile do Arsenal, coisa encantadora e linda, de que todos se recordavam com amor. Se tal tinha succedido n'um ajuntamento de pessoas de educações differentes, dentro das paredes de uma sala, quanto melhor não havia de ser o encontrarem-se ao ar livre ou dentro d'um amplo circo, podendo cada qual mexer-se mais á sua vontade! Nem se poderia de antemão calcular quanto o bazar seria mais variado alegre, divertido e imponente. De certo duraria por muitos dias, havia de ter phases differentes, com episodios inexperados nas rifas, nos leilões e nas vendas. Soprava quente o enthusiasmo, os jornaes todos os dias avolumavam a importancia do acontecimento, fazendo n'elle interessar Lisboa e todo o paiz. Jesuino andava offegante e diligente pelas redacções levando noticias, esclarecimentos e artigos de pennas anonymas, cuja prosa compacta e sonora, falaria aos quatro ventos. Algumas gazetas mais dedicadas abriram secções permanentes, sob o titulo de *Esmola*, para trazerem o seu publico ao corrente de pormenores, de adhe-

sões, de detalhes do programma em laboração. Em algumas terras de provincia, organisaram-se grupos caritativos, e o exemplo dos primeiros, sendo conhecido e apregoado, dava logar a que outros se formassem. Algumas philarmonicas de longe, sentindo-se em reputação publica, offereceram-se para vir a Lisboa abrilhantar a festa com os seus instrumentos. Um jornal de Lamego, falando da *Esmola*, chamou-lhe «flôr rescendente, nascida e medrada nos salões aristocraticos da capital, tendo formosuras por jardineiros.»

— Isso ha-de ser comigo, que tenho ali uns parentes — observou com chiste a velha marqueza.

A circular, escripta n'uma linguagem eloquente e ponderativa, causou magnifico effeito. A uns lembrava exemplos e opiniões de sabios doutores e santos; para outros raciocinava mostrando como os homens com responsabilidades sociaes, deviam auxiliar esta iniciativa de corações generosos, que se tinham lembrado de branquear a negrura da fome. Ás mães falava dos filhos, ás donzellas na sua virtude e nas suas esperanças, aos namorados nas suas amadas. Em nome de todos os sentimentos bons se pedia. E quando no final appellava para as santas energias e vontades, fazia-o n'um tom grandiloquo e prophetico, descrevendo a miseria do povo, os horrores da fome, o perigo social que encerra o desespero e o desamparo da classe dos faltos de pão, pois ahi é que fermenta o espirito de revolta e a grande allucinação social da vingança. Este final, subscripto pelos nomes mais valiosos das senhoras de Lisboa era, sob o ponto de vista intellectual, o fecho

da aboboda do edificio, que se andava construindo...
Todos os jornaes de todas as parcialidades e communhões foram unanimes em o transcrever, acompanhando-o de phrases apologeticas. O magnifico retalho fluctuou como pendão, ao grande vento da publicidade, annunciando a magnanima justiça dos grandes e o remedio para as dores da pobreza.

Os resultados do irradiante trabalho, foram copiosos e promptos. Primeiro cumprimentos e promessas, logo dadivas em objectos e dinheiro. Na dependencia do palacio, que a velha marqueza destinara provisoriamente para secretaría da *Esmola*, tudo era recebido com afan. Jesuino, penna atraz da orelha, sorriso na face rubicunda, intelligencia no vivo olhar, boas palavras nos beiços grossos, o ventre dentro da sobrecasaca, tudo recolhia com agrado. As prendas iam para o aposento escolhido, que tinha grades de ferro para o jardim; o que era dinheiro recolhia-o elle primeiro n'um cofre, entregava-o depois á marqueza, que o remettia ao thesoureiro da *Esmola*, o conde de Peixoto-Alves. Crescia o trafego, a escripturação era trabalhosa. Jesuino chamou para o ajudarem dois amigos com quem palestrava em quanto passavam recibos, respondiam a cartas de fóra, davam informações a quem as desejava, tomavam nota dos numerosos necessitados que vinham pedir soccorros. As senhoras da grande commissão appareciam por ali frequentemente, para se encontrarem e saberem novidades. Questionavam os empregados; incumbiam-nos de dar explicações por escripto a pessoas d'amisade, que lh'as haviam reque-

rido; occupavam-nos em coisas minimas. Um d'elles, mais vivo de genio, achando-as impertinentes e maçadoras, depois que ellas sahiram queixou-se:

—Espiga, senhor Jesuino! A gente não é de ferro! Estas senhoras nem tempo nos deixam para uma cigarrada! Ah! bom socialismo. Comtigo é que eu me entendo!

Outro acrescentou:

—Por uns miseros quinze tostões diarios não póde ser! Se se tracta de caridade, porque não ha de começar por nós?!

Jesuino aconselhou-os:

—Callem-se, que não perderão. Estas senhoras bem hão de entender, que estando aqui reunidas para dar esmolas, a gente não ha de morrer de fome. A palavra *gratificações* não ha de ser uma palavra vã. Mostrem-se diligentes rapazes; mostrem-se diligentes e deixem o resto por minha conta. Depois, porque não descançaremos o nosso boccado?

E repotreou-se n'um sophá, rindo com o seu riso largo e sanguineo.

*

* *

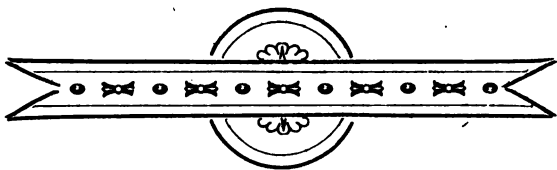
Quando, entre as duas e quatro horas, se encontravam as senhoras da grande commissão para falarem de casos da sua vida mundanal, muito as divertia a apparição dos variadissimos objectos, que vinham de

toda a parte, para o bazar. A phantasia provinciana exhibia-se encantadora e ingenua nos bordados a branco, abertos em linho ou de *crochet*, em que abundavam os desenhos de passaros e armas reaes portuguezas. Os quadros em froco e missanga, sobre espelho ou talagarça, eram differentes nos motivos e garridos nas cores: papagaios e araras com a sua plumagem viva; egrejas com torres vermelhas, amarellas e azues; coelhos a comerem couves d'um verde acinzentado; um javali de fava torrada, perseguido por uma matilha em pão de ló; um caçador indo para a caça com aspecto torvo de salteador... Coisas substanciaes e regaladoras do appetite, chegavam em grandes caixotes, enviadas pelas sub-commissões: eram fructas seccas do Alemtejo, potes de mel e compotas transmontanas, presuntos do alto Minho e Lamego, conservas de peixe do Algarve. Do Brazil e do nosso ultramar, além de subscripções em dinheiro, entravam no deposito saccas de café, especialidades em doces de fructa, garrafões cheios de cachaça. Das nossas ilhas occeanicas procediam as rendas, os artefactos em madeira, em crina e em filamentos vegetaes. As paciencias artisticas eram em grande numero: flores e retabulos em escamas de peixe, em cortiça, em sola e em papel de seda. Prendas valiosas e uteis, taes como salvas de prata, faqueiros, ourivesaria do Porto, malas de viagem com estojos de barba, serviços de chá e de lavatorio em porcelanas magnificas, requintes para quartos de *toilette* de senhoras, jarras de todos os feitios e preços, eram muito estimadas por terem venda facil. Os offe-

rentes de mais cultura mundana mostravam certa delicadeza e critica. Além dos mil brinquedos infantis, destinados ás rifas, enviavam coisas de preço: joias antigas fóra da moda, quadros de auctores ainda não cotados, esculpturas em marfim, em madeira, estatuetas de barro e faiança, pratos pintados por amadores intelligentes, espelhos com ricas molduras, potes da China e da India, loiças e crystaes antigos de fabricas reputadas. Nos brinquedos infantis havia infinita variedade: cavallos de rodas, bonecos com movimento e voz, carros de madeira com bois de papelão jungidos, comboios puchados por machinas de vapor, bombas de incendio com bombeiros, saltimbancos em trapesios, soldados a pé e montados, couraçados que podiam navegar em tanques de jardim, serviços completos de cozinha para jantarinhos, bolas de borracha, arcos e um burro que orneava quando lhe dessem corda. Todas estas coisas se guardavam classificadas no armazem commum; porém, as joias de preço e coisas de valor artistico, ficavam sob à responsabilidade do guarda-livros da velha marqueza, que as mettia na casa forte, de que só elle tinha a chave.

Pessoas que tudo aferem pelo prisma da utilidade material e cuja generosidade foi directamente solicitada, davam coisas do seu commercio: os grandes fabricantes e exportadores aproveitaram a circumstancia para tornarem mais conhecidas as suas firmas e marcas offerecendo vinhos, latarias de conservas, algodões estampados e brancos, flanellas e artigos de malha. Alguns ribatejanos, com grande sentimento do pittoresco, pro-

metteram ovelhas e cabras com anhos e cabritos saltantes e innocentes; um enviaria um poldro das suas manadas, outro um bezerro de raça ingleza, outro uma rapoza d'um mez, ainda outro um casal de lobos pequenos. O que eram animaes, só viriam depois do bazar aberto e no momento de serem leiloados.

Este febril enthusiasmo pela *Esmola* e pelo bazar dissiminara-se com fervor. Não estaria, talvez, nas previsões das iniciadoras da formosa idéa, que ella abalasse tantas consciencias e vontades. Em pontos distantes, corações que se não conheciam palpitavam isóchronos n'um impulso de altruismo. Nos jornaes appareceram os retratos das senhoras n'isto mais directamente interessadas, com notas biographicas elogiativas da nobreza do nascimento e da piedade do coração, escriptas por pennas experimentadas, que sabiam dar relevo aos assumptos. A peçonha do orgulho e a frivolidade, que se attribue aos que tem vida faustosa, apreciava-se sob uma luz sympathica de abnegação. Os humildes, que fossem beneficiados pela acção beneficente da *Esmola*, deviam reconhecer, como toda a gente, que prescindir de commodos egoistas, para trabalhar em prol dos desgraçados, é virtude. A velha marqueza, com a experiencia da sua longa vida e a sagacidade derivada do seu tracto, passava por entre essas ovações, serena, sorridente, com o seu vestido preto desmerecido de enfeites, a touca simples sobre os bandós, a mão esqueletica e branca a abençoar tanta dedicação de gente ignorada.

VIII

O BAZAR

O abundante talento e desembaraço de Jesuino, ia demonstrar-se, mais uma vez, na preparação da apregoada festa. Escolhido amplo espaço para as installações, tomou posse do campo como qualquer grande plantador. No meio do movimento tornava-se febril: os operarios serravam taboas, pregavam pregos, erguiam postes, dividiam o espaço, armavam prateleiras e balcões, estendiam lonas e panninhos; e Jesuino esbracejava de dentro da sobrecasaca, limpava o cachaço, dava ordens, approximava-se do padre Delombe para o consultar. Pretendia-se, especialmente, variedade nas decorações em que entrevieram desenhistas de fama, para que tudo ficasse garrido e alegre, e os olhos dos visitantes se não fatigassem pela monotonia. Artistas de combinação com

as senhoras e na presença de Delombe, escolheram themas differentes: este desenhava um palacio de estylo mouro, com minaretes, terraços, meias luas a rematarem bojudas cupulas; aquelle uma barraca tosca, coberta de colmo, com as traves á vista, um redil onde ficaria o gado offerecido, espaço para se vender leite, queijos nacionaes, laranjas e agua; est'outro um negro castello roqueiro, com torreões, avançadas e barbacans, a ponte levadiça por onde se entraria. Ainda um quarto desenhou a pittoresta casa minhota com a varanda arejada e ampla com accesso para o interior; as portas de entrada para as lojas, ao fundo do alpendre; os toscos bancos de pedra, onde descança o viandante, á ilharga sob a parreira afestoada de cachos; duas escadas lançadas por fóra, subindo em degraus de granito uma para a cosinha, outra para a varanda coberta. A frontaria de maior ostentação, apesar de reduzida como as demais, era certamente a dos Jeronymos, com o bello portico, a cupula terminando em mitra, as agulhas das torres a erguerem-se ao céu, n'uma aspiração ou confiada supplica. Aqui repousaria a familia real no dia da abertura do promettedor bazar e em todos aquelles em que lhe approuvesse.

Os embellesamentos iam surgindo em linhas graciosas, do trabalho dos carpinteiros, pintores, estufadores, que obedecendo ás vozes dos mestres e de Jesuino, todos os dias apresentavam coisas novas aos olhos das senhoras que ali concorriam em numero, entre as duas e quatro horas. Sentia-se no largo recinto o barulho consolador da actividade humana em acção. A todos

que tinham a sua alma e o seu capricho unidos ao exito da festa, vibrava-lhes de goso o cerebro com este avanço da idéa generosa, que em boa hora lhes nascera no coração. O povo, o grande concorrente, entraria ali de animo deslumbrado e agradecido, e da sua bocca sahiria o applauso espontaneo e caloroso.

Nos remates, minucias e enfeites, é que as senhoras mais se interessavam. Sob a sua indicação d'ellas appareciam sombras a marcar recantos, galões a riscarem frisos, velludos de pouco preço a cahirem em bambinellas e curvas graciosas de apanhados, fitas d'algodão a formarem laços. Colchas da India, quadros, faianças, aproveitavam-nos para manchas de effeito e relevos da estudada ornamentação. Subia cada objecto ao logar, que lhe assignalavam, e ia-se apreciando de longe o effeito produzido, havendo por vezes divergencias, que logo se acalmavam. Jesuino subalternisava-se no seu papel, quando estavam pessoas que, mais do que elle tinham visto, e solicitava conselhos, que logo aproveitava. A velha marqueza era condescendente com o seu delegado; porém, a Peixoto-Alves, senhora de bom governo e desembaraçada, dizia francamente o seu parecer, quando não impunha a sua opinião. Por entre todas aquellas cores berrantes, telas de paixões mundanas, sedas e estofos claros, loiças, pratas e crystaes que faiscavam, a batina negra do padre Delombe fluctuava, levando a calma, a prudencia aos desejos de todos e á intelligencia prompta de Jesuino. A velha marqueza, apreciando com a luneta de

tartaruga deante dos olhos, um conselho pictural de Delombe, applaudiu-o:

— Não ha duvida que vê melhor do que nós. Ainda estas senhoras terão de o consultar em questões de *toilette*, se quizerem vêr realçada a formosura de cada uma.

A idéa foi celebrada com risos e palavras de commentario. Em volta do sacerdote a Lavre, a Minde, a Rosal, a Rita Nellas, a Peixoto-Alves, a Paraiso, a viscondessa da Maya, a baroneza da Cova-da-Piedade... diziam n'um conjucto: «Havemos de o consultar.» «Vê-se que entende muito de côres...» «Até com esse talento Nosso Senhor o dotou.» E emquanto Delombe afastava hypothese tão irreverente para o seu mister de director de consciencias, Di-Conti olhava-o com o monoculo, applaudindo:

— Não tem que vêr. Vae pôr casa de modas!...

*
* *

Mas de caixotes collocados no centro, sahiam as numerosas e variadas prendas, que de longinquos pontos tinham chegado, attrahidas pela palavra commevedora da circular e pelo pregão diario dos jornaes. Preenchiam-se vasios entre colchas, sanefas, cortinas e bambinellas, com objectos de differentes côres dispostos nas prateleiras, que eram degraus do throno, onde a piedade viera depositar as suas offerendas. Com o propo-

sito de não melindrar ninguem tudo se distribuia sob a idéa do effeito decorativo, misturando coisas de somenos valor com outras de maior preço. A par, do disco branco e espelhento d'uma salva de prata, punham um quadro de missanga ou caixas de fructa secca; junto a um apparelho de bom crystal ou de bella faiança, brinquedos infantis ou latarias de conserva, com os seus disticos reclamantes. Sómente excepções naturaes se admittiram: na cabana suissa entraram os animaes vivos, entre elles os dois lobos pequenos n'uma gaiola; na casa minhota exposeram as grossas peças de comestiveis, presuntos, paios e carnes salgadas do Brazil; no edificio dos Jeronymos, exhibiram, em armarios de vidraça, as joias de preço, que seriam arrematadas na presença dos monarchas. Assim os differentes grupos de senhoras, que de dentro dos mostradores chamariam com sorrisos o publico, teriam de vender e trocar pelos bilhetes premiados, sem se ressentirem de preferencias, os mesmos bordados de missanga, colchas de linho com emblemas reaes, quadros de sola, de cortiça, de escamas de corvina, bonecada, lenços de seda, garrafas de vinhos generosos, malas de viagem e porcellanas. Estes e outros objectos misturados formavam uma orgia de tons que suffocava a vista, porém o conjuncto, o aspecto geral das secções, era fortemente decorativo, e os olhos andando em torno surprehendiam, a cada momento, um facto novo, e a somma de todas essas sensações mostraria, melhor que tudo, a grandiosidade da festa.

*

* *

Fôra escolhido um domingo de bom sol para a abertura do bazar. Os annuncios d'este acontecimento momentoso, por meio de cartazes emblematicos e coloridos, appareceram simultaneamente nas esquinas de Lisboa e Porto, nas estações de caminho de ferro e nos logares de feiras e mercados, nas portadas de egrejas distantes, perdidas entre arvoredos silenciosos, onde mãos prestadias e dedicadas os tinham ido collar. Uma vontade diligente e sagaz irradiava de Lisboa por todo o paiz. Os jornaes, cumprindo nobremente a sua missão, tinham nos ultimos tempos redobrado o enthusiasmo da sua prosa vehemente, no appello a todos os corações compassivos, para virem á capital em peregrinação de luxo. Foram sufficientemente escutados, porque na vespera e na manhã do dia assignalado, os comboios principiaram a despejar por essas ruas, uma multidão poeirenta, que procurava hospedarias e casas de parentes e de amigos para se limpar. Os das cercanias, já adrede vestidos para a circumstancia, vinham em vapores e diligencias e, mal desembarcados, dirigiam-se para o logar da festa.

A's dez da manhã, uma duzia de philarmonicas, partindo ao mesmo tempo do Rocio, irradiaram para pontos diversos, passeando pelas ruas as suas marchas e polkas, e levando a emoção na galhardia dos seus ins-

trumentos. A todas as janellas assomavam cabeças em preparação de *toilette:* aqui um abotoava o collarinho ou o peitilho lustroso; adeante, senhoras com chapéus primaveris como rosaes, calçavam luvas claras; mais além um rapaz punha a camelia na carcella do fraque, em quanto seu pae, um gordo, consultava o céu, a pedir-lhe conselho na escolha de bengala ou guarda-sol. As notas dos cornetins e a estridencia dos pratos, em todos os nervos provocavam a felicidade e a pressa; pois cada pessoa, pelo seu enthusiasmo, calculava que a diligencia dos outros seria maior e não encontraria logar commodo, para gosar a chegada das carruagens reaes. Na realidade, os madrugadores que poderam obter logar, junto do grande portal de entrada do bazar, ainda apreciaram os restos do afan de Jesuino, já de casaca, chapéu alto para a nuca, no peito saliente duas medalhas de bombeiro, concluindo a decoração do recinto. Com os seus homens pregava as ultimas bandeiras, espalhava areia vermelha na entrada, e desenrolava um tapete côr de vinho no sitio onde desceria a côrte. Os olhos dos que na rua estacionavam, entretinham-se a soletrar repetidas vezes a palavra *Esmola,* que nas conhecidas lettras doiradas de meio metro, Jesuino collocara por cima da ampla entrada.

*

* *

Com muito trabalho e paciencia, quando as duas horas se approximavam, a policia conseguiu conservar

desembaraçada uma longa fita de rua, por onde passaria o cortejo. O dia era quente de antecipado estio. Em todos os semblantes um sorriso; mas quando a multidão mais se apertava, algumas pessoas cançadas de esperar, apesar dos protestos, procuraram apoio nos hombros dos visinhos.

Vendedores d'agua fresca e limonada descedentavam os sequiosos e encalmados; apregoadores de jornaes mostravam folhas impressas, com os retratos das senhoras da grande commissão, acompanhados de prosa encomiastica. Por uma porta pequena, severamente guardada por dois policias, entravam e sahiam do recinto do bazar pessoas de semblantes occupadissimos. O offegante Jesuino, de rosto vermelho, ali apparecia frequentemente a produzir ordens e a dar ingresso ás senhoras, que tinham de receber, á entrada, a familia real. Chegara a Peixoto-Alves, no seu *landeau* puchado por eguas inglezas, um vestido *héliotrope* de setim e rendas brancas, chapeu de altas plumas que lhe levantavam a figura, e no afogamento do collo, uma estrella de brilhantes que flameava como um sol. Após esta, a Paraiso, que nunca apresentara com mais relevo a sua formosura vencedora de morena: o olhar carnal, a cabelladura farta, o magnifico tronco, solido e estavel, como o d'uma camponeza. Trazia vestido claro, de seda *broché*, com rendas de Bruxellas. O chapeu côr de rosa, era leve como espuma. A sua garganta vinha desafogada n'uma sensualidade de odalisca; a pupilla d'ébano espalhava no ambiente alguma coisa de capitoso, que a todos embriagava. A doce Rosal não

a podia vencer n'este dia calido de primavera. A sua formosura de lyrio e céu, d'onde se evolavam tantos encantos delicados, não suplantaria a Paraiso no desejo ardente de Fernando! Apesar da sua *toilette* escura, sabiamente combinada para melhor sobresahir o loiro transparente dos seus cabellos, da face leitosa com reflexos de poente, do sereno e macio azul da sua iris angelica, a outra subjugava a com a vigorosa carnação humana. A Rosal, na sua tristeza, parecia uma captivante viuva, em plena e tranquilla mocidade. Attrahia os olhares pelo fundo melancolico do seu riso intelligente, que o falar tornava mais espiritual; mas semelhava uma ave desparelhada em pleno abril. Que magua nos effluvios da sua expressão terna, cariciosa e dedicada até ao sacrificio!... Na carruagem, entre ella e o conde, viera Jeanne, mimosos oito annos que exalçavam a belleza de sua mãe. Como ella a amaciava com a vista! como mettia em si, este botão derivado do seu ser! Era a grande força para a maior das desventuras. Se não fôra Jeanne succumbiria.

A' velha marqueza, como presidenta da *Esmola*, competia-lhe esperar os reis á frente da grande commissão de senhoras. Chegou muito perto da hora, na pesada carruagem, acompanhada de Annica de Sousa e Kate, que vinha com sua mãe, a condessa de Moinhos, a eterna viuva, d'uma pallidez de santa. A seguir parou um *coupé* com D. Antonio Noronha e sua filha Izabelita, cujo rosto e olhar brilhavam de excitados por este quente sol estival. Vestiam com simplicidade, como se quizessem fugir a commentarios,

da curiosidade avulsa. A velha fidalga, ao eterno vestido de setim preto, sem guarnições nem córte de modista auctorisada, só acrescentara uma gargantilha de rendas, por se considerar um tanto rouca.

Mal ellas tinham entrado, logo se ouviu ao longe, uma girandola de foguetes, que estoirava com alegria no ar, annunciando a approximação das carruagens que vinham do paço. Cá fóra, a policia, corpo a corpo com a multidão espectante, empacotava-a contra as paredes dos predios. Quando um sussurro denunciativo de gente que se remexe e murmura se produziu, Jesuino juntamente com os seus bombeiros abriram amplamente a larga porta da entrada, mostrando n'um semi-circulo a commissão de senhoras com a presidenta no centro. Cumprimentos de respeito trocaram-se entre os monarchas e as pessoas que os esperavam, em quanto as musicas tocavam o hymno real. Diluiram-se nos semblantes os sorrisos de cordealidade e o numeroso cortejo entrou no enfeitado recinto. Segundo o que de antemão se combinara, cada grupo de senhoras iria tomar conta da sua barraca e começar a encantadora faina; porém, antes, foram todas juntas até á que representava os Jeronymos, acompanhando suas magestades. Ali, á porta, encontraram Jesuino, curvado, respeitoso, com os olhos na alcatifa, as medalhas de bombeiro ondulando como pendulos. Quando todos estavam nos seus logares, promptos a receber o carinho da multidão, é que o chefe de policia que em pessoa dirigia o serviço de ordem, ergueu um braço para a porta e logo o publico entrou de roldão, como onda

brava de aguas represadas, que houvessem vencido a resistencia d'um dique. Produziram-se gritos, protestos, vociferações; mas tudo serenou depois, enchendo-se o largo recinto de povo, que n'este primeiro dia entrava gratuitamente, como em visita a um sanctuario.

IX

AOS TOIROS

A projectada corrida de toiros, á antiga portugueza, futuravam-se maravilhas. Os mais opulentos e conhecidos creadores do Ribatejo, tinham offerecido as súas manadas, para n'ellas ser escolhido o curro. Por isso, dias antes do assignalado para a toirada, alguns amadores conhecidos, acompanhados de profissionaes experientes, percorreram galhardamente a ampla leziria, lisa como um mar verde, com as searas ainda relvosas, e pararam nas diversas pastagens onde estavam os gados. Ahi fizeram passar á vista, a pequeno trote de experiencia de conjuncto, os diversos cardumes d'esses animaes bravos, cabeça audaz e pé ligeiro, que os campinos reuniam depois, como socegada turma entre os seus pampilhos. Os apartadores, d'accordo com os moiraes, firmavam as

suas preferencias, quando os viam assim unidos, como doceis carneiros pascendo na herva gorda. Na esbatida paisagem de tons graduados, que se fundem a distancia n'um só tom de esmeralda clara, os potentes animaes olhavam com indifferença o grupo de cavalleiros. Afastados com os cabrestos os que serviriam na lide, os restantes, excitados pelos gritos dos campinos e pelo florear dos seus compridos aguilhões, distanciaram-se n'um arranque de galope, lambendo com os pés a relva florida. Na vasta planura, ondeante como as aguas, a mancha negra da rez fugindo no chão picado de malmequeres, semelhava larga fita que se desenrolasse. Em alguns pontos o lavrador apresentava a sua manada, já prompta para a escolha, n'um cerrado de arame. Assim pareciam sem bravura, nedeos borregos bem tractados, para quem a vida corresse deleitosa, em pastagem escolhida. Porém, o seu olhar sereno era de arrogancia e fortaleza; e o levantar das suas poderosas e firmes cabeças enchia de goso os entendedores, que lhes adivinhavam a pujança.

Assim foram apartados, para a tão esperada corrida, doze toiros da melhor pelagem, lustrosa, sentada, fina e limpa; de perna secca e nervosa; de articulações pronunciadas e bem movidas; pesunha pequena e redonda; pontas curtas, delgadas e eguaes; rabo comprido, magro, espesso na extremidade; olhos negros e vivos; orelhas finas e moveis... o typo do boi puro, boa casta, quatro annos, nutrição sufficiente para não ser nem fraco, nem pesado. Que bello dia de abril florido e alegre, esse em que reuniram todo o curro para

o passarem n'um sitio, onde o Tejo ia menos volumoso d'aguas! A campina cheia de luz; os bezouros e abelhas no seu vôo ondeante, a sussurrarem sobre as hervas odoriferas e entrando senhorilmente na corolla das flôres; as fartas searas egualando as leves ondulações dos terrenos; a mancha negra de arvoredos ao sul, separando a campina do azul pallido do céu!... Feita a travessia do rio e entrando-se na estrada egual e branca, a boiada, entre os cabrestos e os campinos, ia mansa, como gados minhotos em caminho de feira. Havia recommendação para lhe não forçarem a marcha, teriam pasto e descanço em pontos assignalados, queria-se que chegassem bravos e fortes, com as qualidades nativas no seu maior poder.

Quando no dia de sabbado, pelo amanhecer, os toiros partiram de Friellas, precedidos de cavallaria da guarda municipal, que marchava impetuosa á frente dos cabrestos, ladeados e seguidos pelos campinos, logo perto encontraram cavalleiros que os esperavam, gente alegre, chapeu d'aba larga, pau entre a côxa e a sella. Mais áquem estavam muitas pessoas de carruagem, estes como os outros no intuito de verem primeiro a rez e de amontoarem enthusiasmo e barulho n'esta caminhada ruidosa. Cumprimentavam-se, com risos e acenos, amigos e conhecidos, por assim se encontrarem n'este passeio matinal, refrescados por uma brisa leve, que soprava do lado do mar. Mais cá, perto da cidade, em cima de muros e vallados de quintas, almoçando sobre guardanapos brancos e a destapar garrafas, outras gentes saudavam com vivas e applausos, a grande

marcha de carruagens, cavalleiros e gado, que, compacto e nervoso, caminhava n'um passo sonoro, cadente e firme, entre a espessa nuvem de poeira levantada do chão, abalado pelo estrepito. Já ao longe se sentia o barulho, que o estralejar de foguetes ia marcando em diversos pontos. E essa massa offegante e tumultuosa, de carruagens, cavalleiros, tropa, campinos, cabrestos e toiros entrou pela cidade como na fugida de temeroso inimigo, pondo desertas as ruas de passagem, até que chegaram perto da praça. N'este momento, tudo que vinha na testa da cerrada e violenta columna dos animaes, derivou para um lado, ficando sós os campinos, que, com os seus pampilhos e vozes, trotando largo e ligeiros, conseguiram metter rapidamente os animaes entre duas paliçadas de tabuas, que levavam á porta do curro. Então é que das janellas dos predios, onde estava muita gente, melhor se viram os toiros atraz dos guias, cujos chocalhos produziam sons lamentosos: eram doze animaes soberbos, boa pellagem, cabeça pequena e arrogante, pernas seccas, pés redondos, cornos curtos, orelha fina, olhar audacioso, avançando firmes e com a segurança d'um formidavel troço de cavallaria. Ao vel-os sumirem-se na larga porta, em todos os semblantes se conhecia alguma coisa de desafogo. As pessoas que estavam dentro do amphitheatro correram ás bancadas e camarotes para saciarem os olhos... N'esse instante já os viram quietos, escornando-se amigavelmente com os cabrestos. Os entendidos diziam-no gado excellente; no outro dia seriam apreciados na lide.

*

* *

No domingo, pelas tres horas da tarde, era desusado o movimento de carruagens no centro da cidade. Os preços dos bilhetes para a toirada eram altos e apregoavam-se no Rocio. Rapazes, aos cinco, em carruagens de praça, passavam em grande batida. Cocheiros com ramalhetes nos chapeus cinzentos, nas cabeçadas e nas caudas dos cavallos laços de côres hespanholas, conduziam nos seus carros *manolas* de mantilhas brancas, sobre os cabellos levantados, os troncos envoltos em chales de Tonkin, a olharem com ar festivo os transeuntes. Em dois magnificos *breaks* de rodado alto, que introduziam no movimento grande ostentação, iam os toireadores, cavalleiros e de pé, rapazes conhecidos, vestidos com vestuarios caracteristicos. Os que conduziam esses *breaks*, puchados por cavallos brancos ajaezados á sevilhana, *pompons* e guizos nas cabeçadas, o azul e branco nacional enfeitando os arreios, eram tambem grandes amadores, de jaqueta justa com alamares de prata, calça unida á perna roliça, chapeus d'abas largas e duras. As senhoras da velha nobreza e as da triumphante burguezia, preferiam os *landaus* magestosos ou as ligeiras victorias: os seus chapeus de primavera encimados de plumas fluctuavam, os homens de casacos claros e binoculo a tiracolo olhavam-nas com leves sorrisos. O povo

tambem corria ao divertimento, enchendo os americanos que seguiam brandamente como faluas, muitos em alegres magotes, a pé, pelas calçadas batidas do sol. Como os nobres e os ricos, o povo, sentia a sua exuberancia peninsular, o enthusiasmo amplificava-lhe os desejos mal definidos e fazia-lhe esquecer as amarguras da vespera, caminhando contente e expansivo. Em diversos pontos rebentavam morteiros, cujo estoiro, grosso e baço, abrindo-se no amplo céu, annunciava a festa excepcional; ao chegar dos toireadores, uma girandola salpicara o ar de estalidos, e a limpidez do azul ficou maculada de pequenos novellos de fumo e de trapos de papel das bombas arrebentadas. Até as arvores em começo de florescencia, as trepadeiras que se debruçavam senhoris dos muros dos jardins, sorriam á passagem de multidão tão alegre. Apenas alguns mendigos, em differentes pontos do caminho da praça, estendiam a mão á caridade, apregoando com lamentos a miseria das suas chagas e andrajos. Porém, em momento tão de prazer, quem poderia attentar n'essas vozes de cuja sinceridade se poderia duvidar? Para a caridade collectiva se trabalhava; os soffrimentos que pelo mundo houvesse, com uma escripturação e um registo, seriam attendidos. As seis lettras doiradas, de meio metro, que Jesuino trouxera da frontaria do Arsenal e da portada do bazar, ali estavam pregadas no bojo da praça de toiros, compondo a magica palavra *Esmola*.

A toirada ia principiar.

*

* *

Enchiam-se os camarotes, povoavam-se as bancadas da sombra e do sol. Em todos os rostos signaes de expansibilidade e interesse. O matiz dos vestuarios, realçado pela abundante luz, incendiava de alegria os corações. Palavras avulsas, sussurro de conversações, remexida constante dos que chegavam, dos que se deslocavam, dos que entravam e sahiam... tudo exprimia a animação caracteristica d'esta especie de espectaculos ao ar livre, n'uma atmosphera calida, com exuberancia de sensações e desejos.

A praça ornamentada de colchas antigas, cobrejões alemtejanos, festões de verdura e muitas flores, formava um conjuncto animado e hilariante. Nos camarotes principiavam a apparecer rostos triumphaes de senhoras novas, vestidas de claro, n'um aspecto festivo. Tudo se ia enfeitando de sorrisos, olhares curiosos, rostos alegres e moços. Cumprimentavam-se d'um para outro lado com acenos; falavam-se os amigos que estavam proximos, trocando impressões. As fanfarras tocaram o hymno real, os monarchas assomaram á frente da tribuna e deram um olhar de conjuncto á praça, circulando depois a vista com lentidão... A musica terminara, houve um sussurro a que se seguiu um apasiguamento, como na chegada de onda alterosa, que logo se espraiasse. Os camarotes pareciam cestos

de flores e plumas, o amphitheatro uma tela salpicada de peitilhos brancos e chapéus de palha. Toda esta garridice de sons e cores enchia o espaço de jubilos.

Pouco se esperou para que entrassem na vasta arena os primeiros elementos do interessante espectaculo. Uma soberba mula, com dois lacaios ao freio, conduzia de carga dois caixotes cobertos por um panno de velludo carmezim, franjado d'oiro e armoriado. Quatro rapazes, galhardamente á campina, é que guardaram na trincheira esses bahus, onde estavam as bandarilhas. Logo a seguir appareceram outros seis rapazes, todos vestidos de setim, em pagens de côrte, cabelleira empoada, casaca curta e redonda, colletes bordados, calção, meia de seda, sapato de fivela, e na cabeça o gracioso tricorne com que cumprimentaram, primeiro a familia real, depois os camarotes conhecidos. Seguiam-nos doze forcados, á moda do ribatejo, como os que forneceriam as bandarilhas, uns e outros de jaquetas azues e colletes de velludo amarello, o calção de picotilho fino, côr de grão, meia branca d'algodão, sapato branco, com salto raso de prateleira. Encostaram-se ás suas forquilhas doiradas, cumprimentando para distancia com as carapuças verdes de grosseira lã. Todos os que haviam entrado, formaram com duas alas uma larga rua ao centro da praça, para a solemne entrada dos cavalleiros, que eram quatro, montados em magnificos ginetes, que faziam estremecer a terra com a soberba do seu andar, o mastigar dos freios e a ondulação dos penachos no cimo das cabeçadas. Apesar do estridor e impeto dos metaes das duas fanfarras, que desde o co-

meço tocavam, só agora o circo se conheceu verdadeiramente cheio. Os cavalleiros vinham imponentes, garbosos e montavam com elegancia. Todos de côres differentes: as fartas abas das suas casacas de setim eram direitas e cobriam parte dos telizes bordados a oiro. O calção de velludo, côr de pombo, muito justo, bota molle, alta até ao joelho, deixava vêr a meia branca, que subia á coxa. A camisa, cujos bofes sahiam do collete de setim bordado como as casacas, tinha um collar alto e redondo, d'onde pendiam rendas. Sobre a cabelleira de estriga com rabicho, traziam o tricorne emplumado com que cortejaram, logo ao apparecer, a tribuna real, baixando-o n'um movimento lento, com a copa para cima.

Entraram solemnemente, ao passo cadenciado dos cavallos briosos, como outr'ora os pelejadores nas justas. Reluziam os metaes dos arreios, scintillava a prata e o oiro das casacas vistosas e das esporas, e elles, firmes nos seus estribos de pau, bem aprumados nas sellas, levantavam as cabeças e os olhares, com a mão firme na redea. Outros quatro animaes de menos rico ajaezado, arção alto e peitoril simples, sustentados por lacaios com as mãos nas cabeçadas, conservaram-se, dois de cada lado da larga porta, por onde todos haviam entrado. Eram os animaes destinados á lide do toireio, visto os rinchões e apparatosos, serem apenas adequados ao ceremonial das cortezias. Estas principiaram no meio de attenção geral: primeiro aos monarchas, caminhando até junto da tribuna, para ahi, com os tricornes baixos até ao pescoço dos cavallos, saudarem; de-

pois evolucionaram em roda da praça, sempre de frente para o publico, a quem cumprimentavam e que os applaudia ruidosamente na passagem. Outra vez juntos no ponto de partida, subiram até ao meio da praça, separando-se ahi n'um andar lateral, como um rio que se bipartisse. Os cavallos mordiam com orgulho os freios luzentes, n'uma obēdiencia contida, sugeitando as suas vontades á severa mão de redea. Fizeram-se ainda mais evoluções, circulares e em esquadria, recuando e avançando, sempre no mesmo aprumo e donaire, até que desappareceram pela porta por onde haviam entrado, seguidos dos cavallos de lide. Eram quatro horas passadas: o calor excitava a pelle, a luz feria a vista, o cheiro das flores e o perfume das pessoas enlanguescia. Houve um curto espaço de suspensão, em quanto não apparecia o primeiro combatente: os forcados tomaram os seus logares por baixo da tribuna real; dois pagens, vestidos de setim, esperavam tendo na mão as bandarilhas que haviam de entregar ao cavalleiro, os toireiros de profissão e os amadores saltaram á trincheira. Havia n'aquella multidão silencio religioso: appareceu Fernando de Castro, montado n'um cavallo branco.

Muitos corações palpitaram n'este momento, muitos olhos se humedeceram de goso, muitas imaginações voaram até ao céu azul, n'um anceio indefinido e terno. Era a primeira vez que toireava em publico e algumas pessoas receavam do seu estado nervoso, em situação tão apparatosa. Porém os capinhas profissionaes, logo que Fernando, depois de ter offerecido esta

sorte á familia real, tomou o seu logar em frente do curro, prepararam-se para o defender, ou, para melhor lhe excitarem o animal, se sahisse abanto ou malesso. Estava tudo a postos, o ferro na mão e elle firme e audacioso na sella, como se junto d'uma ponte levadiça esperasse a saudação ou o combate. Metteu-se dentro do seu terreno, deixando ao toiro que ia apparecer, a parte da arena que lhe competia. Um som lento de trompa, como nas edades antigas, fez-se ouvir. A pequena porta do curro foi aberta; o animal arrancou vistosamente, com grande brilho e bravura, cabeça levantada, olhar inquieto, mas franco. Logo se viu ser boiante, claro e simples na sua selvageria, e que seguiria sem desconfiança, nem malicia. Fernando aproveitou com serenidade este avanço espontaneo do toiro, citou-o á meia volta, quadrou-se com elle e logo que o teve na jurisdicção, metteu-lhe com firmeza o ferro. Tomou immediatamente o cavallo na mão, entrando de novo no seu terreno, visto que o animal, depois de enfeitado, acceitara o engano do capinha, que lhe sahira á frente, afastando-se para a sua área, onde se quedou altivo, cabeça firme, a averiguar. Toda a praça se levantou n'um applauso unisono, dominada pelo mesmo enthusiasmo. Palmas, bravos, chapéus voando, saudações dos camarotes, a musica a tocar... tudo formava um conjuncto festivo de victoria. Fernando agradeceu, mas nervoso retomou posição. Ia já armado de novo ferro, que um dos pagens lhe entregara, em quanto o animal, com o forte cachaço enfeitado de cores nacionaes e escorrendo sangue, immovel no

meio da praça, dava um longo mugido. Era grito doloroso, talvez de saudade pela formosa leziria; um adeus aos seus companheiros e irmãos, que haviam ficado na mesma paisagem onde tinham nascido, pascendo socegados na relva querida, que os seus grandes olhos scismadores ambicionavam tornar a vêr!... Mas Fernando, com o cavallo ás upas, prepara uma sorte redonda: entra no terreno do animal, que citádo não arranca logo, antes se conserva a observal-o com visivel colera. Quando o toireador já estava fóra do terreno da sorte, o animal fez menção de arrancar. Então o cavalleiro toma prestemente o cavallo na mão, afrouxa o andamento, deixa que o animal lhe chegue á jurisdicção, e com um movimento rotativo do tronco, voltando-se para a garupa, alarga o braço e, vendo-o humilhado, crava-lhe o ferro obtendo prompta sahida. Este remate de sorte, com presteza e rapidez executada, teve magnifico exito. Todos de pé, no amplo amphitheatro, applaudiam palmeando, com os braços estendidos para a arena. De boccas enthusiastas sahiam bravos, juntamente com o nome de Fernando. Os mais distantes agitavam lenços brancos, que pareciam azas de pombas a voar; ramos de flores e outras dadivas iam cahir junto do cavallo. A gente do sol applaudia com abundancia, alguns com ar descomposto; dos camarotes faziam-lhe acenos familiares com leques, o que elle agradecia inclinando levemente o tronco.

Sobre o chão plano, coberto de saibro grosso, os dois capinhas, ao mesmo tempo que se interessavam na ovação, vigiavam o bello toiro, que se conservava

distante da trincheira, cabeça levantada, olho fulgurante, peito largo, firme nas pernas nervosas, enfeitado com um par de bandarilhas no cachaço. O seu aspecto de assombro, correspondia ao estranho quadro que a sua pureza selvagem presenciava! Nunca aquella imaginação virgem o teria sonhado! Por isso um novo e ululante mugido sahiu da sua bocca. O som triste como badalada de bronze, amplificou-se e diluiu-se no infinito azul. Parecia grito de raiva pungente, pois escarvava na terra; mas tambem seria nova lembrança da verde campina, da espelhenta superficie da agua, onde á tarde se descedentava, ou da côr poente do sol, que era um fogo, ou do silencio crepuscular e triste que a ausencia da luz deixa... Movendo com lentidão a altiva cabeça, os seus olhos negros e redondos, pareciam ter-se fixado nas seis magicas letras, que, d'esta vez, a forte iniciativa de Jesuino usara em duplicado, para tambem dentro da praça apparecer a palavra *Esmola*, por cima dos camarotes das senhoras da grande commissão.

O animal, afastado o transitorio torpor, refeito na sua bravura, expontaneamente tomou attitude de combate. Os capinhas, com os seus quites, citaram-no para terreno em que melhor sorte daria. Mostrava-se um tanto parado, ainda que zeloso. Fernando encontrou-se de novo com o mesmo animal sem manhas nem crenças especiaes, prestando-se á lide com lealdade. Assim conseguiu pôr-lhe, com brilho, mais alguns ferros, e quando foi julgado bastante enfeitado, o publico exigiu a pega. Um rapaz franzino e nervoso, é que veiu collocar o seu estreito arcaboiço, deante da fronte energica

e pensativa, que antes que arremetesse o contemplou. Era um dos forcados, vestido de jaleco de velludo azul, meia de algodão branco, carapuça de campino, que o provocava com palmas. Não se fez esperar a envestida e o pegador n'um instante se encontrou entre as pontas, abraçado ao pescoço do toiro, que o sacudia no ar. Os onze outros forcádos cahiram-lhe sobre todo o corpo e subjugaram-no, deixando-o depois só, no meio da arena.

Logo a seguir entraram os mansos cabrestos, com os seus chocalhos d'um rouco badalar. Vinham lampeiros e descuidosos, no seu trote cadente, acossados pelos pampilhos. O animal da lide, mal os sentiu, logo se lhes juntou, conhecendo-se afagado por este carinhoso encontro dos seus bons companheiros. Antes de entrarem na larga porta, que se abriu para os recolher, andaram mais de uma vez em volta da praça, como n'uma viagem ao longo d'um carril da leziria. Eram estes os amigos com quem viera de longe, atravez de sitios que pela primeira vez vira. Com elles reciprocamente se roçava, sentindo n'esse contacto, talvez conforto; com elles entrou na porta que lhes haviam franqueado para os receber.

A praça ficou desoccupada e nos primeiros momentos houve um sentimento de ausencia, logo substituido pelas vibrantes acclamações. A febre dos olhares e dos labios denunciava enthusiasmo em todos os peitos. Fernando mostrara qualidades de serenidade sagaz, raras n'esta arte do toireio, feita de enganos e surprezas. O nome victorioso era ao mesmo tempo pronunciado por

milhares de boccas no meio do estrondear das palmas. Só o tempo indispensavel para desmontar e logo appareceu, no seu vestuario scintillante, sorrindo e impressionado. Os bravos e ovações choviam de toda a parte sobre a sua cabelleira branca, que tão bem lhe ia á pelle rosada. Estava radiante no meio dos seus amigos prompto a receber o galardão da sua destreza.

X

O ULTIMO TOIRO

Fernando, a pé, em volta da praça, com o tricorne na mão, agradecia as acclamações que sobre elle cahiam, como jorros d'uma cataracta, representados em flores soltas, pacotinhos de *bonbons*, charutos e chapéus da gente do sol. Jesuino chegou offegante, rosto animado, olhar enthusiasta, vestido de bombeiro voluntario, para se tornar mais saliente. Trazia um grande ramo de rosas, com largas fitas, onde vinha uma data e uma inscripção em lettras doiradas. Era a offerta das senhoras da commissão, cujos camarotes indicou com um gesto expansivo e vivaz. N'este momento, o conde de Paraiso, desrespeitando as suas suissas brancas, n'uma alegria bulhenta de rapaz, atirou aos pés do vencedor o chapéu tyrolez, enfeitado com uma penna de

gallo; e a condessa, mais jubilosa ainda, fez voar o seu magnifico leque, partido no phrenesi do enthusiasmo. A Rosal e Annica de Sousa commentaram-lhe a largueza de gesto com sorrisos de troça. Quando Fernando subiu ao camarote da marqueza d'Ermello, onde ellas estavam, a velha fidalga anticipou-se no falar e disse:

— Obrigada por esta esmola... Os meus pobres... os nossos pobres te agradecerão com bençãos...

Como esta fosse a primeira visita de cumprimentos, os olhos ideaes da Rosal fixaram-se victoriosamente na Paraiso. Elle estava bello e gentil, com a sua casaca de setim azul ferrete, bordada a oiro, que tão bem lhe ia á pelle clara e bigode loiro. Com o tricorne sobre a cabelleira de estriga, parecia um pagem que em Versailles tivesse, no minuete, feito a reverencia á *Maintenon,* sob o riso triumphante do grande rei. As magnificas rendas dos bofes da camisa, tufavam-lhe o peito como o d'um pombo rolador em epoca d'amores. A bota mole até ao joelho, o salto de prateleira com espora de prata, o calção cinzento justo á carne... davam-lhe elegancia e solidez ao porte. A Rosal acariciava-o com o seu delicado olhar azul, Annica acicatava-o com as suas ironias, em quanto elle deitava um olhar insuspeito e vago para onde estava Kate, o anjo immaculado. Ia correndo a toirada entre clamores. Algumas attenções e risos de outros camarotes pousavam sobre Fernando, interessado n'uma conversa que fazia ruido. A pupilla negra e ardente da Paraiso, scintillava n'uma expressão complicada e nervosa, de que a Rosal se ufanava, por se julgar merecedora d'esse

odio. Quando Fernando sahiu para continuar as suas visitas, disse Annica ao ouvido da sua amiga :

— A saloia, se tivera oütro leque, engulia-o agora.

A condessa com uma sombra de tristeza, observou:

— Tudo mudará logo que lá entre... Verás...

— Ao menos não se livrou d'esta punhalada.

Na realidade, o camarote da Paraiso, onde estava a Peixoto Alves e a viscondessa da Maya, tornou-se ruidoso com o apparecimento de Fernando. Era um graniso de elogios e gabos, que elle recebia com simplicidade de maneiras. O conde de Peixoto-Alves chegou-o ao peito com effusão, como se fôra um filho. O conde de Paraiso teve-o carinhosamente entre os braços, como a um amigo dilecto; a condessa, tremente e com os olhos humidos de goso, tivera-lhe a mão apertada durante segundos. As outras senhoras haviam-lhe dito as coisas que reputaram mais elogiosas. Por fim o conde de Paraiso disse:

— Segundo ouvi a entendidos, ambos se portaram admiravelmente, tanto o senhor como o animal.

— Oh! o animal cumpriu, foi bravo e leal! — disse Fernando.

— Não tem de que se queixar um do outro, pelo que vejo — concluiu o Peixoto-Alves.

— Elle que levou os ferros talvez se queixe, eu que lh'os metti não. .

Todos exclamaram celebrando o dito:

— Isso! com toda a certeza!

Preso pelas muitas palavras da Paraiso, que o enredava com mil perguntas, Fernando ainda se demo-

rou minutos. «Estava brilhantissima a praça, com os seus milhares de rostos, todos exprimindo vida e enthusiasmo: não achava?» «De todas as festas que se tinham realisado a favor da *Esmola*, esta era a mais original e sumptuosa: não lhe parecia?»

— Oh! certamente! — commentou o cavalheiro Di-Conti, assestando o monoculo. Caridade, boa coisa, para as senhoras se distrahirem.

E a viscondessa da Maya, que só amava o ruido e o fausto, retorquiu:

— Se não fôra a *Esmola*, já me teria retirado para Paris. Estava isto uma semsaboria!... Agora sim, que nos divertimos.

Porém a Paraiso, sentia que a alma de Fernando estava n'outra parte, por isso nos seus labios havia uma prega de despeito. Todo o seu empenho era que elle se não demorasse menos tempo ali do que no camarote da Rosal, para que nos olhos trocistas de Annica de Sousa, não apparecesse algum d'esses desdens que a offendiam. E quando elle sahiu, depois de conseguido este fim, sentiu-se tranquilla e satisfeita.

O que mais attrahia Fernando era o rosto angelico e innocente de Kate, que estava com sua mãe e a condessa de Minde, no camarote da Lavre. Quando aqui entrou, a boa creança logo o reprehendeu por ter feito tanto mal ao misero toiro, que mugira saudosamente pelos seus irmãos, que deixara na silenciosa pastagem. Quem assim tractava animaes, que nenhum damno haviam feito, não tinha bom coração. Decerto os não conhecera na vida serena das charnecas, ou no

fadigoso trabalho de remexerem a terra para sementeira. As almas poeticas e generosas, que um dia amaram estes seres uteis, não podem offendel-os por mero brinquedo, seja qual fôr o pretexto.

— É preciso ser-se mau!... — rematou.

Todos se riam da generosa imprecação de Kate e do ar tristonho de réu, que o toireador mostrava. A condessa de Moinhos, para diminuir o effeito do falar vivo de sua filha, observou-lhe:

— Se não gostas de toiros, para que vieste?

— Não é isso, querida mamã. Todo este apparato é muito interessante, e Fernando vinha lindo no seu cavallo, quando foi das cortezias.

— Agradeço-te os cumprimentos — disse elle. Mas como queres tu toiradas, sem se picarem toiros?

— Não sei, nem quero saber. Só digo que se não deve fazer sangue nos pobres bichos, por mero divertimento. Não ouviste como elle mugia? É que tinha dores, é que se lembrava dos campos alegres onde nascera e fôra creado.

Fernando sorria contrafeito, pois no fundo do seu coração havia amargura, por ter melindrado a sensibilidade d'aquella para quem o impellia uma força estranha, que procurava contrariar. E disse:

— Não voltarei a toirear, visto que isso te incommoda.

— Bem servido estás, se dás ouvidos a uma creança — observou a condessa de Moinhos.

Porém o incidente passou rapido, e foi desvanecido e coberto pelos elogios á destreza do toireador, recor-

dando-lhe as ovações delirantes com que toda a praça o tinha aclamado.

— O que é que se sente — perguntou a condessa de Minde — quando se é assim applaudido?

— Atordoa um pouco a cabeça; mas como, além de hoje, não entrarei mais n'uma praça...

Riram-se da repetição e até a julgaram gracejo. O elegante conde de Refojos, admirador enthusiasta e intelligente de todos os exercicios de destreza e vigor, defendeu calorosamente o toireio, como uma brilhante manifestação de sangue frio e coragem. Era realmente encantador para os olhos e para a imaginação, que um homem, n'um aprimorado traje de corte, se batesse com um animal selvagem, um toiro, verdadeiro typo de agilidade e de força, que póde vencer um leão ou um tigre real. Além d'isto, pôr um ferro com a leveza e primor com que se colloca uma flor na botoeira d'uma casaca ou no penteado d'uma senhora, em *toilette* de baile, era simplesmente distincto e artistico. E o risco que se corre? Apesar das multiplas defezas de que os lidadores se cercam: as trincheiras, as capas, o largo espaço; apesar da situação especial do animal, com as suas crenças, com as cores que o deslumbram, os gritos que lhe perturbam a mente, certo é que o toireio a cavallo, por certo o mais primoroso, e em que a trincheira é inutil, tem difficuldades innumeras. Quando se entra na arena, ninguem sabe o que irá acontecer, se a rez é brava. Antes do preceito do embolamento que agora se usa, n'esses tempos antigos tão faustosos e divertidos, muitos lidadores ficaram na

praça, pagando com a vida a sua temeridade. Haja vista o acontecido ao filho do marquez de Marialva, história que anda contada em livros...

— Tambem eu a li, meu primo — disse Kate com o mesmo vigor de convicção. Pois tive mais pena do toiro, que foi o primeiro acommettido, do que do cavalleiro. O bravo animal se ali estava, é porque o trouxeram, e se matou é porque o agrediram.

— Assim é, minha gentil prima — retorquiu o Refojos — mas isso mesmo se póde dizer dos soldados na guerra, que se lá vão é porque os mandam, dos marinheiros no mar e de todos os conflictos da vida...

— O que me admira — disse a condessa de Moinhos com o seu amoravel sorriso triste de viuva — é que discutam a sério com uma creança. Kate pensa assim, porque está habituada a vêr os nossos mansos gados do Alemtejo, entre os quaes viveu durante annos a seguir. Além d'isso, Manuel...

— Bem sei, seu filho — disse o Refojos. Formosa intelligencia, toda votada ao culto da sciencia. Admiro-o; mas esta vida, querida prima, não se compõe sómente de sciencia. Ha muitos outros gosos e interesses para a alma e para... o corpo.

Foi muito apreciado este final.

*
* *

O programma da corrida foi modificado, no sentido de darem a Fernando o ultimo toiro, para assim se fe-

char com chave de oiro. Não se duvidava que desvanecida a commoção da primeira entrada, já com mais sangue frio e confiança, lidaria superiormente. Era um triumpho assente e desejado, por isso foi recebido com delirio, quando appareceu firme na sella, joelho bem cingido ao cavallo, a mão de redea alta e segura. Trazia apparencia de correcção e frieza completa; mas quem lhe attentasse no rosto um tanto annuviado, podia adivinhar-lhe certo estado nervoso... As pregas da testa que lhe approximavam os supracilios, diziam com a pressão dos labios; o sorriso com que agradecia os applausos, era um tanto contrafeito. Serenado o movimento de expansão do publico, Fernando ajustou o tricorne na cabeça, acceitou o ferro que lhe entregaram, e foi tomar a posição que lhe parecera mais conveniente para citar o toiro á meia volta, sorte que repetia, por lhe ter sahido soberbamente luzida da primeira vez. Ao toque gemente da trompa, o quadrilongo da porta do curro foi aberto e o animal sahiu rompente, com a cabeça levantada. Passou ao lado do cavalleiro, sem attender á voz d'este, ao mesmo tempo que despresava os enganos das capas, que logo voaram como flamulas para o obrigarem a escolher terreno. Com um aspecto altivo de valentia ou loucura, percorreu a arena em todos os sentidos, varrendo-a de capinhas e pagens, e sem dar valor á attitude valentona dos forcados, que o esperavam unidos com as forquilhas fazendo parapeito. Viu-se que era toiro de muitas pernas, e os entendidos logo o capitularam de sentido ou malicioso, pelo quanto de longe

attentava nos vultos. Assim é que, do meio da praça assentou demoradamente a vista no cavallo e no cavalleiro. Quando os capinhas de novo lhe flamearam as suas capas deante da cabeça, para o distrahirem do vulto principal e fazel-o mudar de tenção, o toiro relanceou-lhes apenas um olhar socegado, conservando o terreno que escolhera em frente do principal inimigo. Momentos que isto durasse, pareceu infinito tempo: tamanho era o silencio e inacção! De milhares de boccas sahia apenas respiração subtil, milhares de braços se conservavam inertes; o interesse vivo estava no quadro do centro da arena. O toiro era um formoso animal: sufficientemente gordo, fino e de boa pinta; pelagem lustrosa, espessa, sentada e limpa; articulações bem movidas e pronunciadas; pesunha pequena e redonda; os cornos curtos, delgados, eguaes, estavam embolados; o rabo comprido e fino, era pelludo na extremidade como uma brocha; as orelhas delgadas e moveis; nos olhos negros uma fixidez e attenção demorada. Quem o escolhera na relvosa leziria, entre os seus companheiros, vendo-o obedecer sem reparo aos seus guias, attribuira-lhe sangue nobre e caracter leal. Porém agora, n'aquelle meio estranho, que não era o seu, o temperamento revoltou-se-lhe, os humores turvaram-se-lhe, pois não respondia ás capas e não seguia os enganos, com que o provocavam para mudar de sitio. Os praticos logo tiveram suspeitas da sua má indole, e os profissionaes, que protegiam o toireio de Fernando, avisaram-no de que não fosse temerario e os deixasse com os seus passes levar o animal a melhor ter-

reno. Queriam-no citar para o lado do toiril, obrignado-o a uma viagem em que poderia ser posto um ferro á meia volta. Assim fizeram; mas o cavalleiro não respondera, conservando-se de rosto carregado a remorder os beiços. Não estava tambem em bons espiritos com a rez, que assim se mostrava remissa aos enganos dos capinhas, continuando a provocal-o fixamente. Resolveu despresar conselhos experientes, e de bandarilha na mão nervosa, esporeou o cavallo, caminhando atrevidamente. Na compacta multidão que enchia a praça, passou um fremito de susto, instantaneo e forte, como um raio. Fernando architectara no seu cerebro, a sorte da estribeira, pensando n'um recorte, quando sahisse á frente com impeto e galhardia. Por isso galopara primeiro sobre a esquerda para declinar sobre a cabeça do toiro, que os capinhas deviam conservar entretido com as cores vermelhas. Já estava proximo; cita-o com vozes, cinge-se-lhe com o braço direito estendido. O cavallo tão nervoso como o cavalleiro, resfolgava ás upas, mas obedecia. No momento de apontar o ferro, quando se podia esperar que o toiro o viesse receber, falhou a sorte, porque o animal se conservara immovel. Perdida a esperança, Fernando deixa de estar attento ao preparar da sahida. N'esse momento é que o inimigo arranca, tolhe-lhe a viagem, emborca o contra a trincheira, levantando o cavallo nas pontas. Correram pressurosos os bandarilheiros, com risco do proprio corpo, para com as cores vivas, passadas na vista da fera, a tirarem de sobre a sua presa. O unisono rouco de commoção, que sahira d'aquelles milha-

res de boccas, como de uma bocca unica, parecera um estampido de cratera. Todos os espectadores se levantaram ao mesmo tempo, como um só espectador, com uma só medula e um só encephalo. Desfeiteado o cavalleiro, o toiro ainda se conservou sobre elle instantes, mas como a temeridade dos capinhas lhe levara a seda vermelha a bater-lhe nos olhos, logo se defrontou com elles, perseguindo-os e distanciando-se no redondel. Fernando jazia prostrado, em quanto o seu cavallo desorientado e resfolegando, corria no terreno, perseguido por alguns forcados, que o queriam colher, para o livrar do feroz cornigero. Ao mesmo tempo todos os amigos cercavam o cavalleiro, tomando-o nos braços até entrarem com elle na trincheira, onde ficaria a salvo de qualquer nova arremettida. Os espectadores abandonavam os seus logares: uns para directamente irem conhecer do valor do accidente, outros de impressionados que se sentiam, por verem um homem sob as patas d'uma fera. Nos camarotes, onde estavam as melhores relações e amisades de Fernando, sentiram-se gritos de dôr e havia lagrimas. O conde de Paraiso, pallido como se tivesse um filho nas vascas da morte, pedia a toda a gente que o levasse junto de Fernando: queria directamente conhecer da gravidade do facto e offerecer-lhe o seu magnifico *landau*, para se transportar a casa. Jesuino foi o primeiro que appareceu no centro da praça, fazendo gestos pacificadores, com que dava a conhecer a pouca importancia do accidente. Nos camarotes e bancadas logo se espalharam noticias animadoras: não houvera fractura,

não havia sangue, as contusões eram ligeiras, apenas uma commoção cerebral, que aos medicos se affigurava pouco grave e passageira, conservava Fernando em modorra, sem perda completa de conhecimento. Deolindo (1) foi o primeiro que trouxe estas noticias á condessa de Rosal, cujo rosto, com lagrimas em fio, era d'uma resignação heroica.

— Não te apoquentes — dizia-lhe ao ouvido — está sãosinho, pódes crêr, e já com umas rozetinhas na face, que lhe ficam a matar.

Jesuino veiu informar a velha marqueza do que havia, e ella mesma, como presidenta da *Esmola,* foi ao camarote real socegar os espiritos. Os monarchas, ao sahirem, lançaram sobre a praça, ainda em confusão, um sorriso tranquillisador. Todos se sentiam desoppressos, por não haver caso de maior a lamentar.

Tarde serena e estival! O sol a sumir-se nas aguas distantes, deixando o céu em fogo. Tranquilla atmosphera, cheia de sensações. Zumbiam os primeiros besouros e os zirros guinchavam no ar, seguindo o seu vôo rapido de setta. No meio de grande confusão de vozes, as carruagens ricas, cheias de senhoras em vestuarios primaveris e alegres, iam deslisando, primeiro devagar por entre a multidão, depois ao trote imponente dos magnificos cavallos. O esvazear da praça enchera as ruas d'uma multidão nervosa que falava alto, gesticulando com energia. N'um ponto ou n'outro

(1) No *Famoso Galrão.*

formavam-se pequenos grupos commentando o accidente com abundancia de razões: uns attribuiam-no á impericia do cavalleiro; outros lançavam-no á responsabilidade dos capinhas; outros á má indole do toiro, que sendo de muitas posses, inutilisara os esforços dos artistas.

E concluia um homem alentado:

— Isto de toirear tem que se lhe diga!...

Outro magro acrescentava:

— O animal defende-se, está visto.

Ao mesmo tempo um mendigo de muletas, encostado a um muro, clamava:

— A esmolinha para um aleijado da marrada d'um toiro.

— Ouves? — disse o primeiro.

— Levou a sua conta. Não se mettesse em fofas — commentou o segundo.

XI

EM S. CARLOS

M cantinho que fosse, no theatro de S. Carlos, para assistir á tão falada representação, em beneficio da *Esmola*, obtinha-se caro. A's frisas e camarotes de primeira ordem nem preço se lhes pozera: as pessoas a quem eram cedidos ou enviados pagavam-nos grandiosamente. A maioria das senhoras dirigentes da caridosa associação, reservaram para si torrinhas e poucos camarotes de terceira ordem, dando assim logar á generosidade dos vaidosos que procurassem grande evidencia. A velha marqueza, cujo camarote de familia era na ordem nobre desde a fundação d'este theatro, e que todos os olhos estavam habituados a vêr com a sua touca de rendas e bandós, sempre no mesmo logar, dispensara-o para esta festa. Sabendo que no hotel Bragança estava um capitalista americano, que mostrara desejos de assistir ao espe-

ctaculo, mandou-lhe a respectiva chave, que foi trocada por um cheque de cem libras sobre o banco inglez. Galrão, o famoso Galrão, então no seu periodo de effervescente grandeza, deu cem mil réis por um logar de platéa. Conhecido o notorio caso, todos o celebraram como de maior largueza que o do americano. D'estas coisas e ainda d'outras falavam diariamente os jornaes, e por elles foi referido, que uma noiva rica, muito desejosa de ser conhecida, chorara de raiva, tivera um ataque de nervos e quebrara um pente de tartaruga, porque seu marido conseguira apenas arranjar dois logares de plateia, junto á orchestra. A velha marqueza mandou por Jesuino averiguar quem era, e pelo seu escudeiro, João Theodoro, remetteu-lhe a terceira ordem que reservara para as pessoas de sua familia. Annica de Sousa e Kate pediriam logares em qualquer torrinha de gente conhecida, a condessa de Moinhos até fazia sacrificio em ir, e ella poderia tomar o seu logar entre as damas da rainha. O glorioso noivo pagou esta gentileza com vinte libras e sua mulher queria que ainda se désse mais, pois antevia consequencias agradaveis para a sua ambição, mostrando-se salientemente generosa. Assistiria, pois, ao falado espectaculo, tudo quanto Lisboa tinha de melhor catalogado pelo seu dinheiro e pelo seu nome. Era uma festa para a opulencia, como o bazar e a toirada o tinham sido para o povo. Com chave d'oiro se fecharia a serie de divertimentos tão intelligente e efficazmente organisados em favor da extincção da miseria e da fome.

*
* *

Jesuino, de novo convidado a exhibir o seu talento decorativo, mostrou todo o empenho em corroborar tal confiança, enfeitando a capricho o interior e a fachada de S. Carlos. As mesmas seis letras doiradas de meio metro, que haviam servido na entrada do bazar e da praça de toiros, foram collocadas por cima da conhecida varanda de pedra, para brilharem entre lumes, como na frontaria do Arsenal. A palavra *Esmola* ahi appareceria de novo com o seu relevo magico. Já todos a traziam nos ouvidos, nos olhos e nas preoccupações da vida commum. Alguns visuaes, especialmente a Isabelita Noronha que com ella sonhava, viam-na como uma obcecação em traços escuros no disco solar, em brilhos d'oiro luminoso nas trevas, escreviam-na automaticamente quando rabiscavam papeis, quasi a sentiam no meio das dôres e das alegrias. Jesuino, com a sua insistencia e exuberancia de temperamento, com a sciencia e energia que sabia dispender para guiar qualquer multidão anonyma, é que chegara a introduzir esta palavra no viver de toda a gente. A velha mar queza, apreciando-lhe estas qualidades, em algumas palavras de elogio que lhe disse, incluiu o proposito em que estava, de que taes serviços não ficassem esquecidos de futuro. Talentos d'estes mereciam sahir da obscuridade. Desde esse momento, Jesuino trabalhou

com mais enthusiasmo e afan, pois contava que o tirassem da sua modestia... Por isso, esta festa de S. Carlos, que interessara ainda mais que as outras toda a gente de influencia, era para elle uma grande prova. Faria um temerario esforço de imaginação para combinar os elementos d'um grande acontecimento. Era-lhe indispensavel que o seu nome ficasse de vez credor d'um grande feito; por isso os jornaes, em que tinha amigos, o repetiam diariamente, quando falavam do programma e das decorações.

Foram estas principalmente estudadas com esmero. A frente do edificio, riscada por linhas caprichosas de lumes, estava do melhor effeito. As seis letras doiradas de meio metro da palavra *Esmola*, entre festões de verdura e tropheus, sobresahiam com brilho. Por cima d'ellas uma figura de mulher, de tamanho quasi natural, alvas roupagens cahindo em pregas nobres e classicas, sustentava em cada braço uma creança junto dos dois seios uberes. A sua attitude era magestosa e simples, a expressão d'uma tranquillidade risonha e forte. Era a sublime *caridade* que dava a esmola colhida da sua propria riqueza, como o leite se colhe do peito materno. O timbre d'estes corações femininos, era tirar o dinheiro aos ricos (que o mesmo era que tiral-o de si) para soccorrer os esfomeados, segundo os preceitos evangelicos, aconselhados pelo illustrado Delombe. Ao entrar-se no pequeno largo de S. Carlos, o effeito era deslumbrante para os olhos, e já nas ruas convisinhas o copioso brilho de luzes annunciava a grandeza da festa.

Porém, no interior do theatro é que Jesuino pôz o melhor da sua imaginativa. Ahi as pessoas a quem queria satisfazer, melhor o podiam apreciar e applaudir. Afestoara a bocca de todos os camarotes com as côres nacionaes, como para definir o espirito largo da *Esmola*, que abrangia todo o paiz. Grinaldas de flores guarneciam as distancias de ordem para ordem. Laços de fita, franjada de oiro, assignalavam o recorte dos festões de verdura, a junção de sanefas que vinham mais de cima. Milhares de luzernas do tamanho de pyrilampos, salpicavam o folhedo, illuminando tão discretamente os rostos festivos das senhoras em gala, que só se podiam adivinhar formosuras. Havia qualquer coisa de ligeiro e gracil no gosto decorativo da sala. O abundoso jorro de luz do tecto, que descia por entre enfeites de gaze, distribuia-se como uma poeira boreal. O cuidado na disposição das flores obedeceu a não prejudicar as *toilettes*, nem a viveza dos olhos, nem o leite da pelle, nem o ebano ou o oiro dos cabellos. A harmonia do conjunto, quando a illuminação brilhava em toda a sua gloria, dava superior idéa de magnificencia. A sala completamente cheia, os proprios espectadores aproveitados como elementos picturaes, tudo concorria para mais salientar a palavra *Esmola*, posta por cima do panno de bocca, sustentada pelos dedos finos de dois cherubins, que levariam pela terra e pelo céu infinito o pregão da caridade, que ali se praticava com jubilo. D'este modo nem as conversas interessantes de coisas mundanas, nem os gosos da arte, poderiam obscurecer o motivo especial que reunia tanta gente.

Para o espectaculo ser variado, compoz-se o programma de manifestações diversas dos talentos humanos—musica, poesia, canto... etc., etc. Jesuino, ao tomar conta do palco para o enfeitar, teve a perspicacia de o fazer sumptuoso, mas sem nenhuma caracteristica, de modo a servir para tudo. Encheu-o de macissos de verdura, formados de muitas e variadas plantas, acrescentou flores e tropheus em arruamentos de jardim, povoados de estatuas brancas, que focos electricos illuminavam. D'uma queda d'aguas ao fundo, via-se o prateado sem se conhecer o sussurro; á direita, n'um recanto, um pedaço de telhado assignalava um pavilhão habitado por cherubins d'amor. Tão diversas coisas estavam dispostas por fórma, que muitas mais se presumiam nos brilhos pallidos de luar, nos recessos escuros de gruta, nos fragmentos estrellados de céu, que se perdiam no espaço. Quando o hymno real rompeu, os espectadores pozeram-se todos em pé. O panno subiu lento, a alma de Jesuino teve o maior contentamento de toda a sua vida, pois o sussurro que se produziu era o applauso da sua obra. Algumas palmas o chamaram. Elle veiu agradecer de casaca, a medalha de bombeiro estremecendo-lhe no peito, e dos seus olhos correram optimas lagrimas de commoção.

—Este Jesuino é indispensavel á organisação do mundo—disse Di-Conti a Galrão, que estava na platéa a seu lado.

Galrão concordou affirmando-o n'um aceno convicto de cabeça.

*

* *

A magestosa symphonia de Guilherme Tell abriu o espectaculo. Porém, nos camarotes, os ouvidos estavam mais interessados nas conversas, que os labios exprimiam n'um verbosear rapido. Havia necessidade de exprimir a turbulencia das impressões pessoaes; sorria-se por entre observações ácerca de quem estava, das *toilettes* de melhor effeito, do valor especial da formosura da cada mulher... Era uma atmosphera calida de illusões e oiro; crescia o prazer do convivio opulento, trocavam-se carinhos e perfidias na memoração de acontecimentos passados. A musica da orchestra, n'um crescente de ondas cada vez mais alterosas, abrangera o espaço n'um bramido immenso, até que se extinguiu n'um expraiar de silencio... Poetas, cantores e actrizes succediam-se uns aos outros, apparecendo ousados e sorridentes por entre a verdura e sahindo cobertos de applausos, acolitados por Jesuino e pelos creados fardados da velha marqueza, que lhes vinham entregar vistosos ramos de flores. M.me Torsi, uma das estrellas de S. Carlos n'esta epoca a findar, vinha pelo braço de seu marido, um gorducho de pernas arqueadas, que a acompanhava ao piano. Era mulher longa e magra; appareceu seguida da abundante cauda de seu vestido de gala, salpicado de brilhos de joias. Trazia na mão um papel enrolado, que ia abrindo em quanto

passeava o seu sorriso e o seu olhar lento pelos camarotes. A modo que as primeiras notas graves da sua voz de contralto, iam subindo n'uma melodia ondeante, por entre os macissos de folhas, como uma prece em gruta mysteriosa, as conversas vulgares amorteciam. O canto religioso abriu pausadamente as azas n'uma aspiração solemne, e aquella sala mundana foi durante segundos a escura abside d'uma cathedral, ambito recolhido, proprio da meditação e dos gosos puros da alma, inconciliaveis com preoccupações terrenas. A figura magra e longa de M.me Torsi, vestida de gala, com brilhos de joias, transformara-se momentaneamente na de sacerdotisa antiga, com vestidura talar de pregas molles. Porém, ao extinguir-se o canto n'um murmurio de floresta, ella, como o ambiente, retomou a sua realidade mundanal, recuando e sorrindo no meio de ovações até desapparecer por entre os pannos de folhedo, seguida de Jesuino e dos creàdos da marqueza, que lhe vieram entregar a homenagem devida á sua coadjuvação.

Mas o grande acontecimento d'esta noite memoravel seria o duetto da formosa Milani com o tenor Otilli, trecho que os tornara a ambos celebres em Paris, a cidade consagradora. Pela primeira vez se cantava em Lisboa essa famosa melodia de fragmentos d'amor do *Fausto*, cerzidos com tal arte, que o joven maestro que tivera a idéa, recebera assentimento e applausos do proprio Gounod. Principia o trecho no momento em que o potente e ardiloso Mephistó, mostra ao velho sabio a branca imagem de Margarida batida de luar, e ter-

mina, quando no jardim o galante mancebo recebe no hombro a cabeça da sua amada, finalmente rendida á paixão. Os cantores eram celebridades: Otilli, bello rapaz, alto, nervoso, peito largo, olhar firme, barba em duas pontas; Milani, franzina, esbelta, de seu natural loira, como a creação de Goethe, olhar humido e azul. Senhoril, porte de alta educação, pois a diziam nobre de nascimento, vestido côr rosa com ricas *malines* e sem cauda, na garganta de jaspe um dobrado fio de perolas. Antes de romper a orchestra, examinou com vaga curiosidade o aspecto da sala. O tenor sorria-lhe no momento em que o regente, de batuta erguida, deu signal de principiar:

«A toi, fantôme adorable et charmant!»

É o grito d'alma que rejuvenesce, a illuminação de um céu que se rasga á vontade de Mephistó, cujas promessas se realisam na kermesse:

«Ah!... la voici!... c'est elle.»

Entra a meiga e pensativa Margarida, minada de saudades de Valentim, seu irmão, que vae para a guerra. Otilli, com voz terna e carinhosa, interroga-a, oppondo-se-lhe á passagem:

«Ne permettez vous pas, ma belle demoiselle
«Qu'on vous offre le bras pour faire le chemin?»

Milani não responde logo, antes se fixa na sua dôr e

meditação. Mas depois, ergue serenamente os dois olhos formosos, e sublime de innocencia e timidez diz:

«Non monsieur! je ne suis demoiselle, ni belle,
«Et je n'ai pas besoin qu'on me donne la main.»

Atravessa a scena com passo leve como a brisa, acompanhada da orchestra, que nos violinos lhe marca uma estrada celestial. Fausto, n'um transporte de paixão e enthusiasmo, exclama:

«Par le ciel! que de grace... et quelle modestie!...
«O' belle enfant, je t'aime!»

Está-se agora no jardim de Margarida. Enche o peito de Fausto a turvação do amor. Otilli, ameigando o canto repassado de caricias e sonhos, sauda a mansão casta e pura onde vive aquella alma, que no exterior de modestia guarda tanta felicidade. Ali—ó fecunda natureza!—é que a geraste, deixando-a desenvolver em sacro bafejo, transformando pelo amor o anjo em mulher:

«Salut! demeure chaste et pure...»

Apparece Margarida enleiada em pensamentos vagos. Anda-lhe o coração inquieto, a mente cheia de formosas chimeras. Quem seria esse mancebo que lhe offerecera o braço? Quem lhe poderia dizer

«Si c'est un grand seigneur et comme il se nomme!»

Vae fiando a sua lã, os olhos e a lisa fronte occupados sempre d'essa imagem. Com uma voz de mel, sentida e suavissima, conta a historia do misero rei, que em memoria da sua amada, conserva a taça d'oiro, e que ao hauril-a em alegres festins, se lhe enchiam os olhos de lagrimas, conservando-a na mão até que dos dedos gelados pela morte, se lhe desprendeu. A tocante e magica lenda não consegue tirar da imaginação de Margarida a nobre figura, que seria, por certo, a d'um fidalgo; porque

«Les grands seigneurs ont seuls des airs si resolus.»

Divina a voz da Milani, que espiritualisara todo este trecho, dando-lhe sentimento, candura, fluidez de sonho de alma enamorada. Seguia a pobre innocente por um caminho ethereo, n'um balouço de luz. Mas o enredador Mephistó, armara seguro laço, deixando-lhe na estrada que seus pequeninos pés teriam de percorrer um cofre mysterioso. Que teria? Deus! são joias e joias como os seus olhos nunca tinham visto, nem a mente imaginado! Enfeita-se pondo os brincos, ageitando no pescoço as perolas, no bem torneado braço enfiando o bracelete!... Oh! maravilha! como as joias lhe realçam a belleza! Desconhece-se:

«Est-ce toi Marguerite?»

Quem o diria!... Não, não é! Antes, o tentador espelho parece mostrar-lhe a filha d'um monarcha, que

todos saudassem na passagem. Oh! se o bello mancebo agora a encontrasse, quanto a acharia mais formosa ?!... Assim elle apparecesse... E apparece...

Segue o famoso dialogo d'amor, que a orchestra commenta com reflexões do sarcastico e inventivo Mephistó e da velha Martha. Exulta e estremece o coração de Margarida! Só com o contemplar de tão peregrina formosura, a febre dos sentidos de Fausto se acalma. Como ella de perturbada procurasse desenfeitar-se das joias que tanto lhe realçam a belleza angelica, o namorado pergunta-lhe o motivo —«Porque lhe não pertencem» —responde... O crepusculo é cheio de silencio e mysterio; do céu desce a sombra protectora dos amantes. Fausto ousa:

«Prenez mon bras un moment»

Margarida defende a sua castidade:

«Laissez!... Je vous en conjure! ..»

Mas que remedio, o coração manda, e o coração de uma rapariga é louco. Lá vão os dois sumir-se na espessa verdura do bosque, em quanto os contrabaixos e os metaes commentam, n'um canto resumido, esta primeira cedencia. Voltam breve: Margarida já mais familiarisada, conta a historia da sua vida singela. Bem ella o dizia: só os grandes senhores são tão resolutos.

Fausto, passados instantes, tracta-a como namorada de muitos annos: gaba-lhe a formosura, já lhe dá um doce tu. Não o devia ella escutar... mas escuta, posto que presentisse o seu erro.

A voz do tenor Otilli excede agora a da Milani na expressão d'amor. Eleva-se n'um canto largo, que chega aos confins do céu. «Não foi Deus que permittiu que se encontrassem? — diz. Pueris receios os d'ella. Que o escute, fala-lhe um coração de amante...

Porém a noite vae cahindo como um véu sobre estes namorados. Margarida ainda quer resistir, mas abandona por fim o seu desfallecido braço. Quer elle estreital-a contra o seio, quando ella ainda tenta fugir. Persegue-a e acceso em labaredas d'amor clama:

Marguerite!...

Appello que se não perde, porque a reencontra.

O' noite! protege-os com a tua mysteriosa sombra — evoca a orchestra representando Mephistó. O' doce amor! fecha aos remorsos a alma de Margarida. O' flores de subtis perfumes! desabrochae, envenenae-a para melhor lhe perturbar o coração. Vença a imposição d'aquella mão infernal, que em si tem os gosos do peccado e da riquesa!...

Chega-se á maior intensidade do sentimento. A voz da Milani arqueia-se em curvas d'uma suavidade incomparavel; os olhos da Milani brilham n'um fogo de paixão; a formosura da Milani enobrece o canto terno e arrebatado. O tenor acompanha-a n'um crescendo de

enthusiasmo por tanta belleza! Vibram unisonas aquellas mentes em sublime exaltação. «Deixa-me contemplar á luz da pallida lua o teu formoso rosto, Margarida!» — «O' silencio! ó felicidade! ó ineffavel mysterio!»—clama a rola receiosa, que escuta e comprehende a voz eloquente d'aquelle coração. Consulta ainda as brancas folhas d'um malmequer, que lhe confirmam o proprio sentir na sua linguagem fatidica. Acredita, crê donzella, no celeste augurio! Fausto ama-te, e sabes o que é o amor?

....

«Une ardeur toujours nouvelle!...
«Nous enivrer sans fin d'une joie éternelle!...»

E n'este arrebatamento d'alma a voz do tenor Otilli levanta um grito sublime á gloria do céu, ao infinito prazer do seu peito, á felicidade dos dois corações:

«O' nuit d'amour!... ciel radieux!
«O' douces flammes!...
«Le bonheur silencieux
«Verse les cieux
«Dans nos deux ames!...»

Que fale, que a tenha apertada contra o seio, pois que o adora e lhe pertence, e por elle deseja morrer. O transporte da calorosa Milani sente-se n'este trecho cheio de vigor e meiguice. A sua ideal formosura sublima o canto. Alma sensivel, perturba-a tamanha felicidade, e mais uma vez deseja fugir ao seu encantador:

«Partez! oui, partez vite!
. . . .
«Ne brisez pas le cour
«De Marguerite!»

A pureza e a força da innocencia vencem Fausto; amortece-se-lhe o fulgor da sensibilidade. Amar-se-hão no dia seguinte, desde que rompa a aurora. Então será para sempre, para a eternidade dos deleites. Adeus!... Corre Margarida a encerrar-se na modesta habitação, mas não tarda que não venha á janella contar ás estrellas os seus amores, n'uma confidencia sentida e terna. Fausto escuta-a de entre a espessura dos arvoredos, onde o detivera o sagaz e travesso Mephistó.

O que irão descobrir de inspiração sublime, n'esta noite silenciosa, os olhos azues e a voz interpetrativa da Milani?! A lua é pallida, as estrellas brilham n'um firmamento de velludo. A alma de Margarida, como a alma perfumada d'um branco lyrio, abre-se gradualmente. Revela á noite a sua mente candida, por se julgar só com os mysterios da solidão. É amada, conhece-o no canto das aves, no murmurar da brisa, na voz concordante de toda a natureza. Amada! É doce viver, enebria-a o ar, cobre-a de sorrisos o céu. Será ámanhã?!...

«...,— Ah! presse ton retour,
«Cher bien-aimé!... viens!...

Corre o namorado a abraçal-a triumphante. Estreitam-se os dois corpos, antecipando o desejado momento. Tudo consummado!... Na orchestra que fecha o idy-

lio n'uma glorificação de coros d'anjos, a nota revolta é o riso de Mephistó, rompendo de entre os macissos de verdura.

Ao agonisar o canto victorioso do amor, a vencida Rosal e a innocente Kate, que estavam com a Souzel, tinham os olhos rutilantes de lagrimas. A alma virgem de Margarida era Kate, a doente flor da paixão a Rosal.

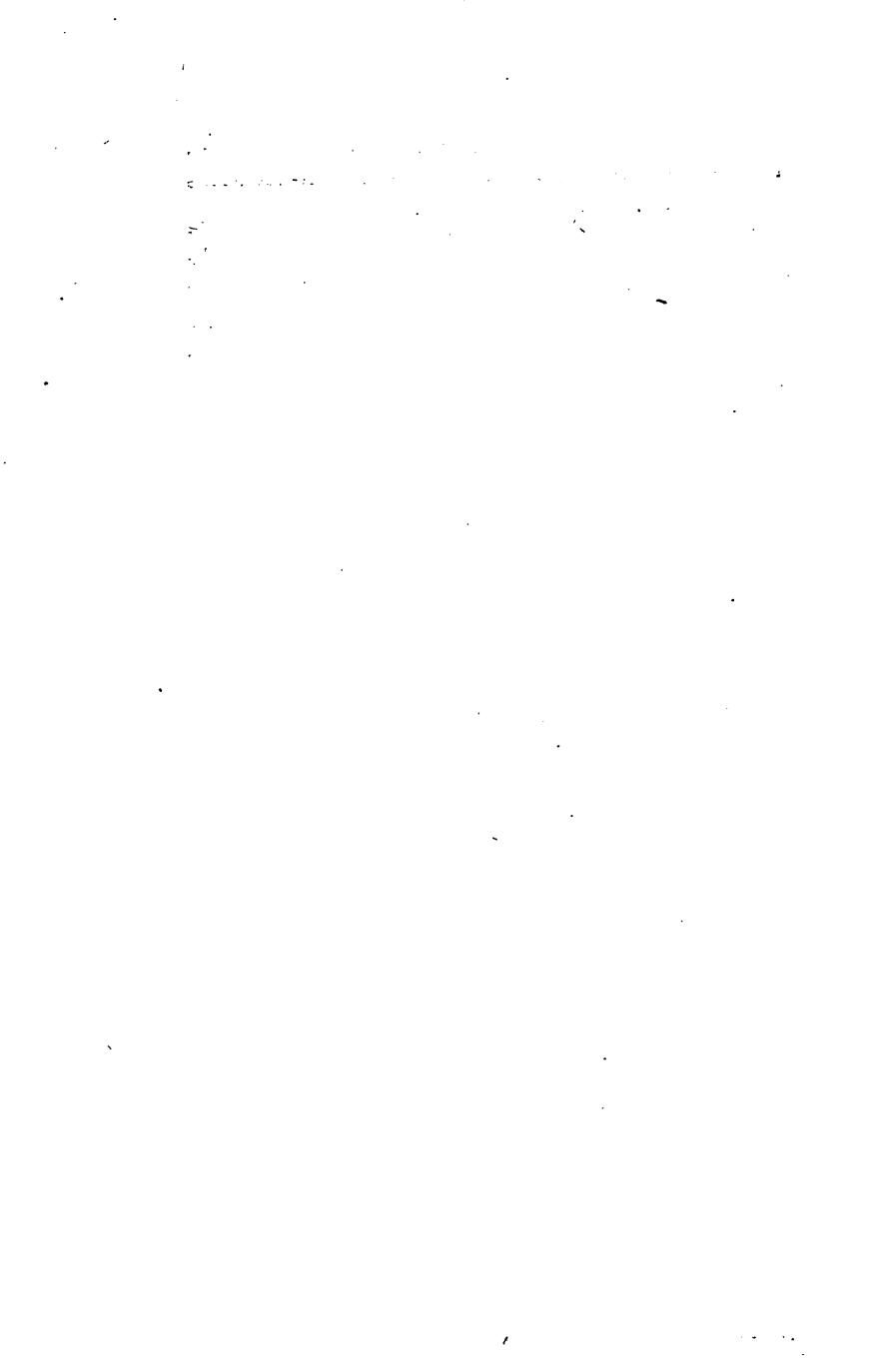
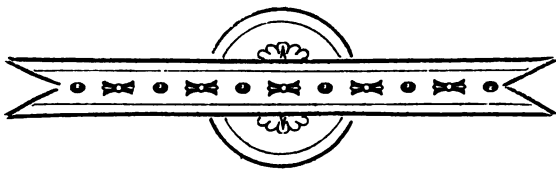
— Tu choras, Kate? — disse a Rosal.

— Choro. E' tão lindo!...

— Mas tu tambem choras, Gabriella! — observou a Souzel.

— Choro... É tão triste!...

A calida atmosphera do ambiente estava impregnada de todos os sentimentos de victoria e desfallecimento d'aquelle sublime canto d'amor. Voavam doidas as pombas brancas dos desejos; rompia por entre penedias negras de montanhas a luz enebriante d'uma aurora em fogo. A alma geradora da ventura sentia-se anciosa, como o palpitar da harmonia, n'este canto repassado de todas as promessas, que escondem des-

enganos. As imaginações inexperientes aventuravam-se pelos céus do seu idéal, as desenganadas sorriam tristes á sombra roixa da egreja, onde a amante de Fausto iria cahir exhausta de forças, sob o canto atrevido e cynico de Mephistofles. Como a vida do coração é enganosa... ó Margarida!...

XII

DIALOGOS

Ao mesmo tempo que se rematava a serie de espectaculos, com os quaes Lisboa se divertira durante dois annos e se opulentou o cofre dos desvalidos, organisava-se administrativamente a caridade. Iam chegando mais subscripções colhidas em differentes pontos, entravam mais socios para a *Esmola*, promoviam-se e esperavam-se doações em vida e por testamento. Tudo isto necessitava de uma secretaria, livros onde se lançassem contas, estantes e um cofre de ferro onde se guardassem esses livros e mais papelada. Admittiram-se novos empregados. Como as senhoras da grande commissão tivessem numerosos protegidos, alargou-se o quadro alem do necessario. Por isso se resolveu que a florescente associação tivesse casa propria. A' porta do palacio da ve-

lha marqueza tambem se não podiam aturar os mendigos, que frequentemente ali faziam desordens, á compita de qual seria mais doente, mais desgraçado e mais digno de esmola. Vinham, uns entregar petições que o porteiro recebia ás centenas todos os dias, outros saber resposta das já entregues, outros solicitar de viva voz que os soccorressem. Como nem o porteiro, nem Jesuino muitas vezes tivessem resposta que lhes dar, murmuravam palavras desagradaveis, o que irritava o secretario da *Esmola*, que se ia queixar á presidenta:

— Não se podem soffrer, senhora marqueza. São malcreados e atrevidos. Já me tem insultado, e ando receioso de qualquer desfeita, d'uma navalhada, por exemplo. Alguns d'esses mariolas são novos e sadios, outros tem caras de facinoras, outros são viciosos e borrachos. Muitos conheço eu de os vêr n'essas ruas de noite a fazerem desordens.

—Jesuino, é necessario ter paciencia—aconselhava a fidalga. São mais desgraçados do que viciosos, estou certa. Leve-os com maneiras, que deixem o requerimento, a todos ha de chegar a sua vez...

— Maneiras... maneiras... tenho eu, minha senhora, mas elles é que são insolentes. Queria que os visse e ouvisse. Um tratante hontem — não sei como lhe deixei inteira a cabeça! — por eu lhe dizer que ainda era robusto e podia trabalhar, respondeu que afinal o dinheiro dos pobres era para eu comer! Ora veja a senhora marqueza, se não merecia com uma tranca!...

A fidalga sorriu á indignação transbordante de Je-

suino, que figurava no ar gestos de bater em alguem. E procurou acalmal-o com a sua palavra auctorisada e prudente:

— Não vê que é a miseria a falar? Que dias de fome e que noites de frio não terá soffrido esse desgraçado? É ignorante, não sabe melhor exprimir as suas dôres. Disse-lhe boas palavras?

— Eu! Se me não atirei a elle, é que tive medo das muletas a que se encostava, pois era um barbaças agigantado, e decerto tinha as pernas tão sãos como eu.

— Para que pensa assim mal dos outros, Jesuino? Fazia-lhe melhor coração. Vinha o homem agora fingir de aleijado?...

— É que os não conhece, minha senhora; é que os não tem visto.

— Se não fosse pobre não pedia esmola. Deve custar muito estender a mão á caridade.

Jesuino sorriu com acrimonia:

— Até se divertem... Canalhas! Se lhes offerecem trabalho, aos que não são cegos nem aleijados, dizem que isso é bom para os animaes. Antes querem a fome do que fazer qualquer serviço. Canalhas!...

A conversa interessava a velha marqueza; Jesuino mostrava convicção no dizer.

— Parece-me exagerar... Haverá alguem que podendo trabalhar e offerecendo-se-lhe que fazer em troca de comida e agasalho, prefira a esmola?!...

O interrogado respondeu com vehemencia:

— Todos esses que ahi vem! Vosselencia, minha senhora, tem sempre vivido no seu palacio e na côrte!...

Eu tive pena, uma vez, d'um pedinte e convidei-o a ser meu creado; porque me pareceu geitoso e era ainda um rapaz. Acceitou: vesti-o, fartei-o, e ao fim d'um mez ninguem cabia com elle em casa. A comida já não prestava e o ordenado uma ridicularia. Despedi-o. Anda outra vez esmolando, e se me vê deita-me o olhar do meu maior inimigo. Uma noite que me encontre n'uma rua afastada, estou convencido que me esgana; porque tem força para isso.

— Esse é um doido.

— Será doido, será, e eu se podesse punha-lhe uma camisa de forças para não fazer mal.

— A fome é má conselheira; muito tempo supportada, affirmam os medicos que póde gerar a loucura.

— Em Lisboa, haverá gente com fome; mas não são esses que nós vêmos pela rua, minha senhora. Um que pede no Rocio, dizem que janta todos os dias n'um restaurante da Mouraria, com licôr e café. Ha pouco tempo morreu na Graça outro, que deixou dois contos de réis em boas libras na enxerga.

— Um caso de vicio e um de avareza. Ninguem será mendigo por prazer, creia, Jesuino.

— Qual! Um modo de vida como qualquer outro. Na minha terra havia uma fabrica de cegos e aleijados, que depois eram vendidos para andarem com elles a pedir pelas feiras e em Lisboa.

— Que horror! Não diga d'esses horrores, Jesuino, que até me faz doente o ouvil-o! Póde ser verdadeira uma coisa d'essas?!... O Jesuino não viu tal abominação. Viu?...

— Não, minha senhora, porque sahi de lá muito pequeno; mas estou farto de o ouvir contar. E não me admira; n'este mundo encontra-se malandrice de toda a especie. A senhora marqueza tem sempre vivido no seu palacio e na côrte...

— Pois sim; mas comprehendo que se não seja cego ou aleijado por calculo e por officio. Se tal pensassemos, não lançariamos a base d'esta instituição. A nossa *Esmola* dará conforto aos irremediavelmente infelizes, será lição e ajuda para os que se poderem regenerar. Precisamos levantar a alma dos miseraveis e acabar no mundo com os inimigos, que nos podem vir pelo caminho da desgraça.

Jesuino riu com mais vivacidade:

— Mas é que não acabam! Então porque é que esse mariola a quem eu fiz bem, vestindo-o e matando-lhe a fome, me deita olhos de odio, quando me vê? Uns tratantes, uns mariolas, uns malvados, senhora marqueza. Desculpe vosselencia em lhe falar com tanta liberdade; mas a confiança que me tem dado... Ás ordens da fidalga. Tenho falado de mais; vou-me ao serviço...

— Vá, mas não trate mal os que entregarem petições ou requerimentos, e dos que pedirem de viva voz mande tomar o nome. Precisamos distribuir soccorros domiciliarios, conhecer onde mora a desgraça. Os priores das freguezias e a policia já prometteram ajudar-nos n'esta crusada de consolação.

— E em quanto a mudança de casa? Aqui não se póde continuar. É pouca a sala para os empregados,

e os serviços estão a crescer. Depois, este espectaculo de malandragem todos os dias á porta do palacio, não me parece bem. Se vosselencia ouvisse as palavras que elles dizem ahi na rua!...

— Se a casa é pequena, póde-se mudar para alguma das nossas que esteja com escriptos. Fale ao guarda livros e a João Theodoro. Será o meu presente á *Esmola*. E tenha dobrada paciencia, Jesuino, torne sympathica a nossa obra!...

*

* *

N'um predio de aspecto antigo, no socegado bairro de S. Vicente, dando para um largo, é que se fizeram as installações da já considerada associação de caridade. O intelligente e activo Jesuino, em cada um dos bojos das seis janellas de sacada, collocou uma das seis lettras doiradas de meio metro, que andaram nas fachadas dos edificios, onde se realisaram espectaculos a favor da *Esmola*. Entrava-se para esta casa, por um portão verde, aberto n'um muro branco, que dava ingresso de carruagem a um pateo interior, ao fundo do qual havia um jardim com pimenteiras.

N'um soalheiro e amoroso dia de outono, no largo em frente do predio, espalhava-se pelas portadas visinhas e recantos uma multidão andrajosa. No mais numeroso grupo attendia-se com interesse ao que dizia

certo homem espadaudo e alto, barba longa e esqualida, que falava encostado a duas muletas. Talvez o mesmo de quem o verboso Jesuino se queixara á velha marqueza e de quem se mostrara apprehensivo.

— Pois de quem — insistia com animação — é todo esse dinheiro (muitos e muitos contos de réis, entendeis?) que se guarda n'essas caixas!? Da pobreza, está bem visto. E quem é a pobreza? Somos nós, e não é elle (Jesuino).

— Já se sabe — applaudia um somnolento, que ao lado, encostado á parede, chupava um charuto.

— Então para que vem elle — continuava o das muletas — dizer que é preciso listas, que ainda não estão feitas as listas, porque torna, porque deixa, que as esmolas se hão de distribuir por listas. Se o dinheiro é da pobreza e se a pobreza somos nós, que o deiam para cá. Para o receber não precisamos de listas.

— Já se sabe — repetiu o que chupava o charuto.

Porém, um velhinho de physionomia suave e doce, maneiras delicadas e timido na voz e no gesto, considerou:

— Assim é; mas elles precisam saber a quem dão o dinheiro, a quem o distribuem.

— A quem o dão? a quem o distribuem?! — argumentou o das muletas com mais sobrecenho. A nós que somos uns miserables. Então é necessario que venha o prior, o regedor, a policia e o diabo, dizer que eu sou um miserable? Já me viram de carruage e em bailicos? A minha carruage são estas — e mostrava as muletas no ar, ficando encostado ao muro.

O gesto e a ironia dispertaram riso e assentimento. O da ponta de charuto, disse entre duas chupadellas:

—Já se sabe. Se mettem n'isto policias, boa vae ella!...

—Não temos esmola e vamos para o chilindró— disse o Esteves, o que fôra creado de Jesuino. Hão de ser coisas d'esse má-rez que lá está dentro.

—O tal senhor Jesuino—chacoteou o aleijado. O que fala nas listas e quer que os que não tem pernas trabalhem. Quem um dia esteve para lhe trabalhar no toutiço era esta...

E de novo floreou uma das muletas no meio das risadas dos assistentes.

—Santa muleta se lhe rachasse a pinha de meio a meio—applaudia o Esteves com sanha. Conheço-o. Servi-o. Cuida que somos negros ou cavallos de carroça...

—Seja culpa d'elle, ou seja dos outros, o que sei é que não podemos gastar aqui todo o santo dia. Se o tio Lucas (o velhinho magro e delicado) está para isso, eu não estou—disse um maneta, rapaz novo e saudavel.

—Ninguem está—corroborou o barbaças.

—Já se sabe—approvou o do charuto.

Um que dormitava na soleira d'uma porta confirma:

—Isto de perder tempo e passos é o demonio. Com esta é a terceira vez que aqui venho e nada...

—Ainda a si não lhe faz o mesmo transtorno qu'a mim, que venho de Belem e deixei lá os pequenos fechados e a berrar com fome—lamentou-se uma mu-

lher muito magra, coberta com um chaile esburacado. Se não levo nada hoje, que hade ser de mim?!...

— Transtorno faz a todos, que temos as nossas vidas — insistiu o das muletas. Isto não póde continuar. Que nos deiam o que é nosso, ou então chinfrim!

— Já se sabe, chinfrim! — applaudiu o do charuto.

— Chinfrim! E a policia? — disse na sua voz triste a mulher de Belem, com pouca fé na efficacia do meio.

— Não que a policia hade bater em quem tem fome! — exclamou o maneta. Já tu (voltou-se resoluto para o Esteves) vieste com o chilindró. Era o que faltava, que nos prendessem por pedirmos o que é nosso.

— Já se sabe que não prendem — concordou o do charuto, bambaleando a cabeça como um alcoolico.

— Espera-lhe pela volta. Conheço o melro. É capaz de pedir cavallaria — disse o Esteves contra Jesuino.

O velhinho de physionomia composta e maneiras delicadas, interveiu:

— Qual coisa, homem, não fales assim. A gente deve mostrar prudencia. Muito tem feito estas senhoras em nos arranjar um bocado de pão. Podiam não se importar comnosco e andarem só nos bailes e divertimentos.

O espadaudo, de physionomia dura, barba longa e esqualida, bateu com uma das muletas no chão, affirmando:

— Não que ellas não tiveram a sua pandega rasgada!... Pensa você, seu Lucas, que não leio os jornaes? Sempre me sahiu um tanso! Eu lá estava a pedir

á porta das casas onde havia as festas para nós; e via-os entrar todos cheios de basofia.

—Bem pregada! Ahi é que era pilhal-os—disse o maneta. Não tive eu essa lembrança!...

—Vós, parece que viveis na lua! Pois ahi lhes pilhei bem boas esmolas. Não sabeis nada, não lêdes jornaes!... —chacoteou o das muletas.

—Já se sabe, são uns burros—concordou o do charuto, bambaleando a cabeça e chupando com mais força.

Um velho magro e alto, aspecto de philosopho raciocinador, que até ahi escutara silencioso os companheiros, fez-se ouvir:

—Você, amigo Lucas, alguma razão teve no que disse. Sim, esta gente podia ter a sua pandega, sem se lembrar da pobreza. Mas fizeram bem, n'isso que fizeram?

A pergunta era enredadora. Todos os do grupo se entreolharam, por não attingirem o alcance da questão proposta.

—É claro que fizeram muito bem—respondeu o velho Lucas na sua vozinha debil, mas cheia de agradecimento e convicção.

—Pois entendo que fizeram muito mal—affirmou o philosopho, enterrando salientemente as mãos no bolso e fazendo uma pirueta sobre um calcanhar.

—Essa agora!—exclamaram todos.

Até o espadaudo das muletas e o finorio maneta ficaram aturdidos com a opinião do philosopho. O primeiro perguntou com a sua voz auctoritaria:

— Em que diabo fizeram mal tirando o dinheiro aos ricos, para o dar aos pobres, ó senhor Cosme?

— N'uma coisa muito simples — explicou o arguto Cosme. Não lhes tem acontecido a todos, nos ultimos tempos, render menos o peditorio por essas ruas?

N'aquelles cerebros obscurecidos houve subita luz! Deslumbrados com a profundeza da observação, olharam-se sorrindo, e declararam unisonos:

— Isso tem!...

Cada um especificou:

— A mim tem!

— Eu... uma desgraça!...

— Então eu?

O barbaças affirmou com a sua cara energica:

— Apesar das muletas, dias ha que não bebo meio litro.

O Esteves queixou-se:

— Para cigarros ando a apanhar as pontas de charuto e pico-as.

— Este que aqui tenho, custou-me um vintem; mas é um quebra-queixos!... Valem mais as pontas dos fidalgos — disse o que chupava.

— Hontem, aquella maldita rua do Alecrim, pouco mais deu do que para um café de lepes...

O philosopho, triumphante pela sua perspicacia, sorria no meio d'este coro de lamentos. Enterrou com mais força as mãos nos bolsos, e dando á cabeça e a todo o corpo um movimento lateral, designou a séde da *Esmola*:

— Pois a causa... está ali!

— Já se sabe — applaudiu o que puchava successivas fumaças.

O barbaças de physionomia dura, firmando-se bem nas muletas, estendeu a mão ao philosopho, consagrando-lhe o merecimento da descoberta:

— Toque, seu Cosme! Você é homem de cabeça! O que se tem feito é uma pouca vergonha... Entendeis, gentes?!...

— Ai, filhos! — disse a mulher de Belem. Assim será; mas se me déssem hoje um tostãosinho para comprar pão para as creanças, resava por todos elles.

— O' senhora — disse o Esteves com despreso — você contenta-se com pouco. Seja grande no pedir, ao menos. Dez tostões, dois mil réis... vá! Agora um tostãosinho! O que é um tostãosinho, para quem arrecadou tanta somma de contos de réis! Esse dinheiro que o tratante, o malandro do meu patrão tem arrecadado nos cofres, é nosso, entendeu?

— Já se sabe! — confirmou o das fumaças, tirando uma difficil, mas substancial.

Então o Cosme, com a auctoridade de todo o homem, que n'um dado momento antecede os seus semelhantes no descobrimento d'uma verdade, fez-se ouvir para melhor explicar o seu pensamento:

— É certo que ha muita gente de longe, d'esse Brazil, d'esse Porto e mais mundo, a quem não podemos pedir, e mandaram dinheiro para a pobreza de Lisboa. Esses sim; esse dinheiro foi bem apanhado!... Mas a gente de cá, os que nos soccorrem todos os dias, aquelles de quem tiramos o sustento, depois das taes

festas, quando se lhes estende a mão, dizem logo: «Olhe, vá á *Esmola*, que eu para lá dei bastante!» Daria, ou não daria; mas que désse uma libra, que désse duas libras! Nunca mais ha de dar nada á pobreza? N'esse caso a pobreza fica prejudicada; porque os desreisinhos diarios na roda do anno e na roda de muitos annos, sempre deitam a mais.

Senhor da consideração do auditorio, o philosopho enterrou com mais força ainda, as mãos nos bolsos, e apresentando deante de todos a sua cara arguta, perguntou:

— Não é isto assim?!...

— Já se sabe! — applaudiu com energia o do charuto quebra-queixos.

O espadaudo barbaças das muletas, imprimindo caracter ao espirito de revolta em todos latente, exclamou:

— Se é assim! Mais do que assim! Você, seu Cosme, merecia uma estatula como a do Terreiro do Paço! Porque não disse todas essas coisas, aqui ha tempos atraz?! A gente juntava-se e pedia que não houvesse tantas festas.

— Que afinal só serviram para elles se divertirem e para esse senhor, meu amo, fazer figura e se abotoar, o besta!... — resmungou o Esteves.

O velho Lucas, com a sua vozinha sumida e modesta, entendeu corajosamente:

— Podia lá ser! Então os pobrés é que haviam de dizer, que não queriam que pedissem dinheiro aos ricos, para lhes dar a elles?!...

— Haviam, sim senhor; porque não? — cresceu violento o das muletas. Então não ouviu o que disse o Cosme? Você parece que está feito com elles. Talvez fosse creado de algum fidalgo!...

— E fui! Se não fosse a minha má cabeça, ainda hoje lá estava!... — confessou tristonho.

— Gabo-lhe o gosto. Eu nem por um milhão! — affirmou o Esteves.

Cosme, o philosopho, escutara o que disse o Lucas. Aquella vozinha delicada, o olhar mortiço que de repente se avivara com alguma lembrança querida, a saudade que ia na brandura da sua expressão ao recordar o passado, interessaram-no... Acercando-se d'elle, disse-lhe n'um tom meio confidente:

— Talvez coisa de mulher... alguns amores infelizes... Ellas são o diabo, tio Lucas...

Transfigurou-se instantaneamente o rosto miudinho do velho. Havia um coração n'aquelle corpo mirrado, coberto por um fraque de homem mais alto e mais gordo. Encarando docemente aquelle que o inquerira, confessou:

— É verdade, foi isso. Uma mulher é que me tirou o juizo.

— Então — continuou o philosopho — nem jogo, nem piellas, nem pouco amor ao trabalho, o lançou n'esta vida?

— Nada d'isso, um diabo d'uma mulher... (ao pronunciar a palavra diabo, o rosto soffreu-lhe uma contracção dolorosa, tinha a bocca a escaldar e mordeu de raiva a lingua)... d'uma companheira. Ella fez a minha

desgraça e eu fiz a sua. Um caso muito triste — suspirou com uma lagrima a luzir-lhe no canto do olho.

— Com seis centos!... E era ao menos bonita?

— Formosissima! Formosissima! — exclamou Lucas n'um transporte triumphal. Conheci muitas fidalgas, bellas, bellas; mas como a minha Carolina!... Nunca vi cara mais linda!...

Os rostos de todos os mendigos que estavam n'aquelle grupo se uniram n'uma curiosidade deleitosa, pois lhes parecia que o velhinho ia falar mais. Cada um com a expressão particular da sua physionomia o escutava attento, mostrando-se reverentes áquella dôr evocada com tanta sensibilidade. Lucas tinha nos olhos o brilho de lagrimas e na voz commoção para todos os corações, mesmo para estes endurecidos pela desventura. Até o maneta, que parecera rude no sentir e violento de caracter, se apiedou e lhe pediu:

— Ora conte lá, senhor Lucas.

— Mas que vos importa a minha vida?! — disse, querendo afastar para longe a rememoração que o attrahia.

Ninguem mais insistiu. O das muletas puchava pela barba esqualida; a mulher de Belem e outra que se tinha approximado, aconchegaram-se nos seus rotos chales, olhando para o chão; o do charuto atirou-o fóra, n'um gesto de enfado e de impotencia pelo não poder acabar; o Esteves conservou-se bronco; o philosopho, que provocara a sensibilidade do velho Lucas, passeava perto com as mãos enterradas nos bolsos.

— Esta casa (continuou o velhinho, alludindo áquella

em que estava a *Esmola*) conhece bem toda a minha historia! Ah! que se as paredes falassem! A Carolina era afilhada da senhora marqueza, e veiu para aqui com uma sobrinha da fidalga, que se casou com o senhor D. João Minde, meu patrão. Fôra educada lá no palacio, era o ai-Jesus da menina, que a trouxe como sua aia. Não nos conheciamos antes; mas quando nos juntamos, não se passaram muitas semanas, que eu me não tomasse d'uma paixão pela rapariga, que parecia rebentar. Eu não dormia, eu não comia, o meu peito e a minha cabeça andavam mais quentes que um forno de cozer pão! Estava doido, lembrei-me de fugir, de me matar...

—Porque ella, nada!...—commentou o philosopho...

— Nada o que?—irrompeu caloroso. Apaixonou-se por mim, apaixonou! Pensa que fui sempre o que sou agora?!... Pouco passo dos quarenta annos. É das ralações.

Faiscaram-lhe as pupillas com paixão logo amortecida na amalgama das idéas amoraveis, de que tinha o cerebro cheio. O semblante retomou-lhe o parecer suave de resignação, de conformidade que era o seu ordinario. E lentamente, como tomando as palavras ao acaso, continuou apalpando o caminho da sua propria historia:

—Foi n'uma noite de natal. Os patrões tinham ido para a missa da Sé, e quando voltaram já não estavamos em casa, tinhamos fugido. Noite de tanta chuva e vento nunca mais verei, mil annos que eu viva! Carolina era menor, a policia procurou-nos por toda a par-

te, não nos encontrou, e nós estavamos aqui bem perto, ás Escolas Geraes. Casar não casamos, e para que servia isso? Ella era uma rapariga mimosa, educada como uma senhora, sempre lá no *toilette* da fidalga e da sobrinha. Eu um simples creado de meza, não prestava para outra coisa. Servi, andei por fóra, mas ninguem me queria, por eu ter casa onde fosse dormir. Pedimos perdão para voltarmos ambos casados para aqui; mas não nos perdoaram e nem nos responderam. Passamos fome, Carolina morreu de parto, por falta de medico e parteira, assistindo-lhe uma visinha, sem eu estar em casa. Moravamos então em Belem; porque eu servia no restaurante das caldeiradas. Conhecem vocês? Come-se bem, vão por lá muitos pandegos de Lisboa. Eu atirei-me ao Tejo com idéa de morrer; mas uns homens d'um bote salvaram-me. Malditos sejam elles! Porque me não deixaram acabar?! Estava tudo esquecido, já não lembrava cá n'este mundo! D'ahi em deante nunca mais tive socego, não encontrei mais logar em que parasse. Parece que me tinham mudado a alma. Arranjei casas particulares e restaurantes bons e maus onde servi; mas sempre por pouco tempo. Despediam-me sem eu saber porquê. Não fazia bem o serviço... é que me tinham mudado a alma. Passei fome, muita fome. Dormi em cocheiras, debaixo da Arcada, nos bancos do Rocio, no governo civil, quando havia rusgas da policia. Porque me não matei então? Ha tantas maneiras de morrer, quando a gente quer!.. É que me tinham mudado a alma, que eu sempre fui rapaz timbroso e até de prestimo. Velho

não sou. Vós cuidaes que sou, mas não sou, pareço. É do soffrimento, da fome, do frio, de não ter casa. Carolina morreu, era linda como os amores, enterrou-se, e eu ando por essas ruas. Não sei mais nada. Quiz servir, arranjava casas, despediam-me sem eu saber porquê... Não fazia bem as coisas, tinham-me mudado a alma, eu d'antes era um rapaz de geito. Agora... só a morte! — rematou com um encolher d'hombros, um aceno ligeiro, um fugaz lampejo de pupilla, que tudo dizia abandono.

— E a creança? — perguntou uma das mulheres que escutavam.

— A creança? Ah! sim!... A Carolina morreu de parto, morreu com ella o filho...

Todos os ouvintes do Lucas se conservaram em tristeza bronca, em quanto elle narrava a sua historia. Cosme, o philosopho, enterrara salientemente as mãos nos bolsos, fixando a vista no chão; o das muletas arrepanhava a barba longa; o do charuto tomou do chão a ponta, despresada em momento de impaciencia, e chupava-a, sem a accender; o maneta esfregava o seio com o coto; o Esteves fitava olhos violentos na parede da casa onde mandava Jesuino; a mulher de Belem chorava; a outra ciciava resas. Estas acanhadas imaginações destacavam-se em sentidos funestos, seguindo cada uma a historia das suas infelicidades, luzeiro para um abysmo escuro, o do seu destino.

— E é para isto que um homem vem cá a este mundo! Cebolorio!... — disse, batendo fortemente com uma muleta no chão, o barbaças.

*
* *

N'este momento houve um reboliço e um levante entre todos os mendigos que enchiam o largo. Os coxos coxeavam com ancia; os cegos, encostados ao hombro dos seus guias, davam largas passadas com os rostos voltados para a luz; os de muletas imprimiam ao tronco salientes movimentos de vae-vem; os que se arrastavam na terra iam soffregos, vendo que não chegavam a vencer o espaço com sufficiente celeridade; os que tinham aleijões só nos braços, corriam; os que não tinham aleijões nenhuns e que ainda eram robustos, venciam ás cotovelladas os velhos e os fracos... Todos se apressavam para entrar pelo portão verde, que se abrira totalmente para lhes dar ingresso no largo pateo do palacio, onde estava a *Esmola*. Dois policias, um de cada lado, regularisavam o movimento, recommendando cordura, pois havia logar para todos, que seriam mais de tresentos. Quando já não estava ninguem cá fóra, a larga porta fechou-se com estrondo e a uma varanda, ampla e com balaustres de pedra, appareceu Jesuino, que tomou o aspecto de homem que ia falar, apoiando as duas mãos polpudas sobre o parapeito. E pronunciou com o seu rosto apopletico, mas em voz clara:

— Para arrumarmos com esta pouca vergonha, de estarem sempre aqui a encher o largo, a senhora marqueza, nossa nobre presidenta, mandou dar a cada um

dois tostões! Mas isto — fique-se entendendo bem! — é só para arrumarmos com esta pouca vergonha de cercarem a casa, de encherem o largo, e de estarem para ahi a dizer asneiras e obscenidades. D'aqui para o futuro estamos resolvidos a dar a esmola só áquelles que d'ella precisem, que se mostrem dignos d'ella, e que provem ser verdadeiros necessitados.

— Ah! nós somos ricos, basta olhar — disse uma voz sahida de entre os mendigos.

Jesuino mediu o conjuncto com a pupilla severa, apoiando-se mais sobre as mãos e inclinando o tronco. E disse ameaçador e pausado:

— Não sei se são ricos, se são o diabo que os leve a todos. Sei que anda por essas ruas muito malandro, muito vicioso, que póde trabalhar e não quer, e tira a esmola aos verdadeiros necessitados. Os soccorros hão de ser dados a quem d'elles precisa, e só a esses. São estas as idéas da commissão. Não é só chegar aqui, receber dois tostões e ir gastal-os em vinho na taberna mais proxima. Ha muita pobreza envergonhada...

— Quem tem vergonha de ser pobre, que seja rico. Ninguem é obrigado a ser pobre.

D'esta vez falava Cosme, o philosopho. Jesuino, apesar de o procurar com o olho colerico, não o separou. Após um silencio indagativo, disse:

— Eu só queria conhecer o sabio que me interrompeu. Queria-o conhecer; porque em vez de dois tostões, mandava-lhe dar duas lambadas com um marmeleiro.

— Ahi! valente! Com elle merecias tu!

O auctor d'esta ameaça fôra o Esteves, que tinha sido creado de Jesuino. Para não ser reconhecido, agachara-se entre os companheiros; porém o antigo amo teve longes desconfianças de conhecer aquella voz, e ficou um tanto livido. Com a palavra mais presa e menos resoluta, pronunciou:

— Então a coisa vae assim? Não vêem que estão ahi dois policias e que se mandam vir cem, se fôr necessario!? Acabemos com isto. Vão sahindo, recebam a esmola que a caridade da senhora marqueza mandou distribuir, e com ella se emborrachem se quizerem.

— Já se sabe — disse o do charuto.

— Pois sim, já se sabe — continuou Jesuino — mas não me appareçam cá mais, que então mando vir para ahi cavallaria da guarda municipal, e distribue-se peixe espada com fartura. Então é que tereis um regalorio de comida!... Não puxem muito por mim, não me façam chegar a mostarda ao nariz! Os que forem verdadeiramente necessitados, mettam requerimento ou deixem nomes e moradas, para lá se ir saber se é verdade.

— E quem não tiver morada, que durma debaixo da Arcada, ou n'um banco do Rocio? — objectou o philosopho.

— Esses que vão... para o diabo que os ature, que eu já estou farto. Saiam, recebam a esmola, e se voltarem a fazer arruaças, terão o que precisam, peixe espada, seus canalhas. Seus canalhas! — repetiu com furia.

— Não vale insultar a gente por ser pobre. Olhe que encontra quem lhe metta a fala no buxo!

Jesuino reconheceu nitidamente a voz do seu antigo creado. Encontrou-o com a vista, ficou verde de colera e com o punho cerrado ameaçou-o.

— Ah! és tu, mariola! Logo me quiz parecer que havias de estar por ahi, malandro! Trabalhar, nada, ein?!... A boa vida. Pois não me puxem; porque então nem esmola, nem o diabo. É muito facil não lhes dar nada, e ainda por cima mandar vir tropa. Estou, vae não vae, em fazer o que digo!...

E como ficasse momentos com a resolução em suspenso, o homem espadaudo, barbado, aspecto duro, que já o ameaçara uma vez com uma das muletas, destacou-se salientemente para que elle o visse, e estabeleceu a sua doutrina:

— Isso mais de vagar! Se o senhor julga que o dinheiro que ahi está é seu, está enganado e muito enganado. O dinheiro é da pobreza, e o que se quer é que o deiem para cá.

Jesuino viu-o e apreciou-lhe devidamente o mesmo ar resoluto de quem era capaz de lhe quebrar a cabeça. A sua arrogancia teve um momento de concentração, e moderou-se mais, ao ouvir um murmurio de applauso que os indigentes, ali reunidos, levantaram a favor das palavras do seu tribuno.

— Sim, quem o deu é que tinha de mais, e foi para ser distribuido por quem tem de menos — argumentou o philosopho.

— Ou bem que é esmola, ou que não é — entendeu o maneta.

— Já se sabe — confirmou o do charuto.

— Elle só o quer para si — chacoteou o Esteves, que ao têl-o assim de frente, o encarou com insolencia.

— Deixae, rapazes, que sempre nos ha de chegar. Tende paciencia .. — disse o velhinho Lucas, no seu espirito de conciliação.

Jesuino estava colerico e medroso. O seu grande desejo seria requisitar policia ou municipal; mas receiava alguma espera depois. Mettia os dedos por dentro do collarinho para o alargar, pois sentia-se abafado. Emquanto as chalaças sahiam d'aquella agglomeração de cabeças, asphixiando-o como bolhas de ar irrespiravel que rompessem d'um pantano, elle balouçava entre a resolução d'um acto violento ou distribuir os dois tostões. A voz macia e delgadinha do Lucas moderara-lhe as coleras, como as muletas do barbaças já lhe tinham posto em cautella as opiniões. Para terminar, explicou:

— Quem manda são as senhoras da commissão, e muito especialmente a senhora marqueza de Ermello, que é a presidenta. Deu-me ordem para distribuir hoje o dinheiro que disse, e é o que se vae fazer. Quem não tem cá a morada deixe-a, depois saberá pelos jornaes quando deve vir, ou então lá irá a esmola.

— E se antes d'isso a gente morrer de fome? — ergueu-se uma voz.

— Uma pouca vergonha, caçoarem com a pobresa! — disse o barbaças batendo pancadas no chão.

— Amigos, nós somos a bigorna, elles são o martelo — commentou o philosopho.

Jesuino já os não ouvira. Havia-se retirado da va-

randa, vencido, suando, o rosto em braza e os olhos em chammas. Dentro, cahira n'uma poltrona como uma massa informe, que tivesse vindo pelo espaço, n'um destino implacavel. E a palavra «canalhas!» rebentou-lhe dos labios n'uma onda de odio represado por um grande esforço.

Um empregado estava á sahida, entre os dois policias, com um saquitel de onde ia tirando moedas de dois tostões, que distribuia aos indigentes que se iam escoando, um a um, pela porta pequena aberta no portão. Os rostos macilentos e magros mostravam goso ao sentirem na mão o frio do metal. Ao acharem-se cá fóra, cada qual esperava os seus habituaes companheiros para continuarem o destino commum. Muitos reuniam-se e desagregavam-se ao acaso, seguindo as ruas que partiam do largo, como as areias que vem n'um enxurro se dividem em leitos differentes. Se encontravam no caminho furtuito pessoas d'aspecto caridoso, logo lhe atiravam com o pregão da sua desgraça, expondo-lhe a cegueira, o aleijão, a caducidade ou os simples andrajos a cobrirem-lhe o esqueleto. Era o habito do seu misero destino de vagabundos, os sentimentos limitados ao soffrer habitual. Todos os dias para elles eram semelhantes: as differenças consistiam apenas em serem os de inverno mais barbaros do que os de verão, os de sol mais carinhosos do que os de chuva, os da velhice mais tristes do que os da mocidade. A mocidade! ainda é uma força e uma resistencia para aguentar a desgraça. O sangue é mais quente e vivo, corre com mais alegria no coração, que o envia a irrigar terreno prodigo e floren-

te. A mocidade, mesmo com a miseria, é um galardão da natureza. E' o que já não sentia o pobre Lucas, na sua velhice precoce, o corpo magrinho e pequeno coberto com um fraque que servira a homem corpulento. Ia encolhido, todo humilde, ao lado da mulher de Belem que o acaso da sahida collocara a seu lado. Falavam pouco, mas ao separarem-se, cada um para o seu destino, disse-lhe elle:

— Vocemecê para hoje vae arranjadinha. Ainda bem, ainda bem...

— Sim — disse a misera com um rosto feliz — vou d'aqui comprar dois pães, e posso fazer uma sopinha, para lhes tapar a bocca. Dês hontem que não comem. Mas ainda me leva tanto tempo chegar a casa...

— Vá no vapor. Por um pataco...

— E não me faz falta? Um pataco é um de meio kilo, bem sabe.

Então elle parou (talvez receioso de a offender) com a moeda de dois tostões fechada na mão. A pobre, embrulhada no seu chale esburacado, tambem parou olhando-o com tristeza. Pensou que se iam despedir, separar-se até que outra casualidade os juntasse.

— Então adeus. Vae para ahi? — disse ella.

— Vou... aqui para abaixo. Quer que lhe diga? Eu hoje não tenho grande precisão d'isto.

E mostrou-lhe a moeda de dois tostães saliente na palma da mão. A mendiga olhou para a moeda attentamente, sem adivinhar o proposito do velho Lucas, que proseguiu:

— Hontem fui feliz, encontrei um antigo amo, que

teve compaixão e me deu outro tanto como isto. Chega-me para muito, porque como pouco, e beber vinho não bebo,

A mulher de Belem sorria para o Lucas e para a moeda de prata, que elle tinha patente na palma da mão. E então elle como visse que ella lhe não comprehendia o pensamento, perguntou-lhe:

— Quantos filhos tem?

— Tres, estão lá em casa.

— E o seu homem?

— Morreu. Era maritimo... o mar...

— Ora vejam que tamanha desgraça! Tome lá vocemecê isto. Eu não preciso.

E approximou-lhe das mãos os dois tostões para que ella os tomasse. A mulher surprehendida disse:

— E vocemecê?

— Eu não preciso, tenho d'hontem. Como pouco, não bebo vinho. Você, coitadinha, tres creanças, sem homem. E' pela alma da minha Carolina. Acceite, olhe que é de boa vontade.

Ella acceitou e o Lucas separou-se logo, para se furtar a quaesquer agradecimentos. Mas depois de dar meia duzia de passos, voltou-se para traz, aconselhando:

—Vá depressa, vá no vapor. As creanças esperam-na.

Ambos tinham lagrimas nos olhos.

XIII

ONDE MORA A DESVENTURA

 serviço de soccorros domiciliarios, necessitava de grande copia de informações, para que o dinheiro santo da *Esmola* não fosse malbaratado no vicio. Enchiam cadernos de papel almaço, só os nomes e moradas dos que tinham vindo inscrever-se n'este rol da miseria; mas particularmente, por meio de cartas e informações verbaes, na secretaria da *Esmola* sabia-se, e as senhoras da commissão central não ignoravam, a existencia de desgraças obscuras e tenebrosas; de logares que eram verdadeiros presidios do soffrimento e da grande Dôr; de mofinas historias de infortunio, contadas com promenores que arrepiavam as carnes! Era a eterna epopeia da fome, da doença, do absoluto desamparo; era a completa nudez, a podridão physica do corpo com o seu

cortejo de vermes; eram os flagicios quasi incomprehensiveis da brutalidade humana — filhos que batiam em paes decrepitos, paes que cegavam filhos para os entregarem depois á dolorosa vida de mendigos!... A barbara miseria, contada com minucias e incidentes ingenuos ou servis, conheciam-na as senhoras da commissão que abriram as primeiras cartas, e a sensibilidade aguda dos seus nervos principiou a exaltar-se: se as recebiam em suas casas e as liam de manhã, era perder o appetite do almoço; se tomavam d'ellas conhecimento no meio do dia, era desgostarem-se de convivencias, ainda que o assumpto fosse optimo para conversa; se essas lamentaveis historias chegavam pelo correio da noite, geravam sonhos perseguidores e tragicos nas alcovas perfumadas! Alguns medicos prohibiram terminantemente as suas clientes de saberem de taes factos, pois lhes attribuiam as tempestades, que de subito e sem motivo irrompiam em seus delicados corpos. A marqueza, que pela placidez do seu espirio e longa experiencia da vida e do sentir, era quem melhor aguentava estes embates, vendo que os olhos de Kate todos os dias choravam, que a alegria de Annica andava esmorecida, e as scismas e escrupulos de Izabel de Noronha esgotavam o fio de vida de seu velho pae, chamou Jesuino e disse-lhe:

— É preferivel abrir-se toda a correspondencia lá na secretaria e tomar as notas convenientes. As senhoras da commissão podem enviar-lhe as cartas que receberem em suas casas. Escusamos saber tudo, tudo, entende Jesuino? Quando fôr algum d'esses casos porque eu

costumo interessar-me pessoalmente, diga-m'o. Percebe ao que me refiro?...

Referia-se aos pedidos da pobreza melindrosa, aos requerimentos ou noticias de pessoas que outr'ora tivessem possuido teres, occupado posições preponderantes e que a roda da fortuna houvesse, bruta e cegamente, atirado para o monturo, onde engorda a triste flôr da desventura.

— Bem sabe—continuou a fidalga—que esses quero-os debaixo da minha mão. E caridade que nem todos os conheçam... Até muitas das minhas collegas os podem ignorar. Oiço ás vezes nomes antigos, que me trazem as lagrimas aos olhos; porque os conheci na opulencia...

— Comprehendo, senhora marqueza, comprehendo...

— Pois se comprehende tome a seu cargo passar pelos olhos, primeiro que a entregue a outros empregados, toda a nossa correspondencia, para guardar esta e reserval-a para mim só...

— Vigiarei... Serão cumpridas as suas ordens, minha senhora.

*
* *

No entretanto, os projectos de visitas domiciliarias interessavam enormemente as senhoras da *Esmola*, por ser movimento e acção a que não estavam habituadas. Iam vêr a paizagem lugubre da miseria, experimentar

essa sensação nova e desconhecida no seu abalo mordente e feroz. A imaginativa, trabalhando-lhes com os dados fornecidos pelas cartas recebidas e pelas referencias escutadas, creava um mundo. Veriam com os olhos o que só haviam presumido. Algumas tinham receios tenebrosos, outras deliciavam-se com a pratica do acto generoso. Como seria a grande dôr social, na sua obscura e horrenda genese? Teria o aspecto torvo, carregado e vingativo que lhe assignalam os romances de Dickens e Zola, e os escriptos de alguns publicistas sectarios? Seria odienta ou seria humilde? turbulenta ou resignada? Seria feroz e selvagem como os animaes impetuosos nas suas covas e no meio das selvas, ou impotente e desfallecida como a ovelha moribunda de parto, abandonada na charneca arida? Uma fascinação, como a da vertigem dos abysmos, as chamava a verificarem o que diziam certas cartas no seu estylo cahotico e tosco. A falsificação e a má fé podiam inventar a desventura, e o dinheiro da *Esmola*, tão penosamente colhido, não devia ser espalhado d'um modo errado, para ir alimentar o vicio. Aos verdadeiramente desgraçados, o effeito moral da presença de senhoras ricamente vestidas, podia ser salutar e acrescentaria o valor do soccorro material. Que maravilhoso allivio para os corações ulcerados pela miseria?! Que exemplo de humildade na approximação de sedas, velludos e rendas, da immunda enxerga onde se decompõe a carne humana! O ar pestilento das enxovias da desgraça, ficaria purificado; o cruel rictus da negra dôr transformar-se-hia em claro riso. Era sementeira para variados fru-

ctos. Os jornaes apregoariam e exaltariam o facto, lembrando as virtudes evangelicas dos grandes santos, que com ellas se exornaram. Novos subsidios viriam á caixa da *Esmola*, que se tornaria associação poderosa para acalmar a fome. Sob a direcção intelligente de Delombe, a cidade foi dividida em circumscripções. As senhoras agrupar-se-hiam conforme as suas affinidades e sympathias, para exercerem o seu piedoso mister. Havia singular enthusiasmo, em algumas menos experimentadas, por esta peregrinação dolorosa. A condessa de Vallongo, que era muito sceptica, disse para Maria da Soledade, alludindo á Paraiso e á da Maya que formulavam, com exagerado interesse, projectos de visita aos bairros mais pobres:

— Deixa-as ir sós. Estão com o enthusiasmo do principio. Nós já trabalhamos... Maus cheiros... porcarias... já vimos muitas.

Em virtude d'uma tal resolução, a velha marqueza, que procurava sempre dar o exemplo, escolheu area, para a visitar com suas sobrinhas. N'uma manhã de outono, humido e frio, que já annunciava inverno, pelo vento aspero de varrer gente, que soprava nas ruas estreitas do bairro d'Alfama, appareceu aqui na pesada carruagem, levando em vez de tritanario um policia ao lado do cocheiro. Como as ruas fossem muito apertadas, a carruagem esperou n'um ponto mais largo, em quanto o policia andava em averiguações nas proximidades. Vinham ella, Annica e Kate, attrahidas por uma informação muito especial de pessoa, que merecia toda a confiança. Quando o policia voltou do seu inquerito, as

tres senhoras apearam-se e acompanharam-no por um becco estreito e lamacento, todas escondidas nos seus modestos vestidos pretos. Entraram n'um pateo, onde creanças quasi nuas brincavam, descuidosas das inclemencias do tempo. Aquelles pequeninos rostos macillentos e sujos, com o esverdeado da miseria a entenebrecer-lhes a expressão, espantaram-se ao encarar o policia. Logo se desagregaram, fugindo para o interior de suas casas, algumas das quaes eram lojas terreas, apenas com um postigo na porta para entrada do ar e luz. A velha marqueza, com o magro tronco envolto n'um abafo, que no pescoço se reforçava com pelle de lontra, um véu espesso no rosto pallido e doente, acompanhava o guia. Annica e Kate, uma de cada lado de sua tia, tinham nos semblantes pasmo dolorido; pois deante da imaginação se lhes começava a rasgar a nuvem, que occultava scenas dantescas. Com a sua voz sumida e de humildade, a fidalga perguntou:

— É então aqui?!...

— Sim, minha senhora.

— E não haverá a quem se pergunte?...

O policia então ergueu a voz com aspereza e auctoridade.

— O' gentes! Não apparece ninguem?!...

O triste silencio dos sitios deshabitados ali se estabelecera. Parecia um pobre e humilde recanto d'aldeia, perdido entre montanhas rudes e que tivesse sido abandonado pelos moradores, á passagem d'um sopro de guerra maldita. O vento zumbia nos telhados como

zumbe em penedias alcantiladas; as nuvens, escurecendo o céu, passavam velozes por cima, como passam e se rasgam em pincaros agudos; as faces eram açoitadas pelo ar revolto, como nos tortuosos caminhos, quando as folhas amarellentas se despegam das arvores. Era um cruel dia de outono, prenunciativo de grandes chuvas e frios, e as tres senhoras muito unidas esperavam, em silencio e oppressas, o resultado das investigações do policia, que lhes explicou para as tranquillisar:

— Gente ha! As creanças hão de ter alguem.

E levantou de novo a voz com maior auctoridade:

— Eh! mulheres! Então não apparece por ahi viv'alma para responder?

Kate olhava curiosa para o interior das lojas, que tinham o aspecto de pobres curraes nos terrenos dobrados do Crato. Pouco a pouco a vista se lhe habituou á escuridade, e percebeu no meio da treva o luzir de dois olhos d'uma creança, que se arrastava no chão terreo. Acotovelando Annica de Sousa, confidenciou-lhe:

— Olha. Parece mesmo um animalsinho que vê gente pela primeira vez.

E communicou ao policia:

— Está ali uma creança...

— Mas eu quero os grandes, que devem estar cá dentro. (E tornou a bradar com voz mais humana): Appareçam, ninguem lhes faz mal. Estão aqui umas senhoras...

E depois d'um folego, explicou:

— Como por aqui se escondem gatunos e a gente faz as suas rusgas á vadiagem, é a causa. Conhecem-me, faço ha muito tempo serviço n'esta area...

O primeiro signal de vida n'este ambito abandonado, foi o d'um velhinho magro, d'uma relativa decencia no seu vestuario, com grandes oculos assentes no nariz, e que appareceu á sua porta com um ferro na mão.

— Ah! está por cá Rafael? — disse o policia. Se o pensasse já o tinha chamado. Fazia-o para Santa Clara. Então ninguem? Pois o dia não está bom para o peditorio. Não devem arranjar grande maquia, pouca gente pela rua...

O ferro-velho esclareceu:

— Não, elles estão por ahi muitos. Conhecem-no e você nem sempre vem para lhes trazer esmolas... Eh!... Eh!... Eh!... Eu componho uma grelha, para arranjar ahi tres vintens para o jantar.

— Ainda é dos que trabalha... Cada malandrão sem querer lançar mão a nada!... Uma corja. São senhoras que desejam vêr estas miserias...

— Eh!. . Eh!... Eh!... Pois se é isso, tem que vêr... — observou o velho Rafael. (E levantou um pouco a voz): Apparecei, creaturas, que é para bem.

— Podem vir! — disse o policia em voz de mando.

Uma lufada de vento entrou pela estreita porta do pateo, agitando os véus e os vestidos das visitantes, ao mesmo tempo que refrescava o ar pestilento. Annica perguntou carinhosamente a sua tia, se o frio a não adoeceria, ao que ella respondeu resignada:

— Não te digo que seja uma delicia; mas estou bem agasalhada. E vocês?

Responderam-lhe com olhares e sorrisos de conformidade: eram novas, tinham sangue vivo e quente; em vez de esmorecerem, sentiam toda a sua alma álerta. Crescia-lhes no cerebro intensa curiosidade; animos juvenis, que viviam para as impressões fortes, encontravam em tudo o lado pittoresco e attractivo. Esta existencia assim refluida para os dolorosos confins da desgraça, occultava motivos de sensibilidade evocativa n'aquelles delicados nervos.

O velho Rafael, indo dentro pousar o ferro que trouxera na mão, ao voltar, observou com o seu falar natural e sem receios:

— Mas não é preciso apparecerem, para a gente entrar. Aqui as portas nunca se fecham. Se as senhoras gostam de vêr desgraças, tem com que fartem os olhos! Eu cá tomara-me sempre longe de taes coisas. O que não sei é se poderão subir as escadas... Com vagar... Eh!... Eh!... Eh!... e paciencia, talvez...

Enfiou por uma porta estreita, com o fim de mostrar o caminho. Era a entrada para o unico sobrado. Annica e Kate deram a preferencia a sua tia, amparando-a ao subir da soleira de pedra. Porém dentro não havia largueza para mais de uma pessoa de cada vez, e os degraus eram humidos e escorregadios. Agarrando-se com esforço a um corrimão de corda gordorenta, a marqueza foi alçando o alquebrado corpo, precedida do ferro-velho e seguida de suas so-

brinhas e do policia. Sentiu-se vacillar ao chegar a meio, e n'um repouso perguntou:

— Isto não cahirá?

O Rafael que estava no alto, disse risonho e animador:

— Qual!... Eh!... Eh!... Eh!... Não digo que esteja muito segura; mas d'ahi a cahir vae distancia.

— O' tia! Sente a vertigem? É melhor descer—disse Annica de Sousa.

— Deixa, filha! Não lembres essas coisas. Já agora...

Subiu, empregando grande esforço, até ao patamar onde estava o ferro-velho, que lhe offereceu a grosseira mão para a ajudar, o que ella acceitou.

Uma porta á esquerda cedeu ao pequeno esforço de Rafael. Dentro uma lugubre escuridade: a luz entrava por estreita janella, cujos vidros eram em parte substituidos por papeis pascentos. O velho, que para a circumstancia se prevenira com um coto de vela, accendeu-o, e disse com o seu risinho modesto:

—Eh!... Eh!... Eh!... Não ha remedio senão fazermos illuminação, que isto é peor que as enxovias do Limoeiro. As senhoras nunca lá foram? Pois tambem tem que vêr. Eh!.. Eh!... Eh!...

Habituados os olhos áquella penumbra, e com o auxilio da luz que Rafael accendera, podia-se apreciar o sombrio quadro d'esta morada da miseria. Havia duas enxergas ao fundo: uma a cada canto. Na da direita uma mulher de mais de vinte annos, amamentava uma creança, cobrindo o pobre corpo com os restos de um velho cobertor; na da esquerda, estavam dois

pequenitos nus, que ao verem tanta gente, esconderam as cabeças com uns farrapos de coberta. O guia d'estas tristes paragens, com voz de certa compuncção, esclareceu:

— O marido ganha pouco, e esse mesmo deixa-o quasi todo não sei lá por onde. Um pão de meio kilo é o que podem ter em alguns dias. Eu dou-lhes agua quente e alho. Com um vintem de azeite, ás vezes fiado, faz-se a açorda, que desapparece n'um prompto.

A mulher que amamentava, conservou silencio perante a inesperada visita, olhando com grandes olhos interrogativos em face de tuberculosa. O seu aspecto, apesar dos estragos da miseria, não era desagradavel e conservava ainda longes de formosura. Porém as claviculas, os hombros e o magro pescoço definiam a prolongada penuria da sua vida de fomes. A creança não encontrando no seio materno leite que a satisfizesse, gania como um pequeno cachorro a machucar a teta exhausta. A velha marqueza, recobrando animo após o primeiro assombro, interrogou a desventurada:

— Então o seu homem não tem tido trabalho?

— Quasi nada...

— De modo que os meios para se sustentar e aos seus filhos...

— Não tenho nenhuns...— disse com os bellos olhos rasos d'agua.

— Pois nós pertencemos a um instituto, que tem por fim soccorrer os que estão nas suas condições. A *Esmola*, não sei se sabe...

— Já ouvi, já ouvi... Preciso bem, preciso muito...

— Então aqui lhe fica alguma coisa para hoje. Ha de repetir-se isto. O seu homem que procure trabalho. O que é elle?

— Brochante.

— Não é muito o que lhe deixo agora. Temos a distribuir por outros. Mandarei cá. Porque se não levanta?

— Não tenho que vestir. Empenhei tudo.

— Pois cá virá alguem saber... Tenha paciencia e coragem.

Depositou-lhe na mão agradecida um pequeno papel com a esmola e sahiram todas consternadas, para entrarem n'outro quarto fronteiro a este. Era o mesmo espaço e uma luz tambem insufficiente. O cheiro mais fetido, o ar espesso e quasi irrespiravel. Annica de Sousa e Kate, que tinham ficado amimando os pequenitos, sentiram um estonteamento quando aqui penetraram, e logo correram a amparar sua tia, pois temiam que lhe viesse o esvaimento de sentidos, n'ella habitual. Porém a velha marqueza tivera tempo de levar ao nariz o seu vidrinho de saes e mostrava-se resistente e serena. O Rafael, que a precedera com o braço erguido, para o coto de vela illuminar maior espaço, disse na voz de quem fala a um surdo:

— Eh! sôr Antonio! Então dorme-se, seu dorminhoco. Eh!... Eh!... Eh!... Isto é uma vida regalada!... Eh!... Eh!... Eh!...

A um canto via-se um catre de pau atado com cordas, sobre o qual avultava um corpo, que parecia inanimado; no outro uma enxerga no chão. Á cabeceira do

catre um mocho com uma cantara d'agua e um copo de folha. O corpo não se mecheu, apesar do desusado barulho de tantas pessoas a entrarem. Estava de rosto para a parede, as pernas encolhidas, e cobria-o um resto de roupa de vestuario. O ferro-velho esclareceu a marqueza:

— Vive aqui com uma filha, que anda pelas casas a dias. Pouco que fazer, pois tambem é muito doente, e não a chamam. Trabalha de costura e faz serviço de voltas; mas tem dias que não póde sahir, por causa dos ataques do pae. São uns ataques, que ás vezes é necessario vir toda a visinhança segural-o. E custa, eu emprego toda a força, mas elle atira-me fóra como se fôra um papel. É gente com educação. A pequena tem assim um geito de senhora, e é por isso que a não chamam muito. Vê-se que não nasceu no trabalho. Quando lhes falta pão, vendem d'aquelles livros (apontou os que estavam n'um montão a um canto). Tambem para que lhe servem. Eh!... Eh!... Eh!... Elle não póde lêr... Dizem cá no pateo que é pessoa de civilisação. Eu não sei... Eh!... Eh!... Eh!...

E voltando-se de novo para a velha marqueza, confidenciou:

— Parece realmente que dorme. Mas eu chamo-o mais rijo. Eh!... Eh!... Eh!. . O' sôr Antonio Saavedra! Acorde, homem de Deus, olhe quem aqui está.

O homem voltou-se. Tinha uma longa cabelleira, uma longa barba, e o olhar tornou-se espavorido pelo inesperado do que se lhe apresentava deante. Tantas senhoras! um policia! o visinho Rafael a chamar-lhe

uma attenção especial para aquellas visitas!... Que lhe podiam querer!?—interrogava-os com aspecto estranho. O rosto, depois do primeiro momento, tornara-se mais triste e carregado; na expressão apparecera-lhe certa amargura tenebrosa, talvez uma accusação violenta á sorte adversa, que lhe guiara a vida. A negra atmosphera do ambiente, tornara-se mais sombria, com as idéas lugubres que sahiam d'aquelle semblante e d'aquelle olhar castigador. A velha marqueza levou de novo ao seu olfacto o beneficio do frasquinho de saes. As sobrinhas, que lhe conheciam a melindrosa saude, acercaram-se d'ella, caso fosse necessario amparal-a. Annica de Sousa disse-lhe em inglez, que seria melhor deixarem já a esmola e retirarem-se. Porém ella, apesar de ter o coração eriçado pelas amarguras que presenceava, julgou-se ali presa por um dever religioso e social, e não admittiu o conselho. Sentia no cerebro uma amalgama de sentimentos diversos, que a sua intelligencia habituada a subtilezas, não podia destrinçar. Esta apresentação flagrante de miseria, n'um quadro formado de tão simples elementos, chocara-a. Era uma das maiores commoções da sua longa vida! Quem seria este homem, que tinha o venerando aspecto d'um santo, e uma expressão tremenda de apostolo de todas as vindictas sociaes?! Talvez aqui ella encontrasse a representação dos que ameaçam e maldizem o mundo, pela incalculavel somma de maleficios n'elle accumulados pelo feroz egoismo! E interrogou o velho, que a fixava com o seu olhar absorto, empregando a marqueza, na tonalidade da sua voz, carinho e bondade:

— Sente-se então muito doente?

— Doente eu!?... Estava a dormir, em quanto não vem Zaria.

Como no semblante da fidalga houvesse um ar de incomprehensão, o velho Rafael logo a soccorreu:

— É a filha que se chama Rosaria.

— Ah! .. E ella tardará muito?

— Na... A' noite vem — disse o velho.

— E vocemecê está sem comer até essa hora?

— Nunca tenho fome. Se não vier Zaria, vem com certeza o Barbas.

As tres senhoras olharam interrogativamente o ferro-velho, que explicou:

— É um doutor caridoso, que por ahi o vem visitar e creio que o soccorre. Dizem que se conhecem de Coimbra, onde ambos estudaram. Teve civilisação... este homem...

— Mas elles podem tardar — acrescentou a fidalga com piedade — e vocemecê póde precisar. Quer que lhe deixe alguma coisa?

O Saavedra ficou algum tempo silencioso a penetrar o sentido da offerta. Depois com um sorriso ligeiramente amargo e agradecido, respondeu:

— Esmola? Muito obrigado; mas eu não preciso. A Zaria traz, ou então o Barbas vem.

Annica de Sousa, cujo rosto sempre cheio de graça e ironia, agora estava sombrio e oppresso, teve de subito uma idéa, que lhe illuminou gloriosamente a expressão. E disse com o seu riso de encanto:

— A gente ao que vinha, era encommendar á sua filha uma roupa branca para ella fazer. Poderá?

O velho Saavedra teve certa alegria illuminante nos olhos. E logo disse:

— Isso póde. Trabalha bem.

— E poderemos deixar o dinheiro para uma duzia de camisas, que se mandam ámanhã? — disse ainda a marqueza, toda risonha e agradecida para sua sobrinha, pela lembrança que tivera...

— Deiem ahi ao Rafael. Elle depois entrega á Zaria...

— Pois sim, senhor Saavedra — disse o ferro-velho. Eu recebo. (E mais baixo para a fidalga) Um orgulho!... Só acceita alguma coisa emprestado! .. Teve civilisação este homem!... Eh!... Eh!... Eh!...

A marqueza e as sobrinhas sahiram, deixando o seu obulo. Sentiam o animo a desfallecer. Á escuridade ainda que rota pelo pingo da chamma que o Rafael ministrara com o seu coto aceso, tinha-lhes diminuido o entendimento. O cheiro nauseante e fetido d'aquelle interior perturbara-lhes os sentidos, e grande mal-estar lhes invadia todo o corpo. Ia-lhes o animo a faltar, se se demorassem mais. A velha fidalga desceu as lamacentas escadas, agarrando-se com as suas mãos esqueleticas de freira á ensebada corda, que acompanhava parallelamente os degraus até ao fundo. Quando as tres senhoras se encontraram no pateo, açoitadas pelas lufadas de vento que já vinham com gotas de agua, foi um allivio e um refrigerio. Nos rostos de Annica e Kate appareceu expressão de grande desafogo. Viam luz natural, respiravam ar, voltavam á

vida da qual se sentiam sequestradas n'uma prisão dantesca. Até acharam consolador, animado e pittoresco o apparecimento numeroso de creanças mendigas, que enchiam agora o recinto. Algumas quasi nuas, uma camisinha apenas para se defenderem do frio invernoso; outras com mais agasalho, mas cobertas de andrajos. Descalços, com os pés na lama; ou calçados, com botas rotas de gente crescida, o que lhes difficultava o andar: todos tinham as carnes roxas e rostos macilentos. Mas eram a infancia, o começo inconsciente e forte da existencia, a temeridade no destino. Havia n'aquella miseria ao ar livre alguma coisa de revigorante, alegre e viçoso, em comparação do que tinham visto no quarto do Saavedra. Erguiam supplices as mãosinhas a implorar, e as mães, cada uma á porta da sua loja, auxiliavam-nas com os promenores que davam da sua miseria, das circumstancias particulares em que se encontravam. As entradas das lugubres moradas estavam patentes; já sem receio, convidavam as bemfeitoras a que se inteirassem da verdade das suas allegações. Ali não havia nem lume, nem agasalho de roupas, nem comida. A pobreza mais crua. Podiam entrar, podiam vêr...

O policia, como augmentasse a algazarra das creanças e a mistura de vozes das mães, afastava as primeiras e recommendava ordem ás segundas. A todas havia de chegar, tivessem moderação e paciencia. O ferro-velho, que entre os visinhos tinha a auctoridade de não-indigente e de ser homem de intelligencia e conselho, sempre acatado, tambem disse:

— Estae accommodadas e com juizo. Quem aqui se resolve a vir, não traz decerto as mãos vasias. Podera... Eh!... Eh!... Eh!... Hoje tereis dia grande. Eh!... Eh!... Eh!...

A velha marqueza e as sobrinhas, para cumprirem até ao fim a sua missão, entraram em todas as portas, escutaram com interesse o rosario de penurias, que cada pessoa referia. Não era a desventura n'um aspecto tão sombrio, como nas duas primeiras visitas. Apparecia a necessidade mais carpida; mas não a doença, a dôr moral e physica com sobrecenho dominador. Estes andavam já familiarisados com a miseria que pede auxilio, que expõe com eloquencia os aggravos que tem da sorte; a miseria que sabe com palavras tocar os corações, despertar os abundosos sentimentos de piedade, e obriga a abrir a mão que tem a esmola. Porém o velho Rafael, que a fidalga já considerava seu mentor n'estas tristes veredas do infortunio, convidou-a ainda a entrar n'uma loja despovoada de gente, terrea e humida, isenta de todo o signal de moradia. A um canto, sobre um montão de papeis e farrapos, espalhados n'um velho catre de pinho, estava um corpo humano, coberto por uns restos de gabão. As paredes escorriam agua, o misero devia ter frio. Rafael explicou:

— Este precisava bem que o levassem d'aqui, porque não tem ninguem. Eu costumava deixal-o dormir lá em casa; mas como não apparecia ha muito tempo, dei o logar a outro. Veiu hontem cahir n'estas taboas. Parece ataque; porque não responde. E bom

homem, muito sério. O senhor policia podia maldal-o para o hospital.

E para que o vissem bem, approximou-lhe da cara a fraca luz do coto da vela.

Era um homem magrinho, talvez precocemente envelhecido, com uma barba fina e mal tratada. Tinha os olhos muito abertos e fixos na escuridade. Estava de costas com as mãos sobre o ventre, como se já fosse cadaver. A sua respiração era tão suave, que mais semelhava de somno feliz, do que d'uma vida batalhada pela doença. Parecia não ser um morto, nem mesmo um moribundo, mas sim um ausente do convivio social: os sentidos annullados, a palavra extincta, nenhum fio o ligava á existencia dos outros homens. Ligeiras contracturas das palpebras e dos labios, uma ou outra expiração tumultuosa, assignalavam-lhe o viver; mas um viver sem preço, sem felicidade e sem grande apego ao corpo. Estendido sobre o montão de papeis e farrapos, a vista vagueando no espaço, havia em todo aquelle ser absoluta passividade. A velha marqueza, logo que a luz patenteou sufficientemente o rosto d'este abandonado, teve um estremeção de surpreza, affirmou-se melhor, e ergueu o véu para bem se certificar... O desditoso interessara-a, n'um instante, incomparavelmente mais do que todos os outros. As sobrinhas, que lhe perceberam a inquietação d'animo, acompanharam-na no exame e olharam-se entre si surprehendidas, por não penetrarem a causa d'aquelle sobresalto. O policia e o Rafael, tambem esperavam com interesse o que diria a fidalga. Por fim ella exclamou:

— Olha quem é! o pobre Lucas! Onde veiu acabar o infeliz!

E voltando-se, explicou:

— Foi meu creado e era excellente rapaz. Um doido. Paga bem cara a sua loucura! Como veio ter elle aqui?

— Estas casas, quando não tem inquilino, estão abertas para quem as queira vêr — disse Rafael. Não tinha gente, aproveitou com licença do senhorio... Eh!... Eh!... Eh!... Elle só faz differença em não estar á chuva: no mais é como na rua.

— Mas do que o desgraçado precisa é que o levem para o hospital! — affirmou a marqueza.

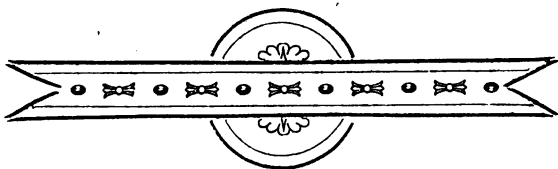
— Eh!... Eh!... Eh!... o que eu disse ha pouco. Só para morrer mais consolado. Se o senhor policia não o manda, pede-se logo ao senhor Barbas, quando vier vêr a creança da visinha. O senhor Barbas arranja, que é um santo.

O policia affirmou:

— Traz-se logo a maca para o conduzir.

— Não, não — insistiu a marqueza commovida — um trem que eu pago. Ainda o poderão salvar, se fôr a tempo. Então já, então já. Pobre Lucas, sae-te bem caro o teu erro!...

O apopletico conservava-se sereno e inexpressivo, porém vidraram-se-lhe os olhos, como se uma lagrima os humedecesse. Talvez a voz da velha marqueza lhe levasse qualquer lembrança ao cerebro. Na intelligencia do rosto parecia equidistante da alegria e do soffrimento; o olhar absorto na atmosphera humida e pestilente, não tinha expressão.

XIV

SEM TROMBETA

A velha marqueza e suas sobrinhas sentiam-se esvahidas de coragem, para prolongarem a sua visita. Distribuidas as esmolas d'este dia, conservavam-se ainda no pateo, com os rostos açoitados pela aspera ventania, que redemoinhava em volta, e recebiam os ultimos agradecimentos da pobreza falando em turba. Bemditos aquelles que no meio das alegrias pensam na desgraça! Deus no céu véla pelos que morrem de fome e de frio; no mundo guia os ricos para junto da indigencia.

— Beijem as mãos d'essas senhoras, que trouxeram a esmola — ordenava uma mulher corpulenta, do limiar d'uma porta, ás creanças que estavam reunidas no pateo.

No meio d'este côro de lamentos e louvores, um homem appareceu subitamente, entrando, como impe-

tuosa lufada de vendaval. A sua presença gerou rapido silencio, tão respeitoso que surprehendeu a propria marqueza. Era uma figura alta, corpo espadaudo e forte, barba longa, andar aos solavancos como uma carroça sobre lagedo, botas grosseiras e envolto n'um amplo casacão. Ao passar abriu-se-lhe honroso caminho. Elle andou rapido, cortejando com o seu chapéu alto, ensebado e fóra da moda. Ia com a brusquidade natural dos seus movimentos desengonçados, cabisbaixo e na apparencia mal humurado. Levava por certo um destino; uma idéa fixa o guiava. Conhecia o sitio, pois sem hesitação e com o seu energico andar, foi directamente a uma pequena porta, que havia ao fundo do pateo e onde a fidalga não entrara. Levantou a aldrava, inclinou o grande corpo para se metter na exigua passagem. Ao transpor o limiar, disse por entre dentes, mas sem que o ouvissem:

— Anda a jesuitada a tocar a trombeta!

Porém, á velha marqueza, não passara despercebida a attenção carinhosa, com que a população mendiga acompanhara este homem na sua passagem. Annica e Kate seguiram-no tambem com o olhar, até que lhes desappareceu da vista. E n'um unisono, sahido ao mesmo tempo das creanças e de suas mães, deu-se esta explicação: «O senhor Barbas!»

— Ah! é este o tal Barbas?!...

— Sim, minha senhora. Grande coração! A sua presença consola esta gente, ainda que não dê nada.

— E para onde vae elle por ali? — perguntou a marqueza.

— É uma desgraçada mãe com cinco filhos, e um a morrer. Elle traz-lhe todos os dias o cirurgião, um rapaz bem parecido. Se não veiu agora, não tardará, ficaria no caminho a vêr algum doente.

— E porque é que me não levou ali, senhor Rafael?

— É que elle prohibiu. Diz que a molestia da creança se pega. Até levou os outros irmãos, não sei lá para onde.

Uma velha esqualida, sentada n'uma soleira de porta, não querendo admittir sequer esta superioridade na desventura, pronunciou alto:

— Ah! ali tambem se recebem esmolas, que não são mais que a gente. Caso é haver quem lh'as dê.

— E como elle lá está, poderemos nós agora entrar? — inquiriu Annica de Sousa.

— Vou saber — disse o ferro-velho.

Rafael voltou pouco depois, com o seu rosto sumido e encarquilhado, aberto n'um ligeiro sorriso, como era o seu natural, e communicou:

— Éh!... Eh!... Eh!... Diz o senhor Barbas que a casa da miseria não tem portas. Mas tambem informa suas excellencias, que a creancinha está com um garrotilho. Eu se fosse ás senhoras não queria vêr. Parece mesmo a expirar. O çurgião já não poderá fazer nada.

A marqueza e suas sobrinhas, apesar da ligeira mordacidade com que o sorriso de Rafael sublinhara a resposta do Barbas, entenderam que não deviam deixar de entrar. O vento uivava nos telhados, grossos pingos de chuva começavam a cahir; por isso ella resolveu:

— Vamos lá. Recolhemo-nos ali até passar a chuva.
Adeante ia o policia e o ferro-velho, que reaccendera o seu coto, para atravessarem o corredor escuro e humido, como um túnnel. As tres senhoras seguiam-nos: a marqueza amparada pelas sobrinhas, visto o seu andar pouco firme em chão lamacento poder originar-lhe alguma qúeda. O cheiro nauseabundo de matadouro mal limpo que vinha do interior, obrigou-as a pararem duas vezes, n'esta curta distancia de trinta metros, para a fidalga respirar o seu frasquinho de saes e não se deixar vencer pela vertigem ou pelo enjôo. Durante a sua longa vida passada em confortaveis salões, nunca presumira poder sentir uma impressão tão energica e violenta sobre o seu cerebro. Começara a propositada campanha da caridade, sem conhecer a realidade escura e tenebrosa da desgraça, que incautamente agora viera observar. Surprehendia-se-lhe a consciencia com este torvo aspecto da vida humana nos desolados arraiaes do infortunio. Haveria no destino de alguns entes predestinação? Como era cruel nascer-se para tanto mal! Este caminhar de alguns minutos, quasi em trevas por uma interminavel sentina, parecera-lhe infinito... Porém ao fundo abriu-se uma porta que dera luz e a sensação fresca do ar livre. Sentiu a sua alma allivio, os seus sentidos refrigerio. Abrira-se a entrada para um barracão de madeira, imperfeitamente envidraçado d'um lado e mal agasalhado no todo. Aqui morara um vendedor de fressuras e por abandonado de inquilino, haviam-no dado temporariamente como refugio, á mãe dos cinco filhos.

As primeiras palavras, que as tres senhoras ouviram á entrada, sahiam da pobre mulher afflicta:

— Mas elle vae morrer já, meu senhor! Mas elle não durará nem um instantinho! Meu rico filho!...

— Não creatura, não morre, tenha socego. O cirurgião não tarda e salva-lh'o, — dizia uma voz consoladora.

O Barbas asseverava isto sentado n'um tosco banco, junto da immunda vidraça, com a creança sobre os joelhos. Despira o casacão e n'elle a embrulhara, como protecção contra o vento outonal, que esfusiava pelos numerosos buracos das paredes de taboas mal juntas e do tecto mal coberto. Amparava-lhe a cabeça, que descaía em desfallecimento nos intervallos em que a asphyxia não estava no seu auge. O rosto do innocente mostrava, n'estes momentos, pavorosa expressão do estupor, um espanto com os olhos excessivamente abertos designando vida attribulada. A pelle da face era livida, as veias do pescoço turgidas, e a cyanose já se pronunciava nos beiços e nas palpebras. Os beiços inchados, a bocca um buraco cheio pela lingua grossa. O peito anciava nos ultimos movimentos de inspiração, desejoso d'ar. O coração já sem força e sem energia para levar a vida aos confins do corpo, trabalhava extenuado.

As tres senhoras, quando deram com este quadro disseram entre si:

— Mas não dura um minuto, santo Deus!

O Barbas olhou-as sereno e reprehensivo pela imprudente exclamação e na sua voz natural affirmou:

— Não morrerá! Ponto é que o medico não tarde... Não tardará, conhece o perigo — resumiu com serenidade.

Quando elle acabava estas palavras a porta do barracão abriu-se e entrou Julião Esteves, com o seu rosto animado e vivo.

— Eil-o ahi! — affirmou triumphante o Barbas.

O facultativo, um homem de trinta annos, corpo meudo e magro, cabeça poderosa, olhar vivissimo, cortejou com o olhar as tres senhoras. Não comprehendia a rasão d'esta visita; mas as circumstancias não eram para averiguações. Porém o esperto Rafael, satisfel-o logo:

— Senhoras que andam a visitar doentes.

A velha marqueza accrescentou na sua voz serena:

— Somos d'uma associação de caridade.

— Ah!... Pois este doentinho bem precisa de socCôrro.

E sem se distrahir um momento do seu proposito, accrescentou para o Barbas:

— Não ha tempo a perder. Vamos operal-o já. Podel-o retirar hoje?

— Immediatamente se fôr possivel. Logo deve estar ahi uma maca da policia. Pareceu-me o melhor...

Julião Esteves despiu o casaco, e em mangas de camisa dispoz sobre uma folha de papel o seu instrumental cirurgico, que já trazia apartado para a circumstancia.

— Agora attendemos ao perigo imminente da soffocação. O resto para depois. Vê se podes deitar a

creança e arrumar a cama para junto d'esta vidraça, onde ha mais luz.

João da Terra, o Barbas, levantou-se para proceder conforme a indicação. Kate, com os olhos vibrantes e o rosto afflicto, approximou-se para dizer:

— Eu tomo a creança, emquanto arruma o leito.

O medico avisou:

— É molestia imminentemente contagiosa, o *croup*. Corre-se muito risco.

— Oh! Kate, — observou receiosa a velha marqueza.

— Deixe minha tia. Nossa Senhora não hade permittir...

O Barbas pousou-lhe nos braços o doentinho, sorrindo-se da ingenuidade. E por entre dentes, emquanto ia para a misera cama de ferro, accrescentou:

— O microbio não se leva com resas, minha menina.

O facultativo dirigiu-se a Kate, sorrindo benevolente á sua caridade:

— O Barbas já está habituado. Não é a primeira a que me ajuda. Permitta-me que o prefira depois.

— Eu porém tambem posso servir para alguma coisa.

— E eu tambem — offereceu-se Annica de Sousa.

— Muito bem, terão ambas o seu quinhão no trabalho — condescendeu Julião sorrindo, e preparando-se para operar.

O Barbas, já tinha arrumado a cama para junto da vidraça, sendo n'isto auxiliado pelo policia. Recebeu de novo a creança dos braços de Kate; depositou-a na pobre euxerga, com esmero e carinho egual ao da mais geitosa das mães. O pequenino e magro cor-

po, inquieto nas ancias da soffocação, fazia os ultimos esforços para viver. Julião observou ao seu ajudante:

—E' melhor collocares-te por traz da cabeceira, para lhe segurares a cabeça. E o amigo (disse para o policia indicando o fundo da enxerga) senta-se ali e não consinta que mecha as pernas. Mas com geito, percebeu?—concluiu sorrindo.

Emquanto dispunha os instrumentos na ordem pela qual Annica de Sousa lh'os entregaria, accrescentou:

—Mal imaginava encontrar tantos e tão bons ajudantes. Quantas vezes nós ambos sós, temos feito isto!...

E indicou o Barbas, seu companheiro.

Kate esperava attenta o logar que lhe seria assignado. O operador collocou o doente a tres quartos para a luz, a cabeça e pescoço alteados pelo casacão de João da Terra, que servia de travesseiro. Ergueu-lhe com brandura o queixo, para diminuir o perigo de asphyxia eminente. Depois experimentou a posição em que desejava operar, que seria por forma a não lhe faltar claridade. Já todos estavam nos seus logares, quando Julião tomando nas suas, as mãositas do padecente, disse para Kate:

—Já que deseja um logar... Este é dos de maior importancia. Que não esmoreça, e não lhe consinta movimentos nos braços.

Catharina, com rosto sereno, porém de evidente concentração e força nervosa, ajoelhou-se na terra para melhor satisfazer ao que lhe fôra prescripto, emquanto

o operador explicava a Annica de Sousa as suas obrigações:

— Primeiro este instrumento, depois este, em seguida este... como estão dispostos. O meu amigo — disse para o velho Rafael — quando eu lh'os entregar depois de servirem, põe-m'os ali para eu os limpar e recolher.

E a modo que ia falando collocava n'um tosco banco, sobre o mesmo papel onde os trouxera embrulhados, o bisturi de ponta romba, a pinça dilatadora, a canula dupla. Na mão já tinha o tenaculo para fixar o ponto da gorja onde rasgaria a abertura e o bisturi simples com que a faria, seguindo o processo operatorio de Chassaignac.

A tensão dos espiritos era enorme, como se se tratasse de salvar a vida d'um principe, herdeiro de grandezas. A physionomia serena e convicta do operador, a sua calma sobriedade de movimentos e palavras, a nobreza simples e quasi terna de João da Terra, com a sua longa barba de evangelista, tinham levado a todos os espiritos, especialmente aos das senhoras que accidentalmente se encontravam envolvidas n'este drama obscuro, essa fimreza heroica indispensavel nos lances supremos da existencia. As circumstancias especiaes em que o caso se estabelecera e corria, impunham a cada um a comprehensão clara do seu dever. Estas intelligencias, differentemente dispostas para apreciarem os aspectos da vida, trabalhavam agora harmonicas e imperturvaveis, seguindo n'uma região limpida e lavada de preconceitos. A pobre mãe, ver-

gando ao peso da commoção, arrumara-se para um canto, o rosto contra a parede a fim de esconder a sua dôr. A velha marqueza cercou-se d'ella:

— Creio que o seu filho escapará, boa mulher. O seu futuro d'elle fica por minha conta...

Porem tanto ella como suas sobrinhas viviam, este momento, n'uma concentração formidavel de força nervosa. O brilho e inquietação dos olhos, a fixidez dos traços faciaes, a palidez do rosto, a brancura dos beiços eram signaes patentes da grande batalha, que nos seus cerebros se dava. Porém a todos se impunha o aspecto proffissional de Julião Esteves e a placidez convicta do Barbas. O operador continuava os seus preparativos, sem o menor desarranjo no raciocinio, e com a serenidade só conquistada n'uma alta comprehensão do dever e no habito profissional. Tomava os instrumentos, examinava-os antes de os passar na chamma de alcool, como se fossem flores que estivesse colhendo distrahidamente d'um canteiro, e de que houvesse de formar um odorifero ramalhete. Este socego de animo perante o perigo, mostrava saber e força espiritual, que a todos os assistentes tranquilisava, apesar das sombras de morte proxima, que já pairavam sobre o rosto da creança. Concluidos os preliminares, designado o ponto operatorio no pescoço do innocente, a mão firme de Julião já levava, pela gotteira do tenaculo, a ponta luminosa do bisturi que ia ferir a pelle branca. Os dedos brancos de Kate, entre os quaes estavam presos os pequeninos dedos do padecente, denunciaram ligeira convulsão; mas o firme olhar do operador

restituira-lhe fixidez e energia, obrigando-a a olhar sem perturbação a ponta do ferro, que logo fez apparecer na pelle as primeiras gottas de sangue, escorrendo em fio e deixando traço vermelho. Kate já tinha a vista n'uma nuvem de lagrimas que tudo envolvia; porém as suas mãos conservaram-se quietas como se fossem de marmore.

— Outro instrumento — disse Julião entregando ao velho Rafael o primeiro de que se servira.

E promptamente Annica de Sousa lhe entregou o bisturi rombo, que elle introduziu no golpe aberto, começando a rasgar a gorja, de cima para baixo, na extensão julgada sufficiente. Os labios da ferida logo foram afastados pela pinça dilatadora, patenteando-se na abertura o interior d'onde burbulhava sangue, como d'um ventre insondavel. Esta bocca escancarada na pelle flacida do turgido pescoço da creança, foi logo cheia pela canula dupla, que o operador introduziu com inclinação para o peito. O innocente deu um suspiro, que parecia o ultimo da sua vida; mas logo uma fulgurante claridade lhe illuminou todo o semblante. Os olhos recuaram nas orbitas, os labios franziram-se n'uma expressão mais natural, a côr cyanotica empallideceu, a turgidez da face e do pescoço diminuiu. Todos os que seguiam anciosos esta scena dolorosa sentiram allivio nos corações oppressos; porque uma aurora, mais bella do que a do nascimento do sol, surgira n'aquella misera existencia.

— Por agora está salvo — disse Julião. Póde segurar isto? — pediu a Kate.

Entregara-lhe o cuidado de manter a canula, por onde o ar entrando refrigerava os pulmões, emquanto a segurava, laçando-a na nuca com as fitas appensas a este instrumento. E ao levantar o tronco n'um desafogo, esclareceu:

— Se me demoro minutos estava morto. Agora só ha a temer o envenenamento da molestia. (E sorrindo ao passar os olhos pela miseria do barracão). O que nos falta é qualquer coisa, ligadura ou panno, com que possamos proteger o pescoço, em quanto o transportam a melhor logar.

Annica de Sousa e Kate apresentaram os seus lenços de cambraia, que foram acceitos e utilisados. O Barbas erguendo o seu grande corpo, no meio da casa terrea, tomou o operador entre os braços, exclamando com voz de enthusiasmo e reconhecimento:

— És um grande coração e um grande medico! A creança já não soffre, vejam! — apontou n'um gesto de triumpho.

Todos reconheceram este facto, relanceando a vista sobre o aspecto do innocente! Desapparecera-lhe quasi por completo a turgidez do pescoço, a cyanose da face, a ancia da bocca, o arregalado dos olhos. Ainda havia signaes alarmantes de molestia grave, na pallidez de cera, no abandono de todo o corpo ao calor consumptivo, na insensibilidade da expressão facial. A mãe do innocente agradecia silenciosa, com as mãos postas e as lagrimas a correrem-lhe em fio. E o Barbas, com os seus modos rudes e corpo desgeitoso, observou-lhe:

— Agora não deve chorar creatura! Póde ir lá visitar o seu filho, que eu lh'o deixarei vêr se fôr possivel.

Era necessario transportar a creança para a maca, que na rua esperava aquelle corpo emmagrecido. Ordenara-o o facultativo, depois de ter limpado o sangue de suas mãos com o lenço, que tirara do bolso e embrulhara cuidadosamente com os instrumentos. A mãe e o policia offereceram-se para o levarem; porém, o Barbas, afastou-os com certo desembaraço, entendendo:

— Isso agora é commigo, que já tenho o geito d'estas coisas...

E tomou o misero corpo, agasalhado no seu casacão, com todo o carinho d'uma esmerada enfermeira. Sempre fixo, o pensamento, de na terra anniquilar a Dôr, tinha n'esta hora a alma inundada de alegria e disse para o Rafael, sem de mais nada curar:

— Alumie lá deante, seu velhote, com o coto de vela. Se me deixa escorregar, mato-o, percebeu?

Abalou o tronco agigantado, aos solavancos, como era o seu modo. Julião, que ainda ficara, disse para as tres senhoras:

— Nunca tive, na minha vida de medico, ajudantes como hoje. E quero pagar esta honra com um conselho, como é meu dever. Estamos n'um dos peiores casos de diphteria, molestia eminentemente contagiosa e mortifera. Portanto é necessario sugeitarem, todo o seu vestuario, a uma desinfecção, e communicarem com o menor numero de pessoas, antes d'isso.

A velha marqueza, já desoppressa, disse:

— Muito lhe agradecemos o aviso. Não imagina

quanto admiro a sua caridade e a do seu amigo. Mas ser-nos-ha possivel saber, para onde vae esta creança?

— Para logar onde encontrará todo o preciso. Tranquillise o seu coração, minha senhora.

— Se fosse necessario algum auxilio, nós pertencemos a uma associação da caridade, a *Esmola*. .,

— Para este caso não ha necessidade. (E voltando-se para a desolada e agradecida mãe). Boa mulher, o seu filho talvez não morra! Eu a avisarei para um dia ir vêl-o.

E despedindo-se das tres senhoras, concluiu:

— Tenho de acompanhar o nosso doentinho. Aquelle apparelho foi imperfeitamente collocado, por falta de recursos. É indispensavel remediar no mais breve espaço...

A velha marqueza e suas sobrinhas, ainda ficaram, para deixarem alguns recursos á miseravel, que habitava o barracão, e tambem para d'ella inquirirem que especie de casa era essa, para onde lhe levavam o filho. Foram insufficientes os esclarecimentos; pois aquelle sugeito que lhe trouxera o cirurgião, nunca ella o tinha visto antes, nem sabia quem elle fosse.

— Mas como é que, então, soube, estar aqui o seu filho, em tão perigoso estado?

— É que vem ao pateo, visitar um amigo. As visinhas falaram-lhe da minha grande desgraça; por isso aqui entrou para ver.

Fóra, no pateo, pouco mais poderam accrescentar. A velha marqueza recommendou muito ao policia, o Lucas, ordenando que o levasse com urgencia para S. José.

Ainda voltou a vêl-o, e lá estava insensivel, indifferente, com o olhar vago, o corpo magrinho sobre o montão de papeis e trapos.

Ao entrarem de novo na carruagem, disse a fidalga, recostando-se e cerrando os olhos:

— Mas quem serão estes dois homens? o medico e o tal Barbas?!...

Kate, n'uma voz de simples esclarecimento, sem dar relevo ao caso, respondeu:

— Manuel conhece-os, e dá-se com elles. Já me tem falado d'um hospital, que recolhe creanças.

A fidalga pronunciou com certo franzir de labios:

— Ora... se teu irmão não havia de conhecer estes excentricos! Outros como elle...

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

DO PRIMEIRO VOLUME